



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOSÉ ALBERTO GOMES VICENTE**

**Os escritos pneumatológicos de S. João Paulo II**  
**Encíclica *Dominum et vivificatem* (1986) e catequeses**  
**(1989-91 e 1998)**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor José Jacinto Ferreira de Farias

**Lisboa**  
**2014**

## **VINDE, ESPÍRITO DE AMOR E DE PAZ!**

*Oração de S. João Paulo II no segundo ano de preparação para o grande Jubileu do ano 2000*

Espírito Santo, hóspede amável dos corações  
manifestai-nos o sentido profundo do Grande Jubileu  
e disponde o nosso espírito para o celebrarmos com fé,  
na esperança que não desilude,  
na caridade desinteressada.

Espírito de verdade, que perscrutais as profundezas de Deus,  
memória e profecia da Igreja,  
levai a humanidade a reconhecer, em Jesus de Nazaré,  
o Senhor da glória, o Salvador do mundo,  
o cumprimento supremo da História.  
*Vinde, Espírito de amor e de paz!*

Espírito Criador, secreto construtor do Reino,  
com a força dos vossos santos dons, dirigi a Igreja  
para transpor com coragem o limiar do novo milénio,  
a fim de levar às gerações que hão-de vir  
a luz da Palavra salvadora.

Espírito de santidade, sopro divino que agita o universo,  
vinde e renovai a face da terra.  
Suscitai, nos cristãos, o desejo da unidade plena,  
para serem, no mundo, sinal e instrumento eficaz  
da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano.  
*Vinde, Espírito de amor e de paz!*

Espírito de comunhão, alma e sustentáculo da Igreja,  
fazei que a riqueza de carismas e ministérios  
contribua para a unidade do Corpo de Cristo;  
fazei que leigos, consagrados e ministros ordenados  
concorram unânimes para a edificação do único Reino de Deus.

Espírito de consolação, fonte inesgotável de alegria e de paz,  
despertai a solidariedade por quem vive na miséria,  
proporcionai aos doentes o conforto de que precisam,  
infundi, em quem se acha na provação, firmeza e esperança  
e, em todos, reavivai o empenho por um futuro melhor.  
*Vinde, Espírito de amor e de paz!*

Espírito de sapiência, que sensibilizais as inteligências e os corações,  
orientai o caminho da ciência e da técnica  
para o serviço da vida, da justiça, da paz.  
Tornai fecundo o diálogo com os membros de outras religiões,  
fazei que as diversas culturas se abram aos valores do Evangelho.

Espírito de vida, por cuja obra o Verbo encarnou  
no seio da Virgem Maria, mulher do silêncio à escuta,  
tornai-nos dóceis às sugestões do vosso amor  
e sempre prontos a acolher os sinais dos tempos  
que Vós colocais nos caminhos da História.  
*Vinde, Espírito de amor e de paz!*

A Vós, Espírito de amor,  
com o Pai onipotente e o Filho unigénito,  
seja dado louvor, honra e glória  
pelos séculos sem fim. *Ámen.*

# ÍNDICE

Índice.....	2
Abreviaturas Bíblicas.....	4
Introdução.....	5
I Capítulo.....	10
A Encíclica <i>Dominum et vivificantem</i> .....	10
1.1. O Espírito do Pai e do Filho dado à Igreja.....	11
1.1.1. «O Discurso de Despedida»: Ápice da Revelação Trinitária.....	12
1.1.1.1. A comunicação de Deus uno e trino no Espírito Santo.....	13
1.1.1.2. Messias, «ungido com o Espírito Santo».....	14
1.1.1.3. As teofanias trinitárias.....	15
1.1.1.3.1. A teofania trinitária por ocasião do batismo no Jordão.....	15
1.1.1.3.2. A teofania trinitária da «exultação no Espírito Santo».....	15
1.1.1.3.3. A doação do Espírito Santo po Cristo Ressuscitado.....	16
1.2. O Espírito Santo que convence o Mundo quanto ao pecado.....	16
1.2.1. O <i>mysterium pietatis</i> como resposta ao <i>mysterium iniquitatis</i> (nn. 30-32).....	17
1.2.1.1. Testemunho do dia de Pentecostes.....	18
1.2.1.2. O testemunho do princípio: a realidade original do pecado.....	18
1.2.2. O <i>pecado original</i> na sua relação com o mistério de Cristo (nn. 32-42).....	19
1.2.3. A <i>consciência</i> como sede do Espírito Santo (nn. 42-48).....	20
1.2.4. A blasfêmia contra o Espírito Santo.....	21
1.3. O Espírito que dá a vida.....	21
1.3.1. Submissão ou resistência à ação salvífica do Espírito Santo.....	22
1.3.2. O Espírito Santo no fortalecimento do «homem interior».....	22
1.3.3. A Igreja consciente da imensidade do Dom põe-se ao serviço da vida divina ..	23
II Capítulo.....	25
As Catequeses sobre o Credo.....	25
2.1. A vinda do Espírito Santo como realização plena da Nova Aliança.....	25
2.1.1. A preparação remota da vinda do Espírito Santo no Antigo Testamento.....	26
2.1.1.1. O Nome <i>ruah</i> .....	26
2.1.1.2. A ação criadora do Espírito Santo.....	27
2.1.1.3. A ação diretiva e profética do Espírito Santo na História de Israel.....	28
2.1.2. A preparação imediata da vinda do Espírito Santo no Novo testamento.....	29
2.1.2.1. O acontecimento do Pentecostes.....	30
2.2. A Revelação do Espírito Santo na Missão de Jesus Cristo.....	32
2.2.1. O Espírito Santo no Mistério da Encarnação.....	33
2.2.2. O Espírito Santo nos mistérios da infância e da vida oculta de Jesus.....	35
2.2.3. O Espírito Santo no Batismo e na Vida Pública de Cristo.....	36
2.2.4. A experiência do deserto.....	36

2.2.5. O Espírito Santo na Morte e Ressurreição de Cristo .....	37
2.3. A Revelação do Espírito Santo como pessoa Divina .....	39
2.3.1. A pedagogia da Revelação sobre a Pessoa do Espírito Santo .....	39
2.3.2. A Revelação do Espírito Santo como Pessoa divina na Sagrada Escritura .....	40
2.3.3. A ação da Pessoa do Espírito Santo segundo os Evangelhos Sinóticos .....	41
2.3.4. A ação da pessoa do Espírito Santo segundo São João .....	41
2.3.5. A ação pessoal do Espírito Santo segundo a doutrina paulina .....	42
2.3.6. A Pessoa do Espírito Santo nos símbolos .....	43
2.3.6.1. Os símbolos do vento, da pomba e do fogo .....	44
2.3.6.2. Os símbolos da unção com óleo e da água.....	44
2.3.7. A pessoa divina do Espírito Santo no Mistério trinitário.....	46
2.3.7.1. A questão da «origem» do Espírito Santo .....	49
2.3.7.2. Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho .....	51
2.3.7.3. O Espírito Santo como <i>Pessoa-Dom</i> .....	52
2.4. O Espírito Santo e a Igreja.....	54
III Capítulo .....	57
Preparando o ano jubilar .....	57
3.1. A ação do Espírito Santo no Mundo e na História da Humanidade.....	58
3.1.1. O Espírito Santo e as «sementes de verdade» presentes nas religiões não-cristãs e no pensamento humano .....	62
3.1.2. O Espírito Santo e os Sinais dos Tempos .....	65
3.2. O Espírito Santo e a Vida Eterna .....	66
3.3. A virtude teologal da Esperança .....	70
3.4. Maria e o Espírito Santo .....	73
IV Capítulo .....	75
Os contributos de S. João Paulo II para a Pneumatologia.....	75
4.1. A redescoberta da Pneumatologia no século XX.....	75
4.2. A Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II.....	78
4.2.1. O Espírito Santo nas profundidades de Deus .....	80
4.2.2. O Espírito Santo na <i>Oikonomia</i> da Salvação .....	81
4.2.2.1. Mistério da Criação.....	81
4.2.2.2. Mistério da Encarnação.....	82
4.2.2.3. Mistério da Redenção.....	84
4.3. A relação do Espírito Santo com Cristo .....	86
4.4. A relação do Espírito Santo com Maria.....	87
4.5. A relação do Espírito Santo com o tempo da Igreja.....	89
4.5.1. <i>Ad intra ecclesiam</i> .....	92
4.5.2. <i>Ad extra ecclesiam</i> .....	95
Conclusão .....	99
Bibliografia.....	103
1. Fontes .....	103
2. Bibliografia auxiliar .....	108
3. Bibliografia complementar .....	110

## ABREVIATURAS BÍBLICAS

<b>Abd</b> - Profeta Abdias	<b>Js</b> - Josué
<b>At</b> - Atos dos Apóstolos	<b>Jz</b> - Juízes
<b>Ag</b> - Profeta Ageu	<b>Lc</b> - Evangelho de S. Lucas
<b>Am</b> - Profeta Amós	<b>Lm</b> - Lamentações
<b>Ap</b> - Apocalipse de João	<b>Lv</b> - Levítico
<b>Br</b> - Profeta Baruc	<b>1 Mac</b> - 1.º Livro dos Macabeus
<b>Cl</b> - Carta aos Colossenses	<b>2 Mac</b> - 2.º Livro dos Macabeus
<b>Ct</b> - Cântico dos Cânticos	<b>Mc</b> - Evangelho de S. Marcos
<b>1 Cor</b> - 1.ª Carta aos Coríntios	<b>Ml</b> - Profeta Malaquias
<b>2 Cor</b> - 2.ª Carta aos Coríntios	<b>Mq</b> - Profeta Miqueias
<b>1 Cr</b> - 1.º Livro das Crónicas	<b>Mt</b> - Evangelho de S. Mateus
<b>2 Cr</b> - 2.º Livro das Crónicas	<b>Na</b> - Profeta Naum
<b>Dn</b> - Profeta Daniel	<b>Ne</b> - Neemias
<b>Dt</b> - Deuterónimo	<b>Nm</b> - Números
<b>Ecl</b> - Eclesiastes (ou Qohélet)	<b>Os</b> - Profeta Oseias
<b>Ef</b> - Carta aos Efésios	<b>1 Pe</b> - 1.º Carta de S. Pedro
<b>Esd</b> - Esdras	<b>2 Pe</b> - 2.º Carta de S. Pedro
<b>Est</b> - Ester	<b>Pr</b> - Provérbios
<b>Ex</b> - Êxodo	<b>Rm</b> - Carta aos Romanos
<b>Ez</b> - Profeta Ezequiel	<b>1 Rs</b> - 1.º Livro dos Reis
<b>Fl</b> - Carta aos Filipenses	<b>2 Rs</b> - 2.º Livro dos Reis
<b>Fln</b> - Carta a Filémon	<b>Rt</b> - Rute
<b>Gl</b> - Carta aos Gálatas	<b>Sb</b> - Sabedoria
<b>Gn</b> - Génesis	<b>Sf</b> - Profeta Sofonias
<b>Hab</b> - Profeta Habacuc	<b>Sir</b> - Ben Sira (antigo Eclesiástico)
<b>Heb</b> - Carta aos Hebreus	<b>Sl</b> - Salmos
<b>Is</b> - Profeta Isaías	<b>1 Sm</b> - 1.º Livro de Samuel
<b>Jb</b> - Job	<b>2 Sm</b> - 2.º Livro de Samuel
<b>Jd</b> - Carta de Judas	<b>Tb</b> - Tobite
<b>Jdt</b> - Judite	<b>Tg</b> - Carta de S. Tiago
<b>Jl</b> - Profeta Joel	<b>1 Tm</b> - 1.ª Carta a Timóteo
<b>Jn</b> - Profeta Jonas	<b>2 Tm</b> - 2.ª Carta a Timóteo
<b>Jo</b> - Evangelho de S. João	<b>1 Ts</b> - 1.ª Carta aos Tessalonicenses
<b>1 Jo</b> - 1.ª Carta de S. João	<b>2 Ts</b> - 2.ª Carta aos Tessalonicenses
<b>2 Jo</b> - 2.ª Carta de S. João	<b>Tt</b> - Carta a Tito
<b>3 Jo</b> - 3.ª Carta de S. João	<b>Zc</b> - Profeta Zacarias
<b>Jr</b> - Profeta Jeremias	

# INTRODUÇÃO

A presente dissertação sobre *Os escritos pneumatológicos de S. João Paulo II: Encíclica Dominum et vivificatem (1986) e catequeses (1989-91 e 1998)* insere-se no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa, da Faculdade de Teologia em Lisboa.

A razão da escolha deste tema tão fundamental para a fé e a vida cristã foi o simples facto de que o último ano de preparação do programa diocesano pastoral (2013/2014) – “*O Espírito cria unidade e envia em missão*”<sup>1</sup> – rumo à celebração dos 500 anos da Criação da Diocese do Funchal fez reavivar a fé na Pessoa divina do Espírito Santo e a memória daquela visita extraordinária do Papa polaco, hoje S. João Paulo II, à Pérola do Atlântico no dia 12 de Maio de 1991<sup>2</sup>. Uma visita pastoral que, apesar de breve, como referiu D. António Carrilho, Bispo do Funchal, «se tornou parte importante e inolvidável do património espiritual, religioso e cultural de todo o Povo Madeirense»<sup>3</sup>. Nessa ocasião, na homilia da Eucaristia da Solenidade da Ascensão do Senhor no Estádio dos Barreiros, o Santo Padre salientou: «a Igreja, só com a força do Espírito Santo é que pode dar testemunho de Cristo.

---

<sup>1</sup>«Auguramos que estas comemorações dos 500 anos da Diocese possam contribuir para avivar a memória dos nossos valores, criar novos projetos e novas formas de compromisso da Igreja com as pessoas e a sociedade do nosso tempo. Recordando o passado no presente, saibamos responder aos novos desafios com que nos deparamos no campo da fé e da cultura, da ação educativa e social.

Confiamos à Santíssima Trindade-Pai, Filho e Espírito Santo-o nosso desejo e grande empenho em edificar comunidades cristãs vivas e apostólicas, renovar as nossas festas e tradições, reavivar e intensificar o espírito missionário das instituições da Igreja, que se há de apresentar, cada vez mais, como verdadeira “Igreja em Missão”!» (A. CARRILHO, *Nota de apresentação do programa dos 500 anos da Diocese* [Conferência de imprensa no dia 17 de Maio de 2014], in <http://www.diocesedofunchal.pt/500-anos/nota-de-apresentacao-do-programa-dos-500-anos-da-diocese:626>). Página consultada no dia 20 de Abril de 2014 às 13h.10m.

<sup>2</sup>Cf. TEODORO DE FARIA, *João Paulo II – Pastor Universal na Madeira* (Funchal: Editado por Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), 2011).

<sup>3</sup>Cf. A. CARRILHO, *Mensagem de Evocação da Visita do Papa João Paulo II*, in <http://www.diocesedofunchal.pt/bispo-do-funchal/mensagens/evocacao-da-visita-do-papa-joao-paulo-ii:178>. Página consultada no dia 20 de Abril de 2014 às 13h. 12m

Apenas com a Sua força, pode pregar eficazmente o Evangelho a toda a criatura»<sup>4</sup>.

Hoje, passados 23 anos da sua visita ao Arquipélago da Madeira, o atual Sucessor de Pedro, o Papa Francisco, desafia-nos a manter vivo o ardor missionário e sublinha que o Espírito Santo é a alma da Igreja evangelizadora. No entanto, para que o referido impulso evangelizador possa ter efeito, é necessário que cada cristão tenha uma confiança generosa no Espírito Santo, conheça e ame a sua fé.

De facto, desde as suas origens, o Cristianismo sempre acreditou no Espírito Santo e na Sua divindade. A Igreja apostólica, sem cessar, sempre exprimiu e transmitiu, testemunhou e comunicou a sua fé no Mistério da Santíssima Trindade em fórmulas breves, de modo articuladas, numa linguagem comum, mas normativa para todos os crentes. Em diferentes épocas da sua vida, a Igreja compendiou em múltiplas “profições de fé”, formas de “Credo” e fórmulas de “símbolos da fé” pelas quais salvaguardou intactas as principais verdades da fé professadas na fórmula batismal (Cf. Mt 28,19), nomeadamente, a verdade sobre a existência eterna do Espírito Santo, como Pessoa distinta, em Deus, do Pai e do Filho. Ao mesmo tempo, a Igreja nunca deixou de propor, sobretudo aos catecúmenos por ocasião do Batismo, a mesma fé trinitária como sinal de identidade cristã e de fidelidade ao legado apostólico no decurso dos séculos.

Porém, hoje, no início do Terceiro Milénio, por causa de uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas, a fé já não é um pressuposto óbvio da vida diária de muitos cristãos. Infelizmente, muitas pessoas batizadas não vivem as exigências do seu Batismo, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé<sup>5</sup>. Além disso, muitos países de antiga tradição cristã se tornaram refratários à mensagem evangélica. A rutura entre a fé e a vida demonstra inegavelmente que hoje temos necessidade que o Credo seja mais bem conhecido, compreendido e pregado, principalmente, no que se refere ao artigo de fé na Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Pois, apesar da fé no Espírito Santo estar no coração da fé cristã, as palavras do Símbolo Niceno-Constantinopolitano, fruto dos primeiros dois Concílios Ecuménicos de Niceia (325) e de Constantinopla (381), realçarem a divindade e a personalidade do Espírito Santo, o Concílio Vaticano II ter recuperado o impulso eclesial e teológico do primeiro Milénio e a Pneumatologia ter experimentado um significativo progresso nas últimas décadas do século

---

<sup>4</sup>JOÃO PAULO II, *Homilia durante a Santa Missa no estádio dos Barreiros do Funchal. A Ascensão do Senhor é a solenidade da maturação no Espírito Santo*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIV, 1 (1991) 1208.

<sup>5</sup>Cf. PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 14 (Lisboa: Editora Paulinas, 2013) 15.

XX, para muitos cristãos, ainda hoje, o Espírito Santo continua sendo um “Deus desconhecido”. Como o ressalta as palavras do Papa Francisco na missa matutina de segunda-feira, 12 de Maio de 2013, na Capela da Casa Santa Marta:

Hoje, muitos cristãos não sabem quem é o Espírito Santo, como Ele é. E algumas vezes, ouve-se dizer: “Mas eu me arranjo com o Pai e o Filho: rezo o Pai Nosso ao Pai, faço a comunhão com o Filho, mas com o Espírito Santo... não sei o que fazer”. Ou então se diz: “O Espírito Santo é a pomba, aquele que nos dá sete dons...”. Mas assim, o pobre Espírito Santo fica sempre no fim e não encontra um bom lugar em nossas vidas<sup>6</sup>.

Por isso, não foi por acaso que S. João Paulo II quis que o *Catecismo da Igreja Católica*, norma segura para o ensinamento da fé, se inspirasse no *Credo* como elemento estrutural da transmissão da fé cristã. De facto, diante deste cenário em que muitos cristãos, por um lado, não conhecem nem sequer o núcleo central da sua fé e, por outro, a dignidade da vida humana é ameaçada por uma cultura materialista, que o Papa polaco descreveu como uma «cultura de morte»<sup>7</sup>, torna-se urgente e é um verdadeiro desafio para a Igreja despertar a fé dos cristãos e oferecer aos homens, desorientados e inquietos, razões de esperança. Trata-se de um desafio em que a Igreja, ao realizar a sua missão de catequizar, deve estar bem consciente de agir como instrumento vivo e dócil do Espírito Santo, pois Ele é a fonte e o motor da renovação da Igreja de Cristo<sup>8</sup>.

No entanto, não será supérfluo recordar aqui o seguinte: o primeiro serviço do Sucessor de Pedro é de proclamar a Fé da Igreja. Como pastor universal, a missão do Papa é confirmar os seus irmãos na fé e garantir a ortodoxia do depósito da doutrina de Cristo (Cf. Lc 22, 31). Esta missão doutrinal, o Romano Pontífice cumpre-a, ordinariamente, mediante intervenções, orais e escritas, e mediante iniciativas autorizadas e instituídas de ordem científica e pastoral<sup>9</sup>. Assim, entre os muitos frutos mais significativos deixados em herança por S. João Paulo II à Igreja Católica destaca-se o denso e riquíssimo Magistério com que confirmou e iluminou o Povo de Deus sobre a verdade revelada relativamente à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Na verdade, a doutrina pneumatológica ocupa um lugar singular no pensamento deste papa polaco.

---

<sup>6</sup>PAPA FRANCISCO, *O Espírito Santo é quem nos recorda as coisas de Deus*, in <http://www.news.va/pt/news/papa-francisco-o-espírito-santo-e-quem-nos-recorda>. Página consulta no dia 20 de Abril de 2013 às 13h.20m.

<sup>7</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Encíclica *Evangelium vitae* (25 de Março de 1995), 21, in AAS 87 (1995), 424.

<sup>8</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso de encerramento do Congresso Teológico Internacional de Pneumatologia* (26 de Março de 1982) 1, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, V/1 (1982), 1004.

<sup>9</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Audiência Geral de 10 de Março de 1993, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XVI/1 (1993), 595-596.

Neste sentido, esta dissertação pretende, através dos escritos pneumatológicos de S. João Paulo II, visitar os principais textos do seu ensino pneumatológico e estudá-los no conjunto geral da Revelação da Pessoa divina do Espírito Santo, da Sua presença e ação na vida da Igreja, da alma do Homem e no Mundo e observar quais são os seus grandes contributos para a Pneumatologia Católica. Sendo, porém, impossível aqui executar um estudo exaustivo de toda a sua prodigiosa obra teológica e pastoral, procuraremos centralizar-nos especialmente em duas fontes:

**A.** A sua encíclica *Dominum et vivificantem* (1986).

**B.** Os ciclos pneumatológicos das *Catequese sobre o Credo* realizadas durante as audiências gerais de quarta-feira, particularmente, entre os períodos de 26 de Abril de 1989 a 3 de Julho de 1991 e durante o 2º ano do triénio na preparação do Grande Jubileu do Ano 2000<sup>10</sup>.

Quanto ao método de análise das fontes seguiremos o método narrativo, sistemático, embora seja necessário ser sensível à arte do pensamento circular de S. João Paulo II na exposição do seu ensino pneumatológico.

Quando ao esquema, apresentaremos a dissertação estruturada em quatro capítulos. Começando com o primeiro capítulo, intitulado A Encíclica *Dominum et vivificantem* (1986), analisaremos a sua encíclica conclusiva da sua trilogia que, desde as suas primeiras palavras, dedica inteiramente a Pessoa divina do Espírito Santo e que não só nos oferece uma exposição resumida da doutrina da Igreja e da teologia latina, mas constituiu um notável desenvolvimento e um ponto crucial do seu ensino pneumatológico.

No segundo capítulo, intitulado as *Catequese sobre o Credo*, procuraremos analisar principalmente o modo e a forma como S. João Paulo II aborda a Revelação da Pessoa divina do Espírito Santo no âmbito da *oikonomia* e da *theologia*, isto é, no âmbito da História da Salvação e do Mistério da vida íntima de Deus a partir da análise das 82 catequese sobre o Espírito Santo realizadas ao longo das audiências gerais de Quarta-feira dos anos 1989 a 1991 sob o guia do artigo pneumatológico do Símbolo Niceno-Constantinopolitano com o qual a Igreja desde o século IV proclama doutrinariamente a fé que nasce da experiência apostólica do Pentecostes.

---

<sup>10</sup>«Desde o seu primeiro documento que o *actual pontificado fala explicitamente do Grande Jubileu*, convidando a viver o período de espera como «um novo advento». Ao mesmo tema se voltou outras vezes depois, detendo-se nele amplamente a Encíclica *Dominum et vivificantem*. De facto, a preparação do ano 2000 torna-se quase sua chave hermenêutica» (JOÃO PAULO II, Carta Apóstolica *Tertio Millennio Adveniente* [10 de Novembro de 1994], 23 in AAS 87 [1995] 19).

No terceiro capítulo, intitulado *Preparando o ano Jubilar*, abordaremos as catequeses do 2º ano do triênio preparatório do Grande Jubileu do Ano 2000, proposto por S. João Paulo II na sua Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, principalmente, tentar-se-á compreender o modo como ele vê a presença e a ação do Espírito Santo na vida do Homem e no Mundo. Concretamente, a Sua ação fora do âmbito eclesial, nomeadamente, nas outras Religiões não cristãs, e as sementes e os sinais de esperança no campo da cultura e do pensamento.

No quarto capítulo, intitulado *Os contributos de S. João Paulo II para a Pneumatologia*, procuraremos apresentar em linhas gerais os seus grandes contributos do seu ensino para a pneumatologia, mas também os seus contributos para a redescoberta da presença e da ação da Pessoa divina do Espírito Santo no Mistério de Cristo, da Igreja, da Virgem Maria, bem como para o desenvolvimento do diálogo ecuménico e inter-religioso.

Finalmente esperamos que o aprofundamento deste importante e vital tema da teologia e da vida cristã em S. João Paulo II possa entusiasmar os seus leitores a um encontro verdadeiro e pessoal com o Espírito da Verdade e a renovar o entusiasmo missionário e apostólico da Igreja de Cristo.

# I CAPÍTULO

## A ENCÍCLICA *DOMINUM ET VIVIFICANTEM*

A 18 de Maio de 1986, na Solenidade de Pentecostes, imediatamente após a recitação da *Regina Caeli*, o Santo Padre anunciou a toda a Igreja que publicaria uma Carta Encíclica sobre o Espírito Santo<sup>11</sup>. «A Encíclica *Dominum et vivificantem* é considerada como o cume do ensino pneumatológico do Pontífice»<sup>12</sup>. Terceira na ordem sistemática e cronológica do tríptico trinitário<sup>13</sup>, esta Encíclica proveio *das profundezas da herança do Concílio*<sup>14</sup>. No livro *Memória e Identidade – colóquios na transição do Milénio*, S. João Paulo II ao fazer uma breve alusão às três encíclicas do tríptico refere o seguinte:

Tudo o que está contido na encíclica *Redemptor hominis* tinha-o trazido comigo da Polónia; de igual modo posso dizer que as reflexões na *Dives in misericordia* são fruto da minha experiência pastoral na Polónia, de modo particular em Cracóvia... Diversamente, a encíclica *Dominum et vivificantem*, sobre o Espírito Santo, teve a sua gestação em Roma; e, portanto, maturou um pouco mais tarde. Cresceu na meditação do Evangelho de São João sobre tudo o que Jesus dissera durante a Última Ceia: foi precisamente naquelas últimas horas da sua vida mortal que Ele nos deu a revelação talvez mais completa do Espírito Santo<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> «Preparei uma Carta Encíclica sobre o Espírito Santo. Será publicada em 30 de maio. Não quero passar a solenidade de Pentecostes, sem antecipar a notícia à comunidade cristã. Começa com as palavras que estão no Credo Niceno - Constantinopolitano: «*Dominum et vivificantem*» ("Senhor e doador da vida"). É uma trilogia com as Encíclicas «*Dives in Misericordia*» e «*Redemptor Hominis*» dedicadas ao Pai e ao Filho. É, portanto, uma trilogia trinitária. Confio ao Espírito Santo este novo texto, que fiz com profundo amor por Ele e para a Igreja, e espero que o que escrevi sirva para despertar cada vez mais nos fiéis uma viva devoção pela Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, a quem Cristo, antes de subir ao Céu, deixou a tarefa de guiar a sua Igreja para toda a verdade» (JOÃO PAULO II, *Regina Caeli*, 18 de Maio de 1986, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IX, 1 [1986] 1634).

<sup>12</sup>Y. SPITERIS, *O Espírito Santo, agente principal da Nova Evangelização*, in *Comentário Teológico Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II – Tertio Millennio Adveniente* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado-Editora Rei dos Livros 1996) 241.

<sup>13</sup>O tríptico trinitário compreende as Encíclicas *Redemptoris hominis* (4 de Março de 1979), *Dives in misericordia* (30 de Novembro de 1980) e a *Dominum et vivificantem* (18 de Maio de 1986).

<sup>14</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem* (18 de Maio de 1986), 2.

<sup>15</sup>JOÃO PAULO II, *Memória e Identidade-colóquios na transição do Milénio* (Chiado: Bertrand Editora, 2005<sup>2</sup>) 15-16.

Por meio da Encíclica *Dominum et vivificantem*, S. João Paulo II propõe-se iniciar um novo estudo e renovar o culto ao Espírito Santo. Sendo uma Pessoa Divina presente no coração da fé cristã, a fé no Espírito Santo precisa ser incessantemente reavivada e aprofundada na consciência do Povo de Deus. Este precisa de se aproximar do Espírito Santo como Aquele que dá a vida, para encontrar nele o segredo do amor e a força de uma nova criação, na passagem do segundo para o terceiro Milénio<sup>16</sup>.

Todavia, o papa eslavo chama a atenção para o facto de que as considerações inscritas na Encíclica *Dominum et vivificantem*, de maneira nenhuma pretendem esgotar as riquezas da doutrina sobre o Espírito Santo, nem favorecer qualquer solução de problemas que ainda possam estar sendo discutidos no quadro do diálogo ecuménico com as Igrejas orientais. Pelo contrário, as considerações têm como principal finalidade reavivar e aprofundar a consciência do Povo de Deus e desenvolver na Igreja a consciência da importância da presença e da ação do Espírito Santo na missão evangelizadora e santificadora da Igreja<sup>17</sup>.

A Encíclica consta de três partes distintas e complementares entre si. Eis os títulos das três partes de que se compõe:

- I. O Espírito do Pai e do Filho dado à Igreja.
- II. O Espírito Santo que convence o Mundo quanto ao pecado.
- III. O Espírito que dá a vida.

## **1.1. O Espírito do Pai e do Filho dado à Igreja**

Na primeira parte, o papa evoca as principais etapas da História da Salvação e as modalidades da doação do Espírito Santo. Esta evocação parte da promessa e da revelação de Cristo no discurso de despedida durante a Ceia pascal.

---

<sup>16</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem* (18 de Maio de 1986), 2; «Neste ponto, podemos contar com a ajuda e serve-nos também de estímulo a herança comum com as *Igrejas orientais*; estas preservaram cuidadosamente as riquezas extraordinárias do ensino dos Padres sobre o Espírito Santo» (Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 2).

<sup>17</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 2.

### 1.1.1. «O Discurso de Despedida»: Ápice da Revelação Trinitária

No discurso de despedida do Evangelho de São João, na véspera da Sua Paixão e Morte de Cruz, Jesus anuncia e promete aos seus Apóstolos o *Parákleto*<sup>18</sup>. Este é apresentado por Jesus como Aquele que «ensinará e recordará» e «dará testemunho» de tudo o que Ele fez e ensinou. É o Espírito da verdade que ensinará aos Apóstolos a compreenderem qual é o conteúdo exato da mensagem de Cristo. É Ele que recordará e fará perdurar sempre na Igreja a mesma verdade que os Apóstolos ouviram do seu próprio Mestre, Jesus Cristo<sup>19</sup>. Como testemunhas diretas e oculares da Cruz e da Ressurreição de Cristo, os Apóstolos recebem o grande mandato missionário de transmitirem doravante a Boa Nova da salvação a todos os homens. Contudo, este testemunho, ocular e histórico, dos Apóstolos a respeito de Cristo, por sua vez, andar­á e estará sempre associado estreitamente ao testemunho do Espírito Santo<sup>20</sup>. Pois como diz o papa no texto seguinte:

Sendo o próprio Jesus Cristo a suprema e mais completa revelação de Deus à humanidade, é o *testemunho do Espírito* que inspira, garante e convalida a sua fiel transmissão na pregação e nos escritos apostólicos, enquanto o *testemunho dos Apóstolos* lhe proporciona a expressão humana na Igreja e na história da humanidade<sup>21</sup>.

Também no discurso de despedida de Cristo pode observar-se o Espírito Santo ser apresentado por Jesus como Aquele que «receberá» e «guiará para toda a verdade». O Espírito «recebe» a missão de continuar, no mistério e na atividade da Igreja, a presença histórica e a obra redentora de Cristo. Para isso, o Espírito Santo deve ser o guia supremo do Homem, na medida em que este «guiar para toda a verdade» se realiza na fé e mediante a obra do Espírito da verdade. Graças a sua ação no Homem é que os Apóstolos e todas as gerações dos discípulos podem aceitar com fé e confessar com desassombro o *Mysterium Christi*<sup>22</sup>.

Deste modo, «no discurso da Ceia pascal de despedida, atinge-se — por assim dizer — o ápice da revelação trinitária»<sup>23</sup>. Pois verificamos que o Filho, Jesus Cristo, que nos revelou o Pai, nos dá a conhecer também o Espírito. Por conseguinte, à luz desta revelação

<sup>18</sup> JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 3.

<sup>19</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 4.

<sup>20</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 5.

<sup>21</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 5.

<sup>22</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 6.

<sup>23</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 9.

trinitária, descobre-se Deus em Si mesmo, ou seja, o mistério íntimo de Deus, como nos apresenta o número 10 da Encíclica:

Na sua vida íntima, Deus «é Amor», amor essencial, comum às três Pessoas divinas: amor pessoal é o Espírito Santo, como Espírito do Pai e do Filho. Por isso, ele «perscruta as profundezas de Deus», como *Amor-Dom incriado*. Pode dizer-se que, no Espírito Santo, a vida íntima de Deus uno e trino se torna totalmente dom, permuta de amor recíproco entre as Pessoas divinas; e, ainda, que no Espírito Santo Deus «existe» à maneira de Dom. O Espírito Santo é a expressão pessoal desse doar-se, desse ser-amor. É Pessoa-Amor. É Pessoa-Dom. Temos aqui uma riqueza insondável da realidade e um aprofundamento inefável do conceito de pessoa em Deus, que só a Revelação divina nos dá a conhecer<sup>24</sup>.

O papa continua:

Ao mesmo tempo, o Espírito Santo, enquanto consubstancial ao Pai e ao Filho na divindade, é Amor e Dom (incriado) do qual deriva, como de uma fonte (*fons vivus*), toda a dádiva em relação às criaturas (dom criado), a doação da existência a todas as coisas, mediante a criação, e a doação da graça aos homens, mediante toda a economia da salvação. Como escreve o Apóstolo São Paulo: «O amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo, que nos foi dado»<sup>25</sup>.

#### **1.1.1.1. A comunicação de Deus uno e trino no Espírito Santo**

A partir daqui, o Papa expõe as modalidades da doação e da presença do Espírito Santo, desde logo, com o início da Criação e com o final da Redenção aplicados ao texto do discurso de despedida de Cristo, durante a Última Ceia<sup>26</sup>.

Nas palavras pronunciadas por Cristo no discurso de despedida está patente o primeiro início do comunicar-se de Deus ao Homem no Espírito Santo, que se identifica com o próprio Mistério da Criação<sup>27</sup>. Segundo S. João Paulo II, o conteúdo do livro do Génesis e o conceito bíblico da Criação permitem-nos ver no próprio ser do cosmos e, sobretudo, na criação do Homem, a presença do Espírito de Deus, isto é, o início do comunicar-se salvífico de Deus. Deus, no Seu Espírito Santo, concede ao Homem a grande doação originária, que é ser criado à imagem e semelhança de Deus<sup>28</sup>.

O segundo início acontece no acontecimento do Pentecostes. Nesse dia, o Espírito Santo vem para permanecer com os Apóstolos e com a Igreja e na Igreja. No entanto, no acontecimento do Pentecostes está latente a relação causal entre a partida redentora de Cristo, o primeiro Consolador, e a vinda do Paráclito, o segundo Consolador.

---

<sup>24</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 10.

<sup>25</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 10.

<sup>26</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 11.

<sup>27</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 12.

<sup>28</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 12.

Efectivamente, «o Espírito Santo vem «à custa» da «partida» de Cristo»<sup>29</sup>. As promessas feitas por Cristo no Cenáculo anunciavam a vinda do Consolador para depois da Sua partida. O que significa, por sua vez, uma nova presença do Espírito Santo na Criação e, simultaneamente, o começo de um novo princípio, agora definitivo, em relação àquele «princípio» da Criação. Pois Cristo, ao referir-se à Sua «partida» como condição da «vinda» do Espírito Consolador, relaciona este novo princípio do comunicar-se de Deus ao Homem no Espírito Santo, com o Mistério da Redenção<sup>30</sup>. É por meio do Mistério da Redenção, operada na Cruz, que o Homem é novamente «reproduzido» e, de algum modo, novamente criado. É, efectivamente, por obra de Jesus Cristo, Redentor do Homem e centro do cosmos e da história, que se realiza definitivamente a nova autocomunicação salvífica de Deus no Espírito<sup>31</sup>.

### 1.1.1.2. Messias, «ungido com o Espírito Santo»

Entre estes dois princípios, o papa apresenta como ponte do primeiro para o novo princípio, a missão do futuro Messias até à doação do Espírito Santo por parte de Cristo Ressuscitado. Para isso, remonta-se, antes de mais, à profecia de Isaías, algumas vezes então chamada «o quinto evangelho»<sup>32</sup>. Os textos proféticos de Isaías aludem à vinda de um futuro Messias, de uma personagem misteriosa que sofre pelos pecados do mundo e cuja missão é levar para todas as nações os verdadeiros bens e frutos da salvação (Cf. Is 11, 1-3; 42, 1-6; 48, 16; 49, 1-6; 53, 5-6.8; 59, 21; 61, 1s).

O Profeta apresenta o Messias como o Servo do Senhor, o Ungido e o Enviado «com o Espírito do Senhor», para ser portador e mediador deste Espírito a todo o Povo de Israel. Contudo, neste caso, não há uma revelação explícita do Espírito Santo nem da Trindade, pois, no contexto vétero-testamentário, não é sugerida a distinção das Pessoas divinas como acontecerá na Nova Aliança. Além disso, tanto em Isaías, que alude ao anúncio profético do futuro Messias, como no resto do Antigo Testamento, a personalidade do Espírito acha-se completamente escondida<sup>33</sup>. Mesmo assim, a alusão velada à figura e a obra salvífica do Messias do profeta Isaías, que a revelação neotestamentária identificará em Jesus (Cf. At 10, 37; Lc 4, 16-21), abre, por assim dizer, o caminho para a Revelação

---

<sup>29</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 14.

<sup>30</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 14.

<sup>31</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 14.

<sup>32</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 15.

<sup>33</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 15.

plena do Espírito Santo e é, por isso que, na sequência, o papa estuda Jesus de Nazaré como «elevado» no Espírito Santo<sup>34</sup> e a doação do Espírito Santo por Cristo Ressuscitado<sup>35</sup>.

### **1.1.1.3. As teofanias trinitárias**

É na Nova Aliança que se dará a Revelação plena do Espírito Santo. Primeiro, na teofania do Jordão (Cf. Lc 3,21-22; Mt 3,11-17; Mc 1,9-11; Jo 1, 29-34) e, segundo, na teofania do «exultar no Espírito» acontecida no contexto do regresso dos setenta e dois discípulos da missão (Cf. Lc 10, 17-24).

#### **1.1.1.3.1. A teofania trinitária por ocasião do baptismo no Jordão**

Na primeira teofania, a teofania do Jordão, encontramos os dois testemunhos do cumprimento da profecia de Isaías sobre o futuro Messias: o testemunho de João Batista e o testemunho do Pai.

Junto das margens do Rio Jordão, dos lábios de João Batista, mensageiro e precursor de Cristo, escutamos o anúncio da vinda do Messias como Aquele não só vem com o Espírito, mas também como Aquele que «é portador do Espírito Santo»<sup>36</sup>. Este anúncio verifica-se diante de todos os olhos de Israel, quando, por ocasião do baptismo de Jesus de Nazaré no Jordão, o testemunho de João Batista é confirmado, segundo os Evangelhos Sinóticos, por uma teofania trinitária acontecida nessa ocasião (Cf. Lc 3, 21s; Mt 3, 16; Mc 1, 10). Esta teofania vinda «do exterior»<sup>37</sup> dá testemunho da exaltação solene de Cristo e revela uma dimensão ainda mais profunda da verdade acerca de Jesus de Nazaré como Messias e do mistério da própria Pessoa do Messias, de que «o Messias é o Filho muito amado do Pai»<sup>38</sup>. Todavia, este mistério só virá gradualmente a ser desvendado e confirmado por Jesus depois do Batismo, mediante a presença do Espírito Santo em tudo o que fez e ensinou durante a sua atividade pública.

#### **1.1.1.3.2. A teofania trinitária da «exultação no Espírito Santo»**

Por sua vez, a segunda teofania, é uma teofania que provém «do interior»<sup>39</sup>. Após o regresso dos setenta e dois discípulos da missão, Jesus exulta de alegria por lhe ter sido dado a revelar o dom magnífico da paternidade divina de Deus aos pequeninos (Cf. Lc 17,

<sup>34</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 19-21.

<sup>35</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 22-24.

<sup>36</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 19.

<sup>37</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 21.

<sup>38</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 19.

<sup>39</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 21.

21). Esta «exultação no Espírito Santo», que provém do mais íntimo do ser de Jesus<sup>40</sup>, é outra teofania trinitária. Nesta «exultação» exprime-se, ainda que Jesus não fale directamente do Espírito, a união de Cristo com o Espírito Santo, já que aquilo que ele diz do Pai e de Si-Filho brota das profundezas daquela plenitude do Espírito, daquela fonte recôndita que está no seu «Eu» divino<sup>41</sup>.

Com esta narração, o evangelista aproxima-nos da verdade contida no discurso de despedida de Cristo, durante a Última Ceia, de que Jesus de Nazaré, pela sua «partida» mediante a Cruz, é o «portador» e o revelador do Espírito Santo. É Aquele que deve trazer e «dar» aos Apóstolos e à Igreja o Espírito Santo<sup>42</sup>.

### **1.1.1.3.3. A doação do Espírito Santo por Cristo Ressuscitado**

Assim, no dia da Ressurreição, por obra e mediante o mistério pascal de Cristo, completa-se a nova e definitiva revelação do Espírito Santo como «Pessoa-Dom»<sup>43</sup>. Na Ressurreição, a elevação messiânica de Jesus de Nazaré no Espírito Santo atinge o seu auge, ao revelar-se como Filho de Deus, cheio de poder. Este poder manifesta-se, antes de mais, pela dupla ação da Sua Ressurreição: por um lado, ao realizar a promessa dos profetas acerca da efusão do Espírito de Deus sobre o Povo e, por outro, ao cumprir a sua própria promessa, feita aos seus Apóstolos antes da sua paixão, dando-lhes o Espírito da verdade<sup>44</sup>.

A doação do Espírito Santo por Cristo Ressuscitado, que aconteceu no interior do Cenáculo no Domingo de Páscoa manifesta-se, mais tarde, publicamente diante dos homens no dia do Pentecostes. Nesse momento, com a vinda do Consolador, tem início «o tempo da Igreja»<sup>45</sup>. Sendo, por sua vez, Ele a garantia de sua perenidade.

## **1.2. O Espírito Santo que convence o Mundo quanto ao pecado**

Na segunda parte da Encíclica, o Papa investiga a missão do Espírito Santo para convencer o mundo quanto ao pecado, fundamentalmente sob três aspectos:

---

<sup>40</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 21.

<sup>41</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 21.

<sup>42</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 22.

<sup>43</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 23.

<sup>44</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 24.

<sup>45</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 27.

### **1.2.1. O *mysterium pietatis* como resposta ao *mysterium iniquitatis* (nn. 30-32)**

No contexto em que Jesus anuncia a vinda do Espírito Santo «à custa» da sua própria partida, o mesmo Espírito da verdade é anunciado como Aquele que «convencerá o mundo quanto ao pecado, quanto à justiça e quanto ao juízo» (Cf. Jo 16, 7s). O significado preciso e a explicação que Jesus acrescenta às palavras «pecado», «justiça» e «juízo» indicam como deve ser entendida a missão do Espírito Santo no convencer o mundo, missão que o papa descreve da seguinte forma:

Nesta passagem, «*o pecado*» significa a incredulidade que Jesus encontrou no meio dos «seus», a começar pelos próprios conterrâneos de Nazaré. Significa a rejeição da sua missão, que levará os homens a condená-lo à morte. Quando fala, em seguida, da «*justiça*», Jesus parece ter em mente aquela justiça definitiva, que o Pai lhe fará, revestindo-o da glória da ressurreição e da ascensão ao céu: «Vou para o Pai». No contexto do «pecado» e da «justiça» assim entendidos, «*o juízo*» significa, por sua vez, que o Espírito da verdade demonstrará a culpa do «mundo» na condenação de Jesus à morte de Cruz<sup>46</sup>.

No entanto, convencer o mundo quanto ao pecado e quanto à justiça tem, antes de tudo, como finalidade a salvação do mundo e dos homens<sup>47</sup>. Embora a vontade de Cristo de salvar o mundo e os homens é, em certo sentido, obstruída por Satanás, a missão do Espírito Santo de «convencer o mundo quanto ao pecado» consiste em assumir e continuar no mundo a obra salvífica de Cristo, que se traduz da seguinte forma:

O Espírito Santo, mostrando o *pecado* na economia da salvação, tendo como fundo a Cruz de Cristo, (dir-se-ia «o pecado salvado»), leva também a compreender como a sua missão é a de «convencer» mesmo quanto ao pecado que já foi definitivamente julgado («o pecado condenado»)<sup>48</sup>.

Neste «convencer», requer dar ao significado do pecado um alcance mais vasto do que aquele que possui no contexto das palavras pronunciadas por Jesus no Cenáculo. Além do pecado da incredulidade dos judeus, devemos reconhecer o pecado no conjunto da humanidade, isto é, que todos os pecados cometidos, em qualquer lugar e momento, deverão ser referidos à Cruz de Cristo<sup>49</sup>. Para isso, o papa baseia a sua análise em dois testemunhos: o testemunho do dia do Pentecostes<sup>50</sup> e o testemunho do pecado original<sup>51</sup>.

---

<sup>46</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 27.

<sup>47</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 27.

<sup>48</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 28.

<sup>49</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 29.

<sup>50</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 30-32.

### 1.2.1.1. Testemunho do dia de Pentecostes

À luz do testemunho do dia de Pentecostes, observa-se o pecado como a rejeição e a condenação de Cristo à morte de Cruz no Gólgota. Todavia, perante a gravidade do pecado, que consistiu em ter crucificado o próprio Filho de Deus, a misericórdia de Deus oferece uma resposta ainda maior que foi a seguinte: «Ao maior pecado da parte do homem corresponde, no coração do Redentor, a *oblação do supremo amor*, que supera o mal de todos os pecados dos homens»<sup>52</sup>. Deste modo, a resposta de Deus ao pecado do Homem não é condenar, mas demonstrar e convencer a consciência humana, pela ação do Espírito da Verdade, de que o pecado tem a malícia de ir contra a Cruz de Cristo. Porém, o Homem não pode conhecer toda a dimensão do *Mysterium iniquitatis* fora ou separando-a da Cruz de Cristo nem pode ser convencido a seu respeito a não ser pelo Espírito da Verdade<sup>53</sup>.

### 1.2.1.2. O testemunho do princípio: a realidade original do pecado

Esta realidade torna-se ainda mais evidente à luz do testemunho da realidade do pecado original. Segundo a Palavra de Deus revelada, o pecado original constitui o princípio e a raiz de todos os outros pecados do Homem. Nesse pecado tem início o «mistério da iniquidade» que é esclarecido e vencido pelo poder eficaz e redentor do «mistério da piedade»<sup>54</sup>.

O pecado na sua realidade original verifica-se como a «desobediência» do Homem a Deus, como a oposição da vontade do Homem à vontade divina. Esta desobediência original insere-se obscuramente no próprio mistério da Criação, na medida em que na raiz dessa desobediência original está à mentira como radical rejeição ou, pelo menos, afastamento do Homem da verdade contida no Verbo do Pai<sup>55</sup>.

O testemunho das origens, que encontramos no livro do Génesis, é unânime em afirmar que a única criatura que Deus quis por si mesma e que chamou a participar na sua vida divina é o Homem. Enquanto criado à imagem de Deus, o Homem é chamado a uma relação pessoal com Deus e, por conseguinte, o sujeito humano não só é possuidor de uma dignidade única e irrepetível, caracterizada pela racionalidade e pela liberdade, mas é capaz

---

<sup>51</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 33-38.

<sup>52</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 31.

<sup>53</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 32.

<sup>54</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 33.

<sup>55</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 33.

de estabelecer uma Aliança com o próprio Deus<sup>56</sup>. Contudo, este chamamento do Homem à amizade com Deus só pode ser vivido na modalidade e nas exigências da sua condição de criatura. Pois, à luz do Mistério da Criação, este sujeito pessoal é sempre uma criatura, que na sua existência e essência depende do Criador. Logo, o transgredir os limites estabelecidos pelo Criador significa a recusa do Homem em reconhecer Deus Criador como «a única e a definitiva fonte da ordem moral no mundo criado»<sup>57</sup>. A recusa desta fonte manifesta-se na pretensão da parte do Homem de querer tornar-se fonte autónoma e exclusiva para decidir sobre o que é o bom e o que é mau<sup>58</sup>.

Esta desobediência, que é um voltar às costas a Deus, leva a abrir a consciência do Homem e a aderir a sua vontade ao pai da mentira de tal modo que acaba por levá-lo ao «Anti-Verbo», isto é, à «antiverdade»<sup>59</sup>. Esta «antiverdade» acontece porque é falseada a verdade sobre o homem e os seus limites e porque, ao mesmo tempo, é falseada a verdade sobre quem é Deus. Assim, pela primeira vez na história do Homem, a verdade sobre quem é Deus é falseada pelo «génio da suspeita»<sup>60</sup>. O espírito das trevas procura «falsear» o próprio Bem, o Bem absoluto na consciência da criatura. Satanás mostra, de forma perversa, Deus ao Homem como inimigo, como fonte de perigo e de ameaça para si e desafia-o a tornar-se adversário de Deus<sup>61</sup>.

Tudo isto que ocorreu nas origens, segundo S. João Paulo II, vemo-lo acontecer na época moderna com a pretendida alienação do Homem pelas ideologias ateias e a ideologia da «morte de Deus», que pelos seus efeitos teórico-prático facilmente demonstram ser uma ameaça, sobretudo, ao Homem – no fundo, uma ideologia da «morte do Homem»<sup>62</sup>.

### **1.2.2. O pecado original na sua relação com o mistério de Cristo (nn. 32-42)**

«A Igreja, inspirando-se na Revelação, crê e professa que o pecado é ofensa a Deus»<sup>63</sup>. Embora, a concepção de Deus exclua qualquer sofrimento, proveniente de

---

<sup>56</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 34.

<sup>57</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 36.

<sup>58</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 36.

<sup>59</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 37.

<sup>60</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 37.

<sup>61</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 38.

<sup>62</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 38.

<sup>63</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 39.

carências ou de feridas, segundo o Livro do Génesis, na sua visão antropomórfica, Deus diante do pecado do Homem reage como que se arrependendo de ter criado o Homem sobre a terra, mas reage também com amor de Pai, com compaixão, diante do sofrimento do Homem pelo seu pecado. Desta indizível «dor» de Pai surge o Mistério da Redenção para que, através do Mistério da piedade, o amor de Deus possa revelar-se mais forte do que todo o pecado na história do Homem e para que prevaleça o Dom e o Amor<sup>64</sup>. Nesse sentido, «o convencer quanto ao pecado» por parte do Espírito Santo torna-se um manifestar, no mais íntimo das consciências humanas, que o pecado é vencido pela obediência e sacrifício do Cordeiro de Deus. Nesta doação absoluta do Filho de Deus e no mais profundo do mistério da Cruz, o Espírito Santo como Amor e Dom atua e desce, em certo sentido, ao próprio coração do sacrifício da Cruz para transformar o sofrimento em amor redentor<sup>65</sup>. Esta obra redentora foi confiada por Cristo ressuscitado aos Apóstolos e à Igreja no dia da Ressurreição (Cf. Jo 20, 22 s).

### **1.2.3. A consciência como sede do Espírito Santo (nn. 42-48)**

No entanto, o protagonista da continuação desta obra salvífica radicada na Cruz de Cristo é o Espírito Santo. É Ele, luz da consciência, que faz com que o Homem reconheça o pecado cometido, seja orientado para o bem e sob o Seu influxo se realize a conversão do coração humano<sup>66</sup>. Este convencer do Espírito Santo «quanto ao pecado», em virtude da Redenção, operada pelo sangue de Cristo, não pode realizar-se no Homem por outro meio que não seja no santuário da consciência<sup>67</sup>. Ao convencer o mundo quanto ao pecado, o Espírito da verdade encontra-se com a voz das consciências humanas para pôr à mostra as raízes do pecado no Homem, como também das suas influências na história da humanidade. Todavia, recorda o papa, «o pecado está submetido ao poder salvífico da Redenção»<sup>68</sup>. E, por isso, o Espírito da verdade encontra-se também com os esforços da consciência que, ao

---

<sup>64</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 39.

<sup>65</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 40-41.

<sup>66</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 42.

<sup>67</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 43.

<sup>68</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 44.

permitir à consciência humana participar na dor do remorso por causa do mal, torna-a salvífica, quando, por um ato de contrição perfeita, opera a conversão perfeita<sup>69</sup>.

### 1.2.4. A blasfêmia contra o Espírito Santo

Depois desta digressão sobre a consciência, «propriedade principal do sujeito pessoal»<sup>70</sup>, cujo primeiro fruto é «chamar pelo seu nome o bem e o mal»<sup>71</sup>, o papa termina a segunda parte fazendo uma lúcida explicação do que é o pecado contra o Espírito Santo.

As referências do pecado contra o Espírito Santo, as palavras do «não perdão», encontram-se enunciadas nos Evangelhos Sinóticos (Cf. Mt 12, 31s, Mc 3, 28s e Lc 12, 10). Segundo a exegese feita aos textos bíblicos, «a blasfêmia» consiste «na recusa do homem em aceitar a salvação que Deus oferece através do Espírito Santo»<sup>72</sup>. O que corresponde à recusa radical do Homem de ir às fontes da Redenção, à sua recusa em aceitar a remissão dos seus próprios pecados e à sua obstinação de reivindicar o direito de permanecer no pecado<sup>73</sup>. Esta situação de resistência interior, esta espécie de impermeabilidade da consciência na atualidade corresponde à perda do sentido do pecado, a qual está acompanhada pela «perda de sentido de Deus»<sup>74</sup>.

## 1.3. O Espírito que dá a vida

A terceira parte da Encíclica é toda ela um cântico à maior obra realizada na História da Criação e da Salvação pelo Espírito Santo: o Mistério da Encarnação<sup>75</sup>. Toda a terceira parte está orientada a preparar o grande Jubileu do Ano 2000 depois do nascimento de Cristo. Para S. João Paulo II, o grande Jubileu deve ser uma ocasião de exame de consciência dos atos de resistência e de oposição à ação salvífica do Espírito Santo, que

---

<sup>69</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 45.

<sup>70</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 43.

<sup>71</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 43.

<sup>72</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 46.

<sup>73</sup> «Em Jesus Cristo, Deus inclina-Se sobre o homem e estende-lhe a mão para o levantar, ajudando-o a retomar o caminho com nova força; o homem, sozinho, não é capaz de voltar a pôr-se de pé, precisa da ajuda do Espírito Santo. Se rejeitasse esta ajuda, cometia um pecado de «blasfêmia contra o Espírito Santo» - assim denominado por Cristo, que o declarou também sem remissão (cf. Mt 12, 31). Irremissível porquê? Porque exclui no homem o próprio desejo do perdão; o homem rejeita o amor e a misericórdia de Deus, porque ele próprio se considera Deus, pensa que é capaz de bastar-se a si mesmo» (JOÃO PAULO II, *Memória e Identidade-colóquios na transição do Milénio* [Chiado: Bertrand Editora, 2005<sup>2</sup>] 17).

<sup>74</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 47.

<sup>75</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 50.

caracterizam tantos aspetos da civilização contemporânea e que são limitadores da liberdade do Homem. De facto, na cultura contemporânea, a resistência ao Espírito Santo que acontece na dimensão interior e subjectiva do Homem assume a sua dimensão exterior no materialismo. O desenvolvimento máximo deste materialismo está no marxismo, núcleo vital do materialismo dialético e histórico, que, como sistema filosófico, ideológico e como programa de ação e de formação dos comportamentos humanos, exclui radicalmente a presença e a ação de Deus no mundo e no Homem<sup>76</sup>.

### **1.3.1. Submissão ou resistência à ação salvífica do Espírito Santo**

A luta entre o «espírito» e a «carne», que tem a sua versão no foro pessoal e subjetivo, tem também a sua expressão social na contraposição entre a «vida» e a «morte», derivada do materialismo, para o qual a morte é o fim definitivo da existência humana<sup>77</sup>. Além disso, S. João Paulo II destaca que «no horizonte da civilização contemporânea – especialmente na forma que é mais desenvolvida no sentido técnico e científico – os sinais e sintomas de morte tornaram-se particularmente presentes e frequentes»<sup>78</sup>.

Este choque entre os desejos da carne contrários ao espírito que caracterizam tantos aspetos da civilização contemporânea pode apresentar, em muitos casos, carácter dramático e redundar em novas derrotas. Mas apesar deste sintoma de morte permanece a certeza cristã de que, da parte de Deus, haverá sempre um comunicar-se salvífico e, se for o caso, um salvífico «convencer quanto ao pecado», por obra do Espírito<sup>79</sup>.

### **1.3.2. O Espírito Santo no fortalecimento do «homem interior»**

Assim, perante a aproximação do final do segundo Milénio cristão, o papa expressa que a Igreja não possa preparar-se para o Jubileu de outro modo senão no Espírito Santo<sup>80</sup>. O grande Jubileu deve ser um estímulo para os cristãos irem ao encontro do Espírito

---

<sup>76</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 56.

<sup>77</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 57.

<sup>78</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 47.

<sup>79</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 56.

<sup>80</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 51.

vivificante para que o «homem interior» amadureça e se fortaleça, para que, na íntima relação com Deus, no Espírito Santo, o Homem se compreenda a si mesmo de uma maneira nova e assim se realize plenamente a imagem e semelhança de Deus, que o Homem é desde o princípio<sup>81</sup>.

A Igreja é consciente, mais do que ninguém, de que o homem interior amadurece e fortalece-se sob a influência do Espírito Santo<sup>82</sup>. Ela sabe que só por obra do Espírito Santo a vida do Homem em Deus pode desenvolver-se e consolidar-se. Por meio deste caminho de amadurecimento interior, de descoberta plena da verdade do ser e do sentido da humanidade, Deus uno e trino abre-se ao Homem, torna-se próximo e íntimo dele e comunica-se-lhe como dom no Espírito Santo, transformando a partir do interior dos corações e das consciências todo o mundo humano. É assim que o Homem, como pessoa e ser social, ao descobrir a genuína verdade do seu ser e da sua vida, que é a dimensão divina, por obra do Espírito Santo, está em condição de libertar-se dos diversos determinismos ideológicos e sociais que o circunda. Também é por esse mesmo caminho que o Espírito Santo ajuda as pessoas e as comunidades a descobrirem e realizarem a dimensão plena da verdadeira liberdade e dignidade do homem<sup>83</sup>.

### **1.3.3. A Igreja consciente da imensidade do Dom põe-se ao serviço da vida divina**

Por esta razão, a Igreja que se prepara para celebrar o grande Jubileu do ano 2000 oferece por auxílio os sacramentos e por apoio a oração, da qual, afirma o papa, a nossa época difícil tem particularmente necessidade<sup>84</sup>. Como sacramento da união íntima com Deus, a Igreja deseja penetrar no próprio mistério da sua constituição divino-humana e da sua missão para desempenhar, pelo poder da Redenção, da missão do Filho e do Espírito Santo, presente no Mistério da Igreja, o ministério salvífico para com o Homem<sup>85</sup>. Por isso, diante dos perigos que ameaçam a Humanidade, o papa espera que os cristãos possam encontrar nesta Encíclica o alimento para sua vida interior e fortaleza do Espírito Santo no

---

<sup>81</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 59.

<sup>82</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 58.

<sup>83</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 59-60.

<sup>84</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 65.

<sup>85</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 61-6.

empenho da oração, em consonância com o Magistério da Igreja<sup>86</sup>. Diante da necessidade de uma renovação de vida espiritual, a Igreja fiel ao mistério do seu nascimento, no acontecimento do Pentecostes, persevera no Cenáculo, em oração, com Maria, Mãe de Cristo, para que o Espírito Santo dado à Igreja continue a ser «o guarda e o animador da esperança escatológica no coração da Igreja»<sup>87</sup>.

Finalmente, depois de apresentar o motivo do Jubileu do ano 2000, para o qual a Igreja se prepara, o papa termina a sua Encíclica dizendo que o caminho da Igreja passa através do coração do homem, porque é nesse lugar recôndito que se dá o encontro salvífico com o Espírito Santo<sup>88</sup>. Como Consolador, Intercessor, e Advogado, o Espírito Santo nunca cessa de ser o guarda da esperança no coração do homem. Ele entra incessantemente na história do mundo através do coração do homem, para restabelecer o bem no homem e no mundo e reconduzir o homem aos caminhos da salvação. Logo, a Igreja não pode deixar de professar que há no mundo criado o Espírito, que é Dom incriado<sup>89</sup>.

---

<sup>86</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 65.

<sup>87</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 66.

<sup>88</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 67.

<sup>89</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 67.

## II CAPÍTULO

### AS CATEQUESES SOBRE O CREDO

Em 5 de Dezembro de 1984, S. João Paulo II inicia, durante as audiências gerais de quarta feira, uma catequese global e sistemática sobre as verdades de fé e da moral cristã<sup>90</sup>. Sob o guia do Símbolo Niceno-Constantipolitano, depois de expor as catequeses sobre Deus Pai (1985-1986) e as catequeses sobre Jesus Cristo (1987-1989), o papa expõe uma reflexão doutrinal de 82 catequeses sobre o Espírito Santo (1989-1991). Em linhas gerais, estas catequeses constituem uma espécie de breve tratado pneumatológico<sup>91</sup>, que podem ser divididas em quatro secções<sup>92</sup>:

#### 2.1. A vinda do Espírito Santo como realização plena da Nova Aliança

Na introdução ao artigo pneumatológico do Símbolo Niceno-Constantipolitano, o Papa refere o seguinte:

O Símbolo, profissão de fé formulada pela Igreja, *nos remete às fontes bíblicas*, donde a verdade sobre o Espírito Santo se apresenta no contexto da revelação de Deus Uno e Trino. Portanto, a pneumatologia da Igreja está baseada na Sagrada Escritura, especialmente no Novo Testamento, ainda que, em certa medida, haja pré-anúncios dela no Antigo<sup>93</sup>.

---

<sup>90</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 5 de Dezembro de 1984*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, VII, 2 (1984) 159-596.

<sup>91</sup>Cf. L. F. MATEO-SECO, *Juan Pablo II: Una lección de Pneumatología*, in *Scripta Theologica* 36 (2004) 185-202.

<sup>92</sup>Cf. B. MCCARTHY, *The Holy Spirit in the writings of Pope John Paul II* (USA: St. Andrew's Productions 2001) 71-72.

<sup>93</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 26 de Abril de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 1 (1989), 949.

Segundo S. João Paulo II, ao contrário dos anúncios explícitos e diretos feitos por Jesus na Última Ceia, no texto bíblico dos Atos dos Apóstolos encontramos a referência próxima do cumprimento da “Promessa do Pai”, já anunciada de antemão pelos profetas do Antigo Testamento (Cf. Joel 13, 1-2). Tal referência põe de relevo o vínculo entre a Antiga e a Nova Aliança e «a continuidade da verdade pneumatológica ao longo de toda a Revelação»<sup>94</sup>.

### **2.1.1. A preparação remota da vinda do Espírito Santo no Antigo Testamento**

Nesse sentido, para uma compreensão mais completa da Revelação do Espírito Santo, é preciso voltar ao Antigo Testamento para descobrir os sinais da preparação remota do Mistério da Páscoa e do Pentecostes<sup>95</sup>. Assim, ao reportar-se aos dados veterotestamentários sobre a Revelação do Espírito Santo, o papa começa por analisar, antes de tudo, o nome.

#### **2.1.1.1. O Nome *ruah***

No ambiente cultural e religioso da mentalidade judaica, o nome não é apenas um termo de diferenciação, como na nossa cultura ocidental. Pelo contrário, para os judeus, o nome tem um valor de representatividade tal que quase se identifica com a própria pessoa. Pois o nome faz com que a pessoa seja real, esteja mesmo presente diante de nós quando a nomeamos. Como afirma S. João Paulo II na audiência geral de 3 de Janeiro de 1990:

O nome que é sugerido no Antigo Testamento, o Espírito Santo nos ajudará a entender as suas propriedades, mas a realidade da Pessoa divina, da mesma natureza que o Pai e o Filho, é conhecida por nós somente na revelação do Novo Testamento. Podemos pensar que o termo foi cuidadosamente escolhido pelos autores sagrados, ou melhor, o mesmo Espírito

---

<sup>94</sup> JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 31 de Maio de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 1 (1989) 1396.

<sup>95</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 3 de Janeiro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 9.

Santo que inspirou, orientou o processo conceitual e literário no Antigo Testamento, fez desenvolver uma expressão adequada para significar sua Pessoa<sup>96</sup>.

Segundo S. João Paulo II, a multiplicidade e a riqueza do termo *ruah* está no facto de que o termo hebraico não se pode restringir a um conceito demasiado intelectual e árido, mas convida a racionalidade a abrir-se a perspectiva mais amplas<sup>97</sup>. De facto, a ideia fundamental que expressa o nome bíblico não é de expressar um poder intelectual, mas de expressar um impulso dinâmico, de comunicar um dinamismo análogo ao impulso do vento cuja natureza não se vê, mas apenas sentimos os seus efeitos da sua ação (Cf. Sl 103/104, 29-30). Assim, a análise terminológica dos textos veterotestamentários sobre o *ruah* permite ao Papa eslavo dizer que, sob o aspeto literário, o termo hebraico *ruah* aparece como a força vital, como uma realidade íntima a Deus, como uma manifestação do dinamismo de Deus que se comunica às criaturas e que opera na intimidade do homem<sup>98</sup>.

#### **2.1.1.2. A ação criadora do Espírito Santo**

Esta noção de que a vida depende de um princípio espiritual, de uma “força vital”, fez crescer na alma de Israel «a ideia de um Deus espiritual que intervém na História e na vida do Homem»<sup>99</sup>. Como sugere a narrativa da Criação, no Livro do Génesis, o espírito de Deus pairava sobre as águas e transforma o caos em cosmos (Cf. Gn 1, 2). Porém, na narrativa da criação do homem, distinta da criação do mundo e ponto mais alto da obra divina, a Sagrada Escritura sublinha que a ação criadora do sopro da boca de Deus faz do homem um ser vivente e solidário com todos os seres humanos (Cf. Gn 2, 7; Sal 103 (104), 27-30)<sup>100</sup>. Assim, o homem recebe do Espírito o dom da existência e, ao mesmo tempo, como imagem e semelhança de Deus, é dotado, desde o princípio, de capacidade para viver uma relação pessoal com Deus e para colaborar na obra da Criação<sup>101</sup>. No entanto, a primeira criação é afetada pelo pecado a tal ponto que à primeir vista tudo parece morto e

---

<sup>96</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 3 de Janeiro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 11.

<sup>97</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 3 de Janeiro de 1990*, 15-16.

<sup>98</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 3 de Janeiro de 1990*, 17.

<sup>99</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Janeiro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 46.

<sup>100</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Janeiro de 1990*, 48.

<sup>101</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Janeiro de 1990*, 49.

sem esperança (Cf. Ez 37, 1-14). Deus, porém, não a abandona à destruição, senão prepara uma nova criação ainda mais maravilhosa do que a primeira. Com efeito, a nova criação terá início na tarde de Páscoa (Cf. Jo 20, 22) quando o sopro de Cristo ressuscitado, o Novo Adão, não só restaurará a vida do homem, mas introduzirá os homens na vida divina<sup>102</sup>.

### **2.1.1.3. A ação diretiva e profética do Espírito Santo na História de Israel**

Contudo, a presença e a ação do Espírito não terminaram com a Criação, mas continuou a manifestar-se através da História do povo eleito. Desde os patriarcas, a História de Israel apresenta o cuidado e a ação diretiva do Espírito Santo<sup>103</sup> nas vicissitudes e nas dificuldades do caminho (Cf. Gn 41, 38). É o Espírito de Deus que dá a sabedoria a José (Gn 41, 38) e quem, segundo os autores sagrados, atua sobre Moisés com o propósito de fazer cumprir os planos divinos (Cf. Nm 11, 14.17. 25-26; Dt 34, 9). É Ele que dá habilidade aos artesãos para o trabalho da arca da aliança (Cf. Ex 35, 31)<sup>104</sup>. O discernimento e a habilidade estratégica aos juízes para libertarem e guiarem o povo na paz (Cf. Jz 3, 10; 6, 34; 11, 29). É o *ruah* quem dá a legitimidade aos reis para governar o povo eleito de acordo com a Aliança (Cf. 1 Sam 8, 5) e suscita a promessa da figura e o ideal futuro do Rei-Messias sobre o qual repousará e permanecerá o Espírito de Iahweh (Cf. Is 11, 1-5) e virá estabelecer a justiça e a paz sobre a terra e libertar os oprimidos do seu povo (42, 1.4)<sup>105</sup>. Enfim e acima de tudo, é o Espírito quem também inspira a ação profética<sup>106</sup> dos profetas para que sejam porta-vozes de Deus. Estes são chamados e enviados a seus contemporâneos para falar em nome de Deus e transmite-lhes tudo o que Deus quer dar a conhecer sobre o presente e o futuro. Este aspecto dinâmico da ação profética destaca o vínculo íntimo entre o *ruah* e a *dabar* e o carácter performativo da palavra profética, mas, sobretudo, destaca a fidelidade da mensagem do verdadeiro profeta à doutrina dada por Deus a Israel diante das seduções idólatras e da mentira dos falsos profetas que seguem o seu próprio espírito (Cf. Ez 13, 2-3).

---

<sup>102</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Janeiro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 50-51.

<sup>103</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Janeiro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 98-105.

<sup>104</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Janeiro de 1990*, 98.

<sup>105</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Janeiro de 1990*, 103-104.

<sup>106</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Fevereiro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 449-457.

No entanto, o profeta Joel anuncia a efusão universal do Espírito (Cf. Joel 3, 1-2) que encontra o seu fiel cumprimento no dia de Pentecostes (Cf. At 2, 17-21). Este mesmo Espírito comunica e suscita a «ação santificadora»<sup>107</sup> e, ao mesmo tempo, é a causa da renovação interior do homem<sup>108</sup>. Graças a Sua «ação sapiencial»<sup>109</sup>, os homens podem conhecer os planos divinos e na figura do Servo de Iahweh a ação profética, messiânica e santificadora do Espírito (Cf. Is 9, 5; 11, 1-5; 42, 1; 49, 1.6 50, 5-6; 52, 13 – 53, 13)<sup>110</sup>.

## **2.1.2. A preparação imediata da vinda do Espírito Santo no Novo testamento**

Na preparação imediata da vinda do Espírito Santo, antes da Sua Ascensão ao Céu, Jesus dá aos Seus Apóstolos as Suas últimas instruções e ordena-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem lá a “Promessa do Pai” da qual os Apóstolos tinham ouvido falar (cf. At 1, 4; Lc 24, 49). Esta ordem é executada pelos Apóstolos quando, ao chegarem à cidade, se reúnem em comunidade, com o mesmo sentimento, e se entregam assiduamente à oração, junto com Maria, Mãe de Jesus, como preparação imediata para a vinda do Espírito Santo (Cf. At 1, 4. 13-14). Por isso, como refere S. João Paulo II na catequese da audiência geral de 21 de Junho de 1989:

Em momentos especialmente importantes a Igreja atua de modo semelhante. Busca novamente aquela união dos Apóstolos em oração com a Mãe de Cristo. Em certo sentido volta ao Cenáculo. Isto aconteceu, por exemplo, no *início do Vaticano II*. A cada ano, além disso, a Solenidade de Pentecostes é preparada pela «novena» ao *Espírito Santo*, que reproduz a experiência de oração na comunidade cristã primitiva na espera da vinda do Espírito Santo<sup>111</sup>.

Segundo João Paulo II, esta experiência de oração «unânime» dos Apóstolos no Cenáculo era sinal de que a oração sacerdotal de Cristo pela unidade dos seus discípulos tinha dado frutos visíveis no momento em que a Igreja estava para sair ao mundo<sup>112</sup>. O facto

---

<sup>107</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Fevereiro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 494-503.

<sup>108</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 28 de Fevereiro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 544-554.

<sup>109</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Março de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 639-650.

<sup>110</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Março de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 721-732.

<sup>111</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Junho de 1989*, 1704, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 1 (1989), 1704.

<sup>112</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Junho de 1989*, 1704-1705.

de o autor do livro dos Atos dos Apóstolos sublinhar que era uma oração «perseverante»<sup>113</sup> indica de que os apóstolos estavam conscientes do compromisso e da tarefa da sua futura unidade e missão. Mas este adjectivo também indica de que esta oração é, antes de mais, «um fruto da ação interior do Espírito Santo»<sup>114</sup> nos Apóstolos. Pois, durante a permanência no Cenáculo, o Espírito Santo já atuava neles no oculto da oração para que no dia de Pentecostes eles estivessem disponíveis para O receberem.

Ademais, a referência da presença de outros discípulos, especialmente de Maria, Mãe de Cristo, no Cenáculo sublinha, desde o início, a participação e o contributo tanto do homem como da mulher no crescimento do Reino de Deus<sup>115</sup> e o vínculo que se estabeleceu entre Maria e o Mistério da Igreja como membro iminente e modelo singular da maternidade da Igreja de Cristo<sup>116</sup>.

### 2.1.2.1. O acontecimento do Pentecostes

A partir desse dia, o Pentecostes, que era originariamente na tradição judaica a Festa das Colheitas ou Festa das Semanas (Cf. Ex 23, 16; 34, 22; Lv 23, 15ss; Nm 28, 26-31; 2 Cro 15, 10-13), converte-se na festa da nova colheita do divino Paráclito<sup>117</sup>. Pelo fruto do sacrifício na Cruz e do Lado transpassado do Crucificado, todos os que estavam reunidos no Cenáculo ficam cheios do Espírito Santo (Cf. At 2, 2.4) e recebem – considera o Papa – «uma prolongação espiritual da plenitude do Espírito Santo que «habita» em Cristo»<sup>118</sup>. Por conseguinte, por obra do Espírito Santo, os Apóstolos transformam-se, por sua vez, em ceifeiros da colheita de «Cristo-Semeador»<sup>119</sup>. Esta manifestação divina completa o ciclo das teofanias com que Deus se deu a conhecer progressivamente ao homem. De facto, «no Pentecostes realiza-se uma teofania – afirma o Papa – que, com Maria, toca directamente toda a Igreja inicial, completando-se assim o longo processo iniciado na Antiga Aliança»<sup>120</sup>.

---

<sup>113</sup>A palavra grega προσκαρτεροῦντες indica uma perseverança paciente, mesmo em um sentido «obstinada», o que inclui um sacrifício e superação de dificuldades. Foi, por conseguinte, uma oração que compromete completamente não só o coração senão também à vontade.

<sup>114</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Junho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 1 (1989), 1705.

<sup>115</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Junho de 1989*, 1705-1706.

<sup>116</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 28 de Junho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 1 (1989), 1775 – 1776.

<sup>117</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 5 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 31.

<sup>118</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 5 de Julho de 1989*, 30.

<sup>119</sup>JOÃO PAULO II, JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 5 de Julho de 1989*, 27.

<sup>120</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 12 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 80.

Segundo a descrição de Lucas, a teofania no Cenáculo realiza-se mediante fenómenos externos semelhantes aos do Monte Sinai, entre os quais o elemento do vento, do fogo e da língua estão presentes (Cf. At 2, 1-13; Ex 19)<sup>121</sup>. Todos estes elementos «externos», ricos em valor simbólico, indicam não só a presença do Espírito Santo, senão também manifestam a doação e a efusão da vida divina, daquela vida de que Jesus Cristo, no Mistério Pascal, é artífice e de que, tal como a Igreja professa no Símbolo Niceno-Constantinopolitano, o Espírito Santo é Doador. Por isso, o acontecimento do Pentecostes, junto com a Páscoa, constitui o coroamento da economia salvífica da Trindade na história humana<sup>122</sup>. Mais ainda, a teofania do Pentecostes abre a todos os homens a perspectiva da «novidade de vida» no sentido de que «o Pentecostes – afirma o Papa – é o início do processo de renovação espiritual, que realiza a economia salvífica na sua dimensão histórica e escatológica, projetando-se sobre todo o criado»<sup>123</sup>. Daí que o mais importante e essencial da teofania em Jerusalém é precisamente o seu elemento «interior», nomeadamente a transformação interior dos Apóstolos e dos demais discípulos<sup>124</sup>. Para estes homens e estas mulheres, o Pentecostes é o dia da «vida nova» no Espírito Santo. Por obra do Paráclito, os Apóstolos e os demais discípulos superam definitivamente a atitude de desconfiança e transformam-se em «homens pascais»<sup>125</sup>, isto é, em crentes e testemunhas da Ressurreição de Cristo. Tornam-se plenamente os primeiros participantes da vida nova que, neles e por meio deles, se abre a todos os homens, uma vez que é universal como a Redenção<sup>126</sup>. Como o Papa esclarece na audiência geral de 26 de Julho de 1989:

O início da «vida nova» realiza-se mediante «o dom da filiação divina», obtida para todos por Cristo com a Redenção, e estendida a todos por obra do Espírito Santo que, na graça, refaz e quase recria o homem à semelhança do Filho Unigénito do Pai. Desta maneira, o Verbo encarnado renova e consolida o «doar-se» de Deus, oferecendo ao homem mediante a obra redentora aquela «participação na natureza divina», à que se refere a segunda carta de Pedro (cfr. 2 Ped 1, 4); e também São Paulo, na Carta aos Romanos, ao falar de Jesus

---

<sup>121</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 12 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 79-84.

<sup>122</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 22 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 124-125.

<sup>123</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 22 de Julho de 1989*, 127.

<sup>124</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 26 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 142.

<sup>125</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 5 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 126.

<sup>126</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 26 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 142-143.

Cristo como Aquele que foi «constituído Filho de Deus, com poder, segundo o Espírito de santidade, por Sua Ressurreição dentre os mortos» (1, 4)<sup>127</sup>.

Esta maravilhosa verdade de fé cristã permite compreender que o Reino anunciado por Cristo é aberto aos que n'Ele crêem. Pela sua vinda, o Espírito Santo vem aos corações dos crentes como Espírito do Filho para estabelecer, formar e fazer, de algum modo, “cristiforme” no homem a filiação divina à semelhança de Cristo e em união com Cristo. Desde então, o plano eterno de Deus Pai, que consiste no homem em ser “filho no Filho”, por obra de Cristo, mediante o Espírito Santo, é atualizado nos corações<sup>128</sup>. Assim, o acontecimento do Pentecostes constitui a solene manifestação pública da realização plena da Nova Aliança de Deus com toda a Humanidade<sup>129</sup>, donde se estabelece não só, no profundo do ser humano, por ação do Espírito Santo, a “Nova Lei” anunciada pelos profetas, como inclusive marca o início de uma nova moral humana, enraizada na “Lei do Espírito”.

## **2.2. A Revelação do Espírito Santo na Missão de Jesus Cristo**

Depois de ilustrar e verificar o anúncio de Jesus no Pentecostes e na história da Igreja primitiva, o Papa sublinha a obra realizada pelo Espírito Santo na vida de Jesus Cristo. Numa leitura pneumatológica da vida e da missão de Cristo, S. João Paulo II começa por recordar da importância da necessidade de «uma integração pneumatológica da Cristologia»<sup>130</sup>. Esta necessidade prende-se com o simples facto do papel que teve o Espírito Santo na formação da humanidade do Filho de Deus no seio virginal de Maria. Ao examinar os textos evangélicos, principalmente, de Lucas e Mateus, o Papa verifica que «o Espírito Santo deixou a marca da personalidade divina no rosto de Cristo»<sup>131</sup>. De facto, qualquer aprofundamento do Mistério de Cristo ou qualquer tentativa para explicar o Jesus do Evangelho requer um conhecimento mais profundo do Mestre Interior. E, portanto,

---

<sup>127</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 26 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 143.

<sup>128</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 5 de Julho de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 144-145.

<sup>129</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 2 Agosto de 1989*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 163-167.

<sup>130</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 28 de Março de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 777.

<sup>131</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 28 de Março de 1990*, 778.

como afirma S. João Paulo II, «saber que é Cristo» e «saber quem é o Espírito» são duas exigências indissociáveis, que se influenciam mutuamente»<sup>132</sup>. Esta verdade essencial encontramos-la claramente em alguns momentos da vida de Cristo, sobretudo, nos momentos da Encarnação, Infância, Vida Oculta, Vida Pública, Morte e Ressurreição.

### **2.2.1. O Espírito Santo no Mistério da Encarnação**

Segundo S. João Paulo II, os evangelistas apresentam a Encarnação como facto histórico e biográfico, carregado de recôndita verdade sobre Cristo e o Espírito Santo. Nas narrativas evangélicas de Mateus e de Lucas sobre a concepção e o nascimento de Jesus, é-nos revelada inequivocamente a origem divina do acontecimento e o momento e o modo como a maternidade virginal de Maria teve origem por obra do Espírito Santo<sup>133</sup>. A referência às circunstâncias concretas da Encarnação do Verbo, à qual o Prólogo do IV Evangelho oferece um aprofundamento teológico, faz-nos descobrir a novidade e a originalidade do acontecimento em relação aos mitos da antiguidade e em relação com as escrituras veterotestamentárias sobre o futuro Messias<sup>134</sup>. A grande novidade está no facto de que, ao contrário das narrações dos nascimentos milagrosos do Antigo Testamento que aconteciam habitualmente pelo caminho da procriação humana, a concepção e o nascimento virginal do Filho de Deus são fruto da ação do Espírito Santo em Maria<sup>135</sup>.

No “acontecimento” de Nazaré, descrito por Lucas no Evangelho da Anunciação, emerge o tipo de relação pessoal que Deus quer estabelecer com todo o homem<sup>136</sup>. Segundo S. João Paulo II, o termo “Espírito Santo” ressoa na alma de Maria como o nome próprio de uma Pessoa e traz para Maria uma prévia revelação e percepção, pelo menos obscura, do Mistério trinitário<sup>137</sup>. Em particular, o Espírito Santo aparece como Aquele que «supera a distância» entre Deus e o homem, como Aquele que realiza e manifesta, de forma antecipada em Maria, desde o momento da sua imaculada concepção, a participação nos

---

<sup>132</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 28 de Março de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 778.

<sup>133</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 4 de Abril de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 824-826.

<sup>134</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 4 de Abril de 1990*, 827.

<sup>135</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 4 de Abril de 1990*, 827.

<sup>136</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 18 de Abril de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 920.

<sup>137</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 18 de Abril de 1990*, 921.

benefícios da Encarnação e da Redenção, como ápice e cumprimento do "dom de si" que Deus faz ao homem<sup>138</sup>.

Assim, no acontecimento de Nazaré encontramos o modelo perfeito da união nupcial de Deus com a humanidade anunciada pelos profetas do Antigo Testamento (Cf. Jer 31, 3-4; Is 54, 5-8; Os 2, 21-22)<sup>139</sup>. A resposta de amor de Maria ao esponsal divino de Deus faz da Virgem Maria, de modo consciente e digno, Mãe de Deus no Mistério da Encarnação. E, por conseguinte, converte-a na história espiritual da humanidade na nova Esposa, a nova Eva, a Mãe da Igreja<sup>140</sup>.

De facto, a união hipostática do Filho-Verbo constitui, de facto, uma novidade absoluta. Pois, como lemos em Mateus, não se trata só de uma Aliança com Deus, senão trata-se da presença real de Deus no meio dos homens (Cf. Mt 1, 22-23). Trata-se, de modo particular, da manifestação da Vida própria do mesmo Deus, do dom da vida divina para toda a Humanidade<sup>141</sup>. Consequentemente, no Mistério da Encarnação, o Espírito Santo coloca as bases de uma *nova antropologia*, que brilha na grandeza da natureza humana, uma vez que resplandece em Cristo<sup>142</sup>. Por obra do Espírito Santo, realiza-se a união hipostática na única Pessoa do Verbo-Filho de Deus. As palavras dirigidas a Maria na Anunciação indicam-nos que, no momento dessa união, o Espírito Santo é a fonte da santidade do Filho de Deus como homem<sup>143</sup>. Por obra deste artífice, o Filho de Deus, Jesus Cristo, recebe uma singular plenitude de santidade que alcança toda a Sua humanidade: alma e corpo. Assim, «o corpo humano do Filho de Maria – afirma o Papa – participa plenamente nesta santidade com um dinamismo de crescimento que tem o seu cume no mistério pascal»<sup>144</sup>. Neste ponto, acrescenta S. João Paulo II, o corpo é já uma prerrogativa também do Corpo de Cristo no Mistério da Encarnação e da Eucaristia<sup>145</sup>. E, portanto, o mistério da Encarnação marca a entrada para o mundo de uma nova santidade, a santidade da Pessoa

---

<sup>138</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 18 de Abril de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 921-922.

<sup>139</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 2 de Maio de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1079-1081.

<sup>140</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 2 de Maio de 1990*, 1081 – 1082.

<sup>141</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 23 de Maio de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1379.

<sup>142</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 23 de Maio de 1990*, 1380.

<sup>143</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 6 de Junho de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1524-1525.

<sup>144</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 6 de Junho de 1990*, 1526.

<sup>145</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 6 de Junho de 1990*, 1526.

divina do Verbo, que, graças ao Espírito Santo, constitui «o princípio e a fonte permanente da santidade na história do homem e do mundo»<sup>146</sup>.

## **2.2.2. O Espírito Santo nos mistérios da infância e da vida oculta de Jesus**

Todavia, o Papa eslavo não fica pela reflexão sobre a concepção virginal e sobre o nascimento. Segundo S. João Paulo II, há outras páginas no «evangelho da infância» que põem em realce de modo especial a inspiração, iluminação e moção do Espírito Santo.

No episódio da visitação de Maria a Isabel (Cf. Lc 1, 39-45), Lucas manifesta a sua convicção de que tanto em Maria como em Isabel agiu o Espírito Santo. O Espírito Santo faz reconhecer na fé e exultar de júbilo Maria pelo mistério da maternidade realizada na virgindade (Cf. Lc 1, 46-55). Por sua vez, Isabel experimenta de modo sensível a presença do Espírito Santo e «é introduzida nas profundidades do mistério do Messias»<sup>147</sup>. De igual modo, de acordo com São Lucas, o Espírito Santo pré-anuncia ao santo ancião Simeão o encontro com o Messias e concede-lhe reconhecer no Menino Jesus, filho de Maria, a Luz para revelar as nações e glória de Israel (Cf. Lc 2, 28-32) e está presente e realiza também a sua ação na profetiza Ana (Cf. Lc 2, 36-38). Embora Lucas não fale explicitamente de uma espécie de ação do Espírito Santo nesta mulher, Ana é também movida pelo Espírito Santo para sair ao encontro de Jesus. Ela é associada a Simeão e apresentada como uma mulher consagrada a Deus, capaz, à luz do Espírito, de captar e interpretar os planos divinos, a exemplo das profetizas Maria, irmã de Aarão, e Hulda (Cf. Ex 15, 20; 2 Re 22, 14)<sup>148</sup>.

Assim, as palavras proféticas de Simeão dirigidas ao coração de Maria (Lc 2, 34-35) e as palavras da profetiza Ana sobre o Menino (Cf. Lc 2, 38) anunciam não só a presença do Salvador no meio de Israel, mas também o futuro sacrifício redentor de Jesus e o sofrimento de Maria que viverá associada ao seu filho, a rejeição de Israel e do Mundo inteiro<sup>149</sup>. Isto permite o Papa eslavo perceber o seguinte:

---

<sup>146</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 6 de Junho de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1527.

<sup>147</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 13 de Junho de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1573.

<sup>148</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 20 de Junho de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1634 - 1635.

<sup>149</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 20 de Junho de 1990*, 1635-1636.

A leitura do «evangelho da infância de Jesus» já é uma prova de que o evangelista era particularmente sensível à presença e à ação do Espírito Santo em tudo o que se refere ao mistério da Encarnação, desde o primeiro até ao último momento da vida de Cristo<sup>150</sup>.

### **2.2.3. O Espírito Santo no Batismo e na Vida Pública de Cristo**

Outro momento da presença e da ação do Espírito Santo é a vida pública de Jesus. Como vimos, na Encíclica *Dominum et vivificantem* (1986), a vida pública de Jesus começa com o Seu Batismo no Rio Jordão (Mc 3, 13-17; Mc 1, 9-11; Lc 3, 21-22; Jo 1, 29-34). A longa preparação da Antiga Aliança na expectativa do tempo do Messias e do Seu Espírito chega ao seu fim quando Jesus de Nazaré aparece no Rio Jordão para receber, também ele, como a multidão dos pecadores, publicanos e soldados, o batismo de penitência. Ao vê-lo, João sente a grandeza daquele momento decisivo, que interpretou como o início de uma *nova criação* (Cf. Jo 1,32; Gn 1,2)<sup>151</sup>. Ele hesita, porque sabe que é apenas o precursor d'Aquele que haveria de vir a «batizar com o Espírito Santo» (Cf. Mc 1,7-8). Enquanto isso, Jesus insiste com João e prepara-se em oração para aquele grande momento, que havia de manifestar, ainda sob sinais representativos, a presença do Espírito Santo na humanidade como princípio de vida divina. Deste modo, no Batismo de Jesus no Jordão manifesta-se a iniciativa da comunicação especial do Pai e do Espírito Santo com a terra para inaugurar, religiosa e quase ritualmente, a missão messiânica do Verbo Encarnado<sup>152</sup>.

### **2.2.4. A experiência do deserto**

Outro facto interessante e sugestivo, narrados pelos evangelistas, da ação do Espírito Santo no início da missão messiânica de Jesus é a experiência do deserto (Cf. Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13). Segundo S. João Paulo II, os textos dos evangelhos sinóticos oferecem alguns pontos de reflexão sobre o Mistério da íntima união de Jesus-Messias com o Espírito Santo na obra da Redenção. Em primeiro lugar, o Papa observa que o carácter linguístico dos verbos utilizados pelos evangelistas sinóticos expressa

---

<sup>150</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 20 de Junho de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1637.

<sup>151</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 11 de Julho de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 83-84.

<sup>152</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 11 de Julho de 1990*, 84-85.

particularmente uma forte iniciativa enérgica por parte do Espírito Santo na vida espiritual e psicológica de Jesus-Messias<sup>153</sup>.

Os textos referem que Jesus, após o Batismo no Jordão, sente a necessidade de um período de reflexão e de austeridade antes de iniciar o seu ministério messiânico. Dócil à ação do Espírito Santo, Jesus dirige-se para o deserto, onde reside Satanás, e ali permanece durante quarenta dias para ser tentado pelo diabo. A sua ida ao deserto é obra do Espírito Santo na medida em que esta ida, antes de mais, significa o início de uma nova tomada de consciência de Jesus-Messias na luta que deverá manter ao longo da sua vida pública contra Satanás, artífice do pecado<sup>154</sup>. A vitória de Jesus sobre as tentações satânicas no deserto manifesta o seu poder salvífico sobre o pecado e a chegada do Reino de Deus no meio dos homens. Por conseguinte, é nesta primeira demonstração de poder de Cristo sobre o mal e sobre Satanás, e também nesta chegada do Reino de Deus por sua obra, que se dá a revelação do Espírito Santo<sup>155</sup>.

Em virtude da «unção» do Espírito Santo, Jesus não sucumbe às seduções satânicas de um messianismo político e glorioso que os homens desejam atribuir-Lhe. Contrariamente a Adão e à experiência do Povo de Israel no deserto Sinai (Cf. Ex 24, 18), Jesus mantém-se fiel ao plano de Deus e antecipa a Sua vitória que será alcançada por meio da Cruz. Nesse sentido, a oração e a pregação messiânica de Jesus não serão mais do que a constante manifestação da presença do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, o testemunho da Sua união com o Espírito Santo na obra salvífica<sup>156</sup>.

### **2.2.5. O Espírito Santo na Morte e Ressurreição de Cristo**

Finalmente, no sacrifício da Cruz e na Ressurreição de Cristo, a verdade sobre o Espírito Santo, que transparece nos momentos da Vida e da Missão de Cristo, chega ao seu cume.

Segundo S. João Paulo II, embora a presença do Espírito Santo não se manifeste de modo explícito no evangelho joanino nem no evangelho lucano (Cf. Jo 19, 30; Lc 23, 44-46), o Mistério da associação entre o Messias e o Espírito Santo na obra messiânica

---

<sup>153</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Julho de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 111.

<sup>154</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Julho de 1990*, 112-113.

<sup>155</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Julho de 1990*, 113.

<sup>156</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Julho de 1990*, 114-115.

vislumbra-se na passagem da Carta aos Hebreus<sup>157</sup>. O Papa eslavo esclarece que o autor dessa carta compara a função ritual dos sacrifícios cruentos da Antiga Aliança com o sacrifício da Cruz. Ele deixa bem claro que o sacrifício de Cristo na Cruz é único, leva à perfeição e ultrapassa qualquer superfície de representação ritual ou antigo holocausto. Pois no Mistério mais profundo da Cruz, «o Espírito Santo é o “fogo” salvífico que dá atuação ao sacrifício de Cristo»<sup>158</sup>. A intervenção decisiva deste “fogo” transforma a autodoação absoluta do Filho do Homem, o sofrimento do Servo sofredor, num sacrifício perfeito de amor redentor. E, por isso, é justo ver no sacrifício da Cruz, o momento final da revelação do Espírito Santo na vida de Cristo<sup>159</sup>.

Por sua vez, na Ressurreição, Jesus é constituído, por obra do mesmo Espírito Santo, como fonte de vida e de santidade<sup>160</sup>. A este respeito, o Papa chama a atenção, de um modo especial, para a primeira anotação histórica dos testemunhos sobre a Ressurreição de Cristo que está no capítulo 15 da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios. Segundo S. João Paulo II, a relação estabelecida pelo apóstolo S. Paulo entre Cristo e Adão permite compreender o facto de que o último Adão ter sido constituído “espírito que dá vida”. Isto não significa que se identifique com a Pessoa do Espírito Santo, Senhor que dá vida, mas significa que Cristo, o Novo Adão, como Homem Ressuscitado que possui a plenitude deste Espírito, por meio da Sua Morte e Ressurreição, é “espírito que vivifica” o Homem na sua condição de fraqueza e mortalidade<sup>161</sup>. Pois para S. Paulo, o acontecimento histórico e transcendente da Ressurreição de Cristo é, antes de mais, uma certeza de fé de que «o corpo de Cristo, cheio do Espírito Santo na Ressurreição, é a fonte da vida nova dos corpos ressuscitados»<sup>162</sup>. Daí que, como refere S. João Paulo II, a partir desse texto paulino e de outros, pode-se deduzir que «o autor de todo o desenvolvimento da nova vida em Cristo é o Espírito Santo»<sup>163</sup>.

---

<sup>157</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 1 de Agosto de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990), 173.

<sup>158</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 1 de Agosto de 1990*, 174.

<sup>159</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 1 de Agosto de 1990*, 175.

<sup>160</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 8 de Agosto de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 191.

<sup>161</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 8 de Agosto de 1990*, 191-193.

<sup>162</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 8 de Agosto de 1990*, 193.

<sup>163</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 8 de Agosto de 1990*, 194.

## **2.3. A Revelação do Espírito Santo como pessoa Divina**

Depois de uma série de catequeses dedicadas à ação do Espírito Santo nos diversos momentos da vida de Cristo, o Papa eslavo passa a examinar a Revelação do Mistério da Pessoa do Espírito Santo no âmbito da Sagrada Escritura e do próprio Mistério trinitário.

### **2.3.1. A pedagogia da Revelação sobre a Pessoa do Espírito Santo**

O Papa eslavo começa, antes de mais, por recordar que estamos na fase mais alta da autorrevelação divina. Desde a origem, Deus, que Jesus nos ensinou a reconhecer e invocar como Pai, usou de uma pedagogia transcendente. Por amor, revelou-Se ao Homem, comunicando-lhe gradualmente o Seu próprio Mistério para instruir e atrair o Homem para Si. De igual modo, esta dimensão pedagógica também sucedeu na Revelação da Pessoa do Espírito Santo<sup>164</sup>. No entanto, o Papa afirma – citando S. Gregório de Nazianzo – que o fio condutor da ação progressiva de Deus na História da Salvação, na Revelação de Deus como Uno na natureza e Trino nas Pessoas, resulta para muitos homens, inclusive religiosos, sempre difícil de aceitar<sup>165</sup>. Pois, como o próprio S. João Paulo II nota, no âmbito do Antigo Testamento, os textos são mais anúncios referentes à ação do Espírito Santo no Homem e na História do que propriamente à Sua Pessoa<sup>166</sup>.

Por outro lado, as abundantes referências à ação do Espírito Santo permitem descobrir uma progressiva compreensão dessa ação e, por conseguinte, preparam os homens para o conhecimento e o reconhecimento do Mistério revelado do Novo Testamento sobre o Espírito Santo como Pessoa, na unidade com o Pai e com o Filho<sup>167</sup>. Como refere S. João Paulo II Papa na seguinte passagem:

Na Nova Aliança chegamos a uma nova etapa: o aumento da consciência do valor da pessoa em relação aos homens criou um contexto em que a revelação do Espírito Santo *como*

---

<sup>164</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 22 de Agosto de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 303.

<sup>165</sup>Aqui o Papa dá o exemplo das religiões monoteístas, nomeadamente, o Judaísmo e o Islamismo.

<sup>166</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 22 de Agosto de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 303-304.

<sup>167</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 22 de Agosto de 1990*, 304-306.

*Pessoa encontra terreno preparado. O Espírito Santo é Aquele que habita no homem e que, ao morar nele, o santifica sobretudo com o poder do amor que é Ele mesmo. Assim, a revelação do Espírito-Pessoa também revela a profundidade do homem interior. E através dessa exploração mais profunda do espírito humano, tornamo-nos mais conscientes de que o Espírito Santo se converte em fonte de comunhão entre o homem e Deus, e também da «comunhão» interpessoal entre os homens<sup>168</sup>.*

### **2.3.2. A Revelação do Espírito Santo como Pessoa divina na Sagrada Escritura**

Após esta breve introdução, o Papa eslavo fixa a sua atenção na última aparição de Jesus Ressuscitado na Galileia (Cf. Mt 28, 16-20). Segundo S. João Paulo II, neste episódio encontramos uma série de pormenores que nos dão o testemunho sobre a Revelação do Espírito Santo como Pessoa divina. A nomeação, o uso do termo “nome” no singular e a associação do Espírito Santo junto com as outras duas Pessoas na expressão evangélica de Mateus 28, 19 permitem deduzir, de modo inequívoco, que o Espírito Santo é uma Terceira Pessoa divina, estreitamente associada ao Pai e ao Filho, na unidade de um só “nome” divino<sup>169</sup>. De facto, «reconhecer o Espírito Santo como Pessoa é uma condição essencial para a vida cristã de fé e de caridade»<sup>170</sup>. À luz do que proporciona tal expressão evangélica de Mateus, o Papa eslavo enfatiza em outros textos, como vimos nas catequeses anteriores, a Revelação do Espírito Santo como Pessoa no Mistério da Encarnação do Verbo e no Mistério da “adoção” divina mediante a graça que, precisamente, na economia sacramental, é instituída e se realiza mediante o Sacramento do Batismo<sup>171</sup>. É mediante a Sua ação, segundo o Novo Testamento, que o Espírito se dá a conhecer como Pessoa subsistente com o Pai e o Filho na unidade trinitária. Embora nem sempre se possa passar da ação a uma “propriedade” da Pessoa em rigoroso sentido teológico, o caminho que os Padres e Doutores da Igreja seguiram foi exatamente descobrir a ação do Espírito Santo nos acontecimentos em que os autores sagrados perceberam o seu protagonismo<sup>172</sup>. No âmbito dessa descoberta, o Papa limita-se a recordar alguns textos dos sinóticos e a percorrer outros livros do Novo Testamento.

---

<sup>168</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 22 de Agosto de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 306.

<sup>169</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 29 de Agosto de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 344-345.

<sup>170</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 29 de Agosto de 1990*, 345.

<sup>171</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 29 de Agosto de 1990*, 347.

<sup>172</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 19 de Setembro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 649.

### **2.3.3. A ação da Pessoa do Espírito Santo segundo os Evangelhos Sinóticos**

No caso dos Evangelhos Sinóticos, o Espírito Santo se manifesta como uma Pessoa que age com o poder divino, antes de mais, na missão de Cristo, e, em seguida, na vida e na história daqueles que são chamados a participar na sua missão salvífica<sup>173</sup>. Como referiu o Papa eslavo nas suas catequeses sobre a Revelação do Espírito Santo na vida de Cristo, no Evangelho da infância de Lucas, muitas vezes, se fala e se delineia um paradigma da ação do Espírito Santo nas pessoas intimamente vinculadas com o Mistério da Encarnação como, por exemplo, Maria, Isabel e o velho Simeão (Cf. Lc 1, 35. 41-45. 2, 26). Este paradigma de ação não só é, ainda mais, visível na vida de Cristo, mas inclusive está escondido durante todo o desenvolvimento da sua missão messiânica<sup>174</sup>.

### **2.3.4. A ação da pessoa do Espírito Santo segundo São João**

No caso do Evangelho de São João, sublinha-se precisamente, ainda mais que nos evangelhos sinóticos, a unidade do Filho com o Pai e a abertura do caminho da Revelação do Espírito Santo como Pessoa (Cf., Jo 1, 1-2).. Segundo S. João Paulo II, é significativo o facto de que Jesus, ao anunciar e prometer a vinda do Espírito Santo, chama o Espírito o “Consolador-Paráclito”. Este nome, dado por Jesus ao Espírito Santo que, em grego, se aplica sempre a uma pessoa, demonstra que Ele é uma Pessoa, distinta do Pai e do Filho. Além disso, o facto de o próprio *Parakletos* ser chamado “o Espírito da Verdade” e a missão da Igreja derivar das atividades de ensinar, recordar, dar testemunho do Espírito da Verdade manifestam claramente que o Espírito Santo é uma Pessoa<sup>175</sup>.

---

<sup>173</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 29 de Agosto de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 652-653.

<sup>174</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 19 de Setembro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 650-652.

<sup>175</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 26 de Setembro de 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 745-746.

### **2.3.5. A ação pessoal do Espírito Santo segundo a doutrina paulina**

Por sua vez, nos escritos paulinos encontramos belas e sugestivas expressões que manifestam a fé e a vivência das primeiras comunidades cristãs da ação pessoal do Espírito Santo.

A expressão final da Segunda Carta de Coríntios que o sacerdote diz na saudação inicial da Missa (Cf. 2 Cor 13, 13) e a formulação do pensamento trinitário da primeira Carta aos Coríntios sobre os carismas (Cf. 1 Cor 12, 4-6. 11) expressam claramente a verdade da personalidade subsistente e operante do Espírito Santo na unidade trinitária com o Pai e com o Filho. De acordo com S. Paulo, «o Espírito Santo é a pessoa que age na comunhão do homem – e da Igreja – com Deus»<sup>176</sup>. A comunhão, dom do Espírito, incorpora a dupla dimensão e a participação na vida de Deus e na comunidade cristã.

A fé viva das expressões paulinas permite ao Papa continuar a extrair outras variações sobre as propriedades da Pessoa do Espírito, que são reveladas pela Sua ação. Uma das expressões mais significativas dessa fé está na “inabitação” do Espírito Santo nos crentes (Cf. 1 Cor 3, 16). Segundo S. João Paulo II, a inhabitação é um facto de natureza espiritual, um mistério de graça que se atribui à ação do Espírito Santo. É a graça que habita e influi sobre a totalidade do ser do homem, a qual o Apóstolo em várias ocasiões denomina como «corpo» (1 Cor 6, 19) e a entende como «vida segundo o Espírito» (Rm 8, 9-11). Em outras palavras, trata-se em reconhecer, acolher e deixar-se habitar pela presença operante do Espírito Santo, isto é, em viver a própria vida sob a moção permanente do Espírito<sup>177</sup>.

Outra propriedade que o Apóstolo atribui à Pessoa do Espírito Santo é o facto de este “sondar” tudo até as profundidades de Deus (1 Cor 2, 10). O Papa ensina que este “sondar” significa a nitidez e a profundidade reveladora e cognoscitiva da própria Divindade na qual o Espírito Santo é para o homem o Mestre da Verdade (Cf. Jo 14, 26) e a luz dos corações. É luz porque dá aos homens e, especialmente, à Igreja de todos os tempos

---

<sup>176</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 3 de Outubro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 801-802.

<sup>177</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Outubro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 832-833.

a capacidade de ensinar as coisas de Deus com uma sabedoria que não é deste mundo (1 Cor 2, 6-7)<sup>178</sup>.

Este Espírito, que “sonda” a profundidade de Deus e “ensina” a sabedoria divina, é também Aquele que “guia”, desde o interior, os homens para que vivam e tenham consciência da filiação divina e, por sua vez, testemunhem nas suas vidas o mistério em que são enxertados pelo próprio Deus (Rm 8, 14-16)<sup>179</sup>. Para viver dessa maneira, o Espírito Santo vem em auxílio da fraqueza humana como artífice interior da autêntica oração que, sob o seu influxo, é penetrada desde dentro e introduzida nas profundidades de Deus<sup>180</sup>. Para o Papa, a expressão paulina da Carta aos Romanos capítulo 5, versículo 5, de alguma forma compreende e resume tudo o que o Papa eslavo recolheu, nas expressões paulinas, sobre o conhecimento da ação pessoal do Espírito Santo e da sua obra divina no Homem. Pois o Espírito Santo é Aquele que «derrama» o amor de Deus nos corações humanos, de modo superabundante, e nos permite participar desse amor<sup>181</sup>. Deste modo, por meio destas expressões e de outras passagens das cartas paulinas podemos conhecer melhor a pessoalidade do Espírito Santo e a sua obra divina no Homem (Cf. 1 Cor 3, 16).

### 2.3.6. A Pessoa do Espírito Santo nos símbolos

É evidente, no entanto, que a Revelação neotestamentária e o conhecimento sobre a Pessoa do Espírito Santo não tem os rasgos tão marcados e precisos como a que se refere às primeiras Pessoas da Trindade. De facto, como refere S. João Paulo II na audiência geral do dia 17 de Outubro de 1990:

A Pessoa do Espírito Santo, pelo contrário, está mais radicalmente *por cima de todos os nossos meios de conhecimento*. Para nós, a terceira pessoa é um Deus oculto e invisível, também porque tem analogias mais fracas com o que sucede no mundo do conhecimento humano. A própria génese e inspiração do amor, que na alma humana é um reflexo do amor incriado, não tem a transparência do ato cognoscitivo, que em certo sentido é autoconsciente. Daí o mistério do amor, a nível psicológico e teológico, como observava São Tomás (cf. *Summa Theologiae*, 1. q. 27, a. 4; q. 36, a. 1; q. 37, a. 1). Assim se explica por que o Espírito Santo, como o amor humano, encontra a sua expressão *especialmente nos símbolos*<sup>182</sup>.

---

<sup>178</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Outubro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 833-834.

<sup>179</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Outubro 1990*, 835.

<sup>180</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Outubro 1990*, 835.

<sup>181</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 10 de Outubro 1990*, 835.

<sup>182</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Outubro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 880.

Nesse sentido, o Papa eslavo recorre ao auxílio dos símbolos evangélicos mais comuns para falar da ação salvífica da Pessoa do Espírito Santo.

### **2.3.6.1. Os símbolos do vento, da pomba e do fogo.**

No diálogo com Nicodemos, Jesus utiliza a imagem do vento para exprimir o nascer do Espírito (Cf. Jo 3, 8). Esta analogia expressa aquele dinamismo sobrenatural pelo qual o próprio Deus se aproxima dos homens para transformá-los, para santificá-los e, em certo sentido, segundo a linguagem dos Padres, divinizá-los<sup>183</sup>. No entanto, o símbolo da pomba é um símbolo, na opinião do Papa eslavo, «mais bem adequado do que o vento para indicar a Pessoa do Espírito Santo, porque a pomba é um ser vivo, enquanto o vento é apenas um fenómeno natural»<sup>184</sup>. De facto, a pomba solta por Noé no final do dilúvio (Cf. Gn 8, 9-11) é sinal e mensageira da reconciliação que tem lugar mediante o dom do Espírito recebido no Sacramento do Batismo (Cf. 1 Pe 3, 20-21)<sup>185</sup>.

Por sua vez, o símbolo do fogo é também significativo da ação do Espírito no Batismo. O fogo simboliza o poder purificador e a força transformadora da Sua ação<sup>186</sup>. Neste contexto, o Papa eslavo recorda que a obra do Messias estava associada ao Espírito Santo e que o próprio João Batista ao falar de Cristo tinha anunciado de que batizaria com o Espírito Santo e o fogo (Cf. Mt 3, 11). Este Batismo “no Espírito e no fogo” indica a presença de um fogo misterioso que expressa à exigência da santidade e da pureza. Aquele fogo de amor prometido por Jesus e que o próprio veio lançar sobre a terra (Cf. Lc 12, 49), mas cuja promessa só veio cumprir-se, de maneira externa e visível, com a descida do Espírito Santo, sob a forma de línguas de fogo, no dia de Pentecostes<sup>187</sup>.

### **2.3.6.2. Os símbolos da unção com óleo e a água.**

Outro símbolo também significativo da ação e da Pessoa do Espírito Santo é o símbolo da unção com óleo. Na economia salvífica da Antiga Aliança, a unção com óleo era sinal da consagração de uma pessoa ao serviço de Deus, sobretudo de reis, mas também

---

<sup>183</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Outubro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 881.

<sup>184</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Outubro 1990*, 882.

<sup>185</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Outubro 1990*, 882-883.

<sup>186</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Outubro 1990*, 883.

<sup>187</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 17 de Outubro 1990*, 884.

de sacerdotes e profetas. Porém, o futuro Messias é bem mais do que qualquer outra personagem ungida na Antiga Aliança, o único e o verdadeiro Ungido de Deus sobre qual repousará em plenitude do Espírito para libertar os pobres e oprimidos (Cf. Is 11, 2; 61, 1)<sup>188</sup>.

Por seu lado, para o Novo Testamento, Jesus é o Ungido prometido. No seu discurso inaugural na sinagoga de Nazaré, o próprio Jesus apresenta-se como Messias prometido (Cf. Lc 4, 18-19). Nos Atos dos Apóstolos, Pedro afirma o mesmo quando diz que Deus ungiu com o Espírito Santo e com poder a Jesus de Nazaré (Cf. At 10, 38). Deste modo, todos aqueles acolhem Jesus Cristo na fé e no amor, participam na unção da Sua humanidade através do sinal sacramental, na iniciação cristã, da unção com óleo dos catecúmenos e, especialmente, do Crisma, que constitui para o cristão, segundo o autor da Primeira Carta de São João, a fonte do conhecimento e, portanto, a força para dar testemunho da verdade divina<sup>189</sup>.

Finalmente, outro simbolismo significativo da ação e da Pessoa do Espírito Santo é a água. No Antigo Testamento, a água era símbolo do nascimento e da fecundidade da vida concedida por Deus à natureza e aos homens (Cf. 1 Rs 18, 41-45; Is 41, 18; Sl 62 (63), 2; Ez 47, 1.8-9). Por sua vez, no Novo Testamento, a água batismal simboliza a purificação interior (Cf. Jo 1, 33). Simboliza a fonte do novo nascimento (Cf. Jo 4, 10-14; 7, 37-39), a vida divina que brota do coração aberto de Cristo na Cruz (Cf. Jo 19, 34) e que é concedida abundantemente por Cristo à Sua Igreja<sup>190</sup>. Deste modo, através destes símbolos evangélicos e do Mistério Pascal de Cristo é bem perceptível a Revelação do Espírito Santo como Terceira Pessoa da Trindade<sup>191</sup>.

---

<sup>188</sup> JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 16.

<sup>189</sup> JOÃO PAULO II, Audiência Geral de 24 de Outubro 1990, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990), 920 - 921.

<sup>190</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 24 de Outubro 1990*, 922-923.

<sup>191</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 24 de Outubro 1990*, 924.

### 2.3.7. A pessoa divina do Espírito Santo no Mistério trinitário

Depois de tratar do Mistério da Pessoa Espírito Santo dentro da *oikonomia* divina, o Santo Padre passa a analisar num conjunto de quatro catequeses o Mistério divino da Pessoa do Espírito Santo na *theologia* trinitária<sup>192</sup>.

S. João Paulo II começa por esclarecer que a fé da Igreja relativamente ao Espírito Santo é proclamada na liturgia latina nestes termos: «Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai. Com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos Profetas». É com estas palavras do Símbolo dito Niceno-Constantinopolitano, formuladas pelo primeiro Concílio de Constantinopla em 381, provavelmente com base num texto anterior, que a Igreja professa constantemente na sua Liturgia a divindade e a personalidade do Espírito Santo<sup>193</sup>. Antes de mais, «esta fé da Igreja – afirma o Papa eslavo – tem a sua origem e a sua base na Revelação divina»<sup>194</sup>. Como vimos nas catequeses anteriores, o Deus único revelou-Se plenamente como Trindade e por meio da vida e missão de Jesus Cristo, o Espírito Santo foi revelado como outra Pessoa divina, em relação ao Filho e ao Pai. Antes da Sua Páscoa, Cristo anunciara aos seus Apóstolos a vinda do Espírito Santo. Depois da sua Morte, Ressurreição e Ascensão, no dia de Pentecostes cumpriu-se o Seu anúncio e a partir desse dia, apesar muitas vezes da resistência do Mundo à obra salvífica de Deus, o Espírito Santo tornou-Se o Dador de todos os dons hierárquicos e carismáticos<sup>195</sup>.

É com base nesta verdade revelada por Cristo e transmitida pelos Apóstolos, que o Símbolo da Fé professa que o Espírito Santo é Senhor que dá vida. É Senhor, porque é Deus com distinção pessoal em relação ao Pai e ao Filho na unidade da natureza divina. E,

---

<sup>192</sup>«Os Padres da Igreja distinguem entre “Theologia” e “Oikonomia”, designando pelo primeiro termo o mistério da vida íntima de Deus-Trindade e, pelo segundo, todas as obras de Deus pelas quais Ele Se revela e comunica a sua vida. É pela “Oikonomia” que nos é revelada a “Theologia”; mas, inversamente, é a “Theologia” que esclarece toda a “Oikonomia”. As obras de Deus revelam quem Ele é em Si mesmo: e, inversamente, o mistério do seu Ser íntimo ilumina o entendimento de todas as suas obras. Analogicamente, é o que se passa com as pessoas humanas. A pessoa revela-se no que faz, e, quanto mais conhecemos uma pessoa, tanto melhor compreendemos o seu agir» (*Catecismo da Igreja Católica*, nº 236).

<sup>193</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 31 de Outubro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 972; Cf. DENZ.-SCHÖNM, *Enchiridion Symbolorum*, 150.

<sup>194</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 31 de Outubro 1990*, 972.

<sup>195</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 31 de Outubro 1990*, 972-974.

enquanto Deus é autor e dador da vida divina doada ao Homem em Cristo, pois «é fonte de toda a atuação salvífica de Deus na Criação, na Redenção e Consumação»<sup>196</sup>.

Esta verdade de fé formulada pelo Símbolo Niceno-Constantinopolitano significou o ponto final do processo do dogma trinitário e pneumatológico<sup>197</sup>. Segundo S. João Paulo II, historicamente, o I Concílio de Constantinopla sentiu a necessidade de explicar melhor a confissão pneumatológica diante da antítese herética, derivadas do arianismo, dos pneumatómacos (macedonianos)<sup>198</sup> que negavam a divindade do Espírito Santo. Contra as refutações dos pneumatómacos se opuseram os grandes Padres da Igreja<sup>199</sup>, entre os quais Santo Atanásio de Alexandria que, especialmente na sua primeira Carta ao bispo Serapião de Thumis<sup>200</sup>, afirmava a igualdade do Espírito Santo com as outras duas Pessoas Divinas da Santíssima Trindade<sup>201</sup>. De igual modo, estes Padres, ao defenderem a genuína e completa noção da Trindade, fizeram notar que a negação da divindade do Espírito Santo equivalia a anular a divinização do Homem<sup>202</sup>. De facto, «só aquele que é Deus em si mesmo pode obrar a participação na vida divina»<sup>203</sup>. Além disso, o Papa eslavo refere que é preciso ter sempre bem presente que a confissão da fé na divindade e na pessoalidade do Espírito Santo pelo Símbolo Niceno-Constantinopolitano foi muitas vezes confirmada pelo

---

<sup>196</sup>MÜLLER, G. L., *Dogmática*, 395.

<sup>197</sup>MÜLLER, G. L., *Dogmática*, 395.

<sup>198</sup>Macedonianos ou pneumatómacos (Séc. IV)-conjunto de doutrinas heréticas promovidas pelo bispo de Constantinopla, Macedónio I. Influenciado pelas teorias semi-arianas ensinou que o Espírito Santo era uma criatura espiritual subordinado (como anjos), e não divino nem consubstancial com Deus Pai e da natureza Filho. Os seguidores dessa nova abordagem radical também foram chamados *pneumatómacos*, «adversários do Espírito». No entanto, nem todos os macedónios chegaram a acordo sobre a natureza do Espírito Santo, vendo-a uns como uma divindade distinta do Pai e do Filho, e outros, uma mera virtude divina. No ano de 336, o bispo Macedónio I foi afastado do cargo eclesiástico e a sua doutrina condenada no primeiro Concílio Ecuménico de Constantinopla (a. 381), realizado durante o papado do Papa Dâmaso I (a. 366-384). Assim, a doutrina da divindade e da consubstancialidade do Espírito Santo foi reafirmada seguindo a linha estabelecida no «Credo de Niceia», ao qual foram adicionadas algumas palavras esclarecedoras sobre a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade: «Acreditamos (...) no Espírito Santo, Senhor que dá vida, que procede do Pai e do Filho, (que com o Pai eo Filho é para ser adorado e glorificado), que falou pelos profetas sagrados...» (Segundo a versão de Dionísio, o Exígio-Cf. DENZ.-SCHÖNM, *Enchiridion Symbolorum*, 86).

<sup>199</sup>Os principais adversários dos pneumatómacos foram Santo Atanásio (*Quatro cartas a Serapião de Thumis*, 358-362), os Capadócijs São Basílio de Cesareia (Tratado *Sobre o Espírito Santo*), São Gregório de Nazianzeno (*Discursos teológicos*, especialmente, o Discurso 31, or. 12, 6) e Dídimo, o Cego (Tratado *Sobre o Espírito Santo*).

<sup>200</sup>Serapião, bispo de Thumis, no delta do Nilo, amigo e confidente de Sto. Atanásio. Tão logo a heresia do Macedonianismo apareceu, vigorosamente se opôs à negação da Divindade do Espírito Santo e informou Atanásio, que logo em seguida escreveu contra ela quatro cartas dirigidas a Serapião em 359 (enquanto Atanásio estava escondido no deserto).

<sup>201</sup>Cf. S. ATHNASII, *Epist. Ad Serapionem*, I, 28-30, in PG 26, 594-595.599.

<sup>202</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 31 de Outubro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 974-975.

<sup>203</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 31 de Outubro 1990*, 975.

Magistério solene da Igreja<sup>204</sup>. Como explica S. João Paulo II na audiência geral de 31 de Outubro de 1990:

A fórmula sintética do Símbolo da fé do ano 381, que diz que o Espírito Santo sendo Deus é "Senhor" como o Pai e o Filho, é lógica ao acrescentar que, "com o Pai e o Filho é adorado e glorificado". Se o Espírito Santo é quem "dá a vida", ou seja, quem possui com o Pai e o Filho o poder criador, e em particular o poder santificador e vivificador na ordem sobrenatural da graça – poder que é atribuído à sua Pessoa – é justo que seja adorado e glorificado como as duas primeiras Pessoas da Trindade, das quais procede como um termo do seu eterno amor, em perfeita igualdade e unidade de substância<sup>205</sup>.

Assim, as questões levantadas pela pretensão racionalista dos pneumatómacos fizeram com que os Padres conciliares reunidos no I Concílio de Constantinopla (a. 381) não quisessem elaborar um novo Símbolo, mas antes completar o Símbolo de fé de Niceia (a. 325). Em relação a este Símbolo, procuram desenvolver, sobretudo, a pneumatologia arcaica e insuficiente do terceiro artigo explicando e estabelecendo como característica própria do Espírito Santo a procedência do Pai. No entanto, como esclarece o Papa eslavo na introdução da audiência geral de 7 de Novembro de 1990:

A fórmula mais completa: «que procede do Pai e do Filho» (*qui ex Patre Filioque procedit*), já presente em textos antigos e rerepresentada pelo Sínodo de Aquisgrana em 809, foi finalmente introduzida em Roma em 1014, por ocasião da coroação do Imperador Henrique II. Difundiu-se, desde então, por todo o Ocidente, e foi admitida pelos gregos e latinos no Concílio Ecumênico de Lião (1274) e de Florença (1439) (Cf. DENZ-SCHÖNM, 150 Nota introdutória). Era uma precisão que não muda nada na substância da antiga fé, mas que os mesmos Romanos Pontífices estavam hesitantes em admitir por respeito à fórmula antiga já difundida em toda parte e também usada na Basílica de São Pedro. A introdução da adição, acolhida sem graves dificuldades no Ocidente, suscitou reservas e polémicas entre os nossos irmãos orientais, que atribuíram aos ocidentais uma mudança substancial em matéria de fé. Hoje podemos agradecer ao Senhor pelo facto de que também neste ponto se vai esclarecendo no Oriente e no Ocidente o verdadeiro sentido da fórmula, bem como a natureza relativa da questão em si mesma<sup>206</sup>.

---

<sup>204</sup>Os cânones do Sínodo de Roma (a. 382) publicados pelo Papa Dâmaso I, admitem expressamente o Concílio de Niceia (a. 325) e de Constantinopla (a. 381) e ensinam a divindade e a pessoalidade do Espírito Santo (cf. DENZ.-SCHÖNM, *Enchiridion Symbolorum*, 168-169).

<sup>205</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 31 de Outubro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 976.

<sup>206</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1015.

### 2.3.7.1. A questão da «origem» do Espírito Santo

Depois desta introdução, o Papa ocupa-se em falar da «origem» do Espírito Santo, tendo em conta a tal questão do *Filioque*, que como sabemos constitui, ainda hoje, no entanto, um diferendo com as igrejas ortodoxas<sup>207</sup>.

Antes de mais, o Papa eslavo começa por dizer que a Sagrada Escritura alude à processão do Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho. Segundo S. João Paulo II, para muitos exegetas as palavras de Cristo no que se refere à promessa do Espírito Santo aos seus Apóstolos referem diretamente a missão temporal do Espírito Santo da parte do Pai (Cf. Jo 15, 26). No entanto, para o Papa eslavo é legítimo ver à luz dessas palavras a processão eterna e, portanto, a origem do Espírito Santo do Pai. De facto, tratando-se evidentemente de uma das Pessoas divinas da Santíssima Trindade, consubstancial ao Pai e ao Filho, o Papa refere que é preciso libertar a palavra “origem” de toda a referência, quer em sentido ativo quer passivo, da ordem do criado e temporal. Pois, em Deus tudo é eterno<sup>208</sup>. Como explica S. João Paulo II na seguinte passagem:

Trata-se, efectivamente, de uma «processão» de origem espiritual, como sucede (ainda que seja sempre de uma analogia muito imperfeita), na «produção» do pensamento e do amor, que permanecem na alma na unidade com a mente da que procedem chegando. «E neste sentido – escreve São Tomás – a fé católica admite processões em Deus» (*Summa Theologiae*, I, q 29, a.1, aa. 3-4)<sup>209</sup>.

Quanto à processão e origem do Espírito Santo do Filho, o Papa eslavo esclarece que os textos neotestamentários, ainda que não falem dela abertamente, põem em relevo as relações estreitas entre o Pai e o Filho (Cf. Jo 14, 26; 16, 7). Também o Papa recorda que existem outras passagens evangélicas que expressam a relação entre o Espírito Santo e a Revelação realizada pelo Filho (Cf. Jo 16, 15). Esta relação aparece em primeiro plano e com singular relevo nos discursos de despedida (Jo 13 – 17) que, como vimos anteriormente, dizem de forma clara que não só o Pai, mas também o Filho “envia” o Espírito Santo do mesmo modo como o Filho foi enviado pelo Pai (Jo 20, 22). Juntamente com estas passagens evangélicas existem no Novo Testamento outros textos, como por exemplo, na Carta aos Gálatas e aos Romanos (Cf. Gal 4, 6; Rm 8, 2. 9; 15, 19), que

---

<sup>207</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1015.

<sup>208</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, 1016.

<sup>209</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, 1016.

demonstram que o Espírito Santo não é só o Espírito do Pai, mas também é Espírito do Filho<sup>210</sup>.

De facto, a questão da “origem” do Espírito Santo na vida trinitária do único Deus, passou por uma longa e complexa reflexão teológica baseada nas Escrituras. Como explica S. João Paulo II, a tentativa de penetrar mais profundamente no Mistério da vida íntima de Deus Trindade, feita por Santo Ambrósio na sua obra *De Spiritu Sancto* e por Santo Agostinho na sua obra *De Trinitate*, e por outros Padres e Doutores latinos e gregos, certamente preparou o caminho para a introdução no artigo pneumatológico do Símbolo Niceno-Constantinopolitano a cláusula: “e procede do Pai e do Filho”<sup>211</sup>. No entanto, a tradição Oriental manteve a fórmula pura e simples do I Concílio de Constantinopla (a. 381) que exprime a origem primeira do Pai em relação ao Espírito Santo. Deste modo, a afirmação do *Filioque*, que não figurava no Símbolo de Constantinopla do ano 381, tornou-se, nos séculos seguintes, ocasião de Cisma, apesar de esta doutrina não carecer de referências precisas nos grandes Padres e Doutores do Oriente e do Ocidente<sup>212</sup>. Tratou-se de um cisma levado a cabo durante a controvérsia de Fócio (a. 882), mas que viria ser consumado e estendido a quase todo o Oriente cristão como o Grande Cisma de 1054. Daí, como diz S. João Paulo II:

As Igrejas orientais separadas de Roma ainda hoje professam no símbolo da fé «no Espírito Santo que procede do Pai», sem mencionar o «*Filioque*», enquanto no Ocidente dizemos expressamente que o Espírito Santo «procede do Pai e do Filho»<sup>213</sup>.

Após o Grande Cisma de 1054, o Papa eslavo recorda que foram realizados vários Concílios no Segundo Milénio para tentar reconstruir a unidade entre Roma e Constantinopla e resolver a questão do *Filioque*. Inclusive, a processão do Espírito Santo foi objeto de clarificações especialmente nos Concílios IV de Latrão (a. 1215), II de Lião (a. 1374) e, finalmente, no Concílio de Florença (a. 1439). Neste último Concílio encontramos na declaração doutrinal o eco da tradição latina, que S. Tomás de Aquino tinha determinado teologicamente referindo-se a um texto de Sto Agostinho, segundo o qual afirmava que «o Pai e o Filho são o princípio do Espírito Santo»<sup>214</sup>.

---

<sup>210</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1016-1017.

<sup>211</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, 1018.

<sup>212</sup>Oriente: Efrém, Atanásio, Basílio Magno, Epifânio, Cirilo de Alexandria, Máximo, João Damasceno. Ocidente: Tertuliano, Hilario de Poitiers, Ambrosio de Milão, Agostinho de Hipona.

<sup>213</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1018.

<sup>214</sup>SANTO AGOSTINHO, *De Trinitate*, V, 14 in *PL* 42, 921.

Assim, aparentemente superadas as dificuldades terminológicas e esclarecidas as intenções entre gregos e latinos na sexta sessão do Concílio de Florença (6 de Julho de 1439), foi possível estabelecer-se uma definição em comum de que o Espírito Santo procede eternamente do Pai e do Filho como um só princípio e por uma só inspiração<sup>215</sup>. E aqui está – segundo S. João Paulo II – uma outra questão que é compreensível, que é o facto de que afirmar que o Espírito Santo procede do Pai *pelo Filho* significa que também «o Filho, como o Pai, é *causa*, segundo os gregos, *princípio*, segundo os latinos, da existência do Espírito Santo»<sup>216</sup>. Por isso, o Papa afirma que ainda hoje este texto conciliar é uma base útil para o diálogo e o acordo entre os irmãos do Oriente e do Ocidente<sup>217</sup>, porque existe uma legítima complementaridade entre ambas as tradições, que se não for exagerada, não afeta a identidade da fé na realidade do mesmo mistério confessado<sup>218</sup>. Como conclui o Papa eslavo no final da audiência de 7 de Novembro de 1990:

De facto, após o Concílio de Florença, no Ocidente se continuou a professar que o Espírito Santo «procede do Pai e do Filho», enquanto no Oriente se continuou a manter a originária fórmula conciliar de Constantinopla. Mas, desde o tempo do Concílio Vaticano II, realiza-se um frutífero *diálogo ecuménico*, que parece ter levado à conclusão de que a cláusula «Filioque» não constitui um obstáculo essencial para o desenvolvimento do diálogo em si, que todos desejamos e invocamos do Espírito Santo»<sup>219</sup>.

### **2.3.7.2. Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho**

Na audiência seguinte, no dia 14 de Novembro de 1990, o Papa aprofunda a convicção da Igreja de que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho como Amor<sup>220</sup>. Segundo S. João Paulo II, as raízes da tradição dos Padres e Doutores da Igreja encontraram no Novo Testamento, especialmente, nas palavras da Primeira Carta de São João, a definição de que a própria essência de Deus é Amor, dentro e fora da vida trinitária (Cf. 1 Jo 4, 8). Porém, adverte que a nossa linguagem é pobre em termos para exprimir o ato da vontade que leva o amante para o amado e, por isso, a análise realizada por S. Tomás de Aquino dos termos amor e amar (*diligere*)<sup>221</sup> é muito útil para chegar a uma noção

<sup>215</sup>Cf. CONCÍLIO DE FLORENÇA, 1439, in DENZ.-SCHÖNM, *Enchiridion Symbolorum*, 1300.

<sup>216</sup>CONCÍLIO DE FLORENÇA, 1439, in DENZ.-SCHÖNM, *Enchiridion Symbolorum*, 1301.

<sup>217</sup>Cf. CONCÍLIO DE FLORENÇA, 1439, in DENZ.-SCHÖNM, *Enchiridion Symbolorum*, 1302.

<sup>218</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 248.

<sup>219</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1015.

<sup>220</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1182-1193.

<sup>221</sup>Cf. S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I, q. 37, a. 1

relativamente clara do Espírito Santo como *Amor-Pessoa*, no seio da Trindade que, na sua totalidade, é Amor<sup>222</sup>. Esta atribuição da palavra Amor ao Espírito Santo, como seu nome próprio – diz o Papa – encontra-se nos ensinamentos dos Padres da Igreja, herdeiros da Revelação de Jesus e da pregação dos Apóstolos<sup>223</sup>.

De facto, foi o anúncio do Amor de Deus, recebido e compreendido na Igreja primitiva, mediante o conhecimento da *oikonomia* trinitária, que permitiu aos Padres e Doutores da Igreja “penetrar com o olhar” o Mistério da vida íntima de Deus, isto é, da Trindade imanente, e desenvolver na Tradição a conceção do Espírito Santo como *Pessoa-Amor*<sup>224</sup>. «Assim fez – afirma o Papa eslavo – Santo Agostinho, especialmente na obra *De Trinitate*, contribuindo de modo decisivo para a afirmação e difusão desta doutrina no Ocidente»<sup>225</sup>.

Por sua vez, a mesma doutrina se encontra no Oriente. Segundo S. João Paulo II, na tradição oriental encontramos Padres da Igreja que, como Cirilo de Alexandria († 444) e Epifânio de Salamis († 430), falam do Espírito Santo como vínculo da Trindade. Nesta mesma linha permaneceram outros teólogos orientais nas épocas seguintes entre os quais Papa cita o monge Gregório Palamas, Arcebispo de Salónica (século XIV), e mais recentemente o autor Sergei Bulgakov (1871 – 1944), considerado a maior teólogo ortodoxo no Ocidente<sup>226</sup>. É esta doutrina do Oriente e do Ocidente, que S. João Paulo II diz que o seu predecessor, o Papa Leão XIII, sintetizou na sua Encíclica sobre a presença e virtude admirável do Espírito Santo *Divinum illud munus*<sup>227</sup>. Assim, o Papa eslavo voltando mais uma vez a Santo Agostinho conclui que «por ser Amor, o Espírito Santo é Dom»<sup>228</sup>.

### 2.3.7.3. O Espírito Santo como *Pessoa-Dom*

Finalmente, na audiência geral de 21 de Novembro de 1990, S. João Paulo II toma como tema o Espírito Santo como Dom. Nesta audiência, começa por dizer que as sugestivas palavras de Jesus dirigidas à mulher samaritana no poço de Jacob (Cf. Jo 4, 10) e no último dia mais solene da Festa dos Tabernáculos (Cf. Jo 7, 38-39) são palavras que nos

---

<sup>222</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1182-1183.

<sup>223</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Novembro 1990*, 1183.

<sup>224</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Novembro 1990*, 1185.

<sup>225</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Novembro 1990*, 1185.

<sup>226</sup>Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *100 momentos-clave de la Teología Cristiana* (Burgos: Editorial Monte Carmelo 2010) 235-236.

<sup>227</sup>Cf. LEÃO XIII, *Divinum illud Munus* (9 de Maio 1897), in *ASS* 29 (1896-1897), 644-658.

<sup>228</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1186.

apresentam e nos introduzem numa outra dimensão essencial da verdade revelada sobre o Espírito Santo. A reflexão sobre estes e outros textos análogos brotou da convicção de que pertence à Revelação de Cristo o conceito do Espírito Santo como *Dom* dado pelo Pai<sup>229</sup>.

Segundo João Paulo II, no discurso de despedida aos Apóstolos e no anúncio após a Ressurreição encontramos referências à promessa do Dom de Deus (Cf. Jo 14, 16; Lc 24, 49; At 1, 8). Como explica o Papa eslvo na seguinte passagem:

*Jesus pede ao Pai o Espírito Santo como Dom para os Apóstolos e para a Igreja até ao fim do mundo. Mas, ao mesmo tempo, Ele é quem leva em si este dom; mais ainda, Ele possui também na sua humanidade, a plenitude do Espírito Santo, pois «O Pai ama o Filho e tudo põe na sua mão» (Jo 3, 35). Ele é «aquele que Deus enviou», que «fala as palavras de Deus» e «porque dá o Espírito sem medida» (Jo 3, 34)<sup>230</sup>.*

E acrescenta o Papa na passagem seguinte:

Também através da sua humanidade, o próprio Filho de Deus é quem envia o Espírito: se o Espírito Santo é *plenamente o dom do Pai*, Cristo-homem, para levar a cabo na sua paixão redentora a missão recebida e cumprir a sua missão em obediência ao Pai, obediência «até à morte de cruz" (Fil 2, 8), revela por meio de seu sacrifício redentor de Filho o Espírito Santo como um dom e dá-o aos seus discípulos. O que no Cenáculo Jesus chama a sua «partida», na economia salvífica transforma-se no momento pré-determinado que está ligado à «vinda» do Espírito Santo (cf. Jo 16, 7)<sup>231</sup>.

De facto, através desse momento culminante da autorevelação do Mistério trinitário, S. João Paulo II diz que é-nos dado a possibilidade de conhecer ainda melhor o Espírito Santo não apenas como Dom concedido aos homens, mas também como Dom subsistente na mesma vida interior de Deus<sup>232</sup>. Por essa mesma razão, o Papa adverte que o facto de as palavras na Primeira Carta de São João constituírem como a definitiva chave de abóbada da verdade sobre Deus, isso não exclui que o Espírito Santo seja Amor em sentido pessoal, conforme explicou o Papa eslavo na catequese anterior. Pois, «o Seu ser-Amor identifica-se com o seu ser-Dom»<sup>233</sup>. Logo, S. João Paulo II afirma que se pode dizer que pelo Espírito Santo Deus existe como Dom e que o Espírito Santo é a expressão pessoal dessa doação. «É Pessoa-dom: amor-dom»<sup>234</sup>.

---

<sup>229</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1243.

<sup>230</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Novembro 1990*, 1244.

<sup>231</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Novembro 1990*, 1244.

<sup>232</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Novembro 1990*, 1244.

<sup>233</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 10.

<sup>234</sup>P. J. LASANTA, *Diccionario de Teología y Espiritualidad de Juan Pablo II* (Madrid: Editorial Edibesa 1997) 256.

A existência no Espírito Santo de uma equivalência entre *ser-Amor* e *ser-Dom*, ou seja, do Espírito Santo proceder do Pai e do Filho como Amor, faz com que o Espírito Santo proceda também como primeiro Dom, o qual contém todos os dons e do qual procede através do ato criador e da graça o dom da existência dos anjos e dos homens na *oikonomia* da salvação (Cf. Atos 2,38; 8, 19-23; 10,45; Rm 5, 5)<sup>235</sup>. É isto que repetem os Padres da Igreja, por exemplo, Cirilo de Alexandria, quando fala de que o «regresso a Deus» só tem lugar através da participação e santificação do Espírito Santo<sup>236</sup>. O itinerário do encontro entre Deus e o Homem se realiza debaixo do amor divino trinitário que nos procede, nos envolve e nos abre constantemente o caminho que leva a casa paterna<sup>237</sup>. De facto, ao vir até nós, o Espírito Santo traz-nos, não só o dom de Deus, mas também o dar-Se de Deus. Daí «o Espírito Santo ser eternamente Dom, mas temporariamente algo doado»<sup>238</sup>.

## 2.4. O Espírito Santo e a Igreja

Deste modo, no âmbito de ajudar os fiéis a tomar consciência da importância da ação do Espírito Santo no «tempo da Igreja», o Papa eslavo procura ilustrar a ação do Espírito Santo como princípio vivificante da Igreja e da vida de cada cristão, a partir do aprofundamento das quatro notas da Igreja que são professadas imediatamente a seguir à confissão sobre o Espírito Santo no artigo eclesiológico do Símbolo da Fé com estas palavras: «Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica».

O Símbolo Niceno-Constantinopolitano une directamente o Espírito Santo à verdade sobre a Igreja, porque «acreditar na Igreja como um artigo de fé isolado, e não como parte da crença no Espírito Santo, seria cair na idolatria»<sup>239</sup>. Além disso, «a crença na Trindade sem a Igreja leva à mitologia, e a crença na Igreja sem a Trindade, à idolatria»<sup>240</sup>.

Porém, esta interdependência profunda que existe entre o Mistério trinitário e a realidade da Igreja exige certa explicação. No Símbolo Niceno-Constantinopolitano, embora a Igreja apareça como sujeito de fé (Creio/cremos), não estamos a colocar a Igreja no mesmo

---

<sup>235</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Novembro 1990*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 2 (1990) 1245-1246.

<sup>236</sup>Cf. S. CYRILLI ALEXANDRINI, *In Evang. Ioannis*, 9, 10, in *PG* 74, 544 D.

<sup>237</sup>Cf. JUAN PABLO II, *Alabanza a la Trinidad-el hombre y su encuentro* (Madrid: Ediciones Palabra 2002) 83.

<sup>238</sup>SANTO AGOSTINHO, *De Trinitate*, V, 16, 17.

<sup>239</sup>T. RADCLIFFE, *Ir à Igreja porquê?-O drama da Eucaristia* (Prior Velho: Editora Paulinas 2010) 133.

<sup>240</sup>T. RADCLIFFE, *Ir à Igreja porquê?*, 133.

plano de Deus. Mas estamos a dizer, na verdade, que «a Igreja não é objecto de fé, mas ministra ou serve do objecto de fé»<sup>241</sup>. Pois, a Igreja é conteúdo da fé em Deus e na sua ação salvífica, isto é, o fim do nosso ato de fé não é a Igreja, mas Deus. Daí que, para Deus, se diz *credere in Deum*<sup>242</sup> e para a Igreja não se usa a partícula *in* que se aplica às três pessoas divinas, senão o simples verbo *credere Ecclesiam*<sup>243</sup>, «para não confundir Deus e as suas obras e para atribuir claramente à bondade de Deus todos os dons que Ele pôs na sua Igreja»<sup>244</sup>. É nesta linha que, no Símbolo da Fé, professamos as chamadas notas da Igreja que definem e descrevem a identidade da Igreja de Cristo: una, santa, católica e apostólica. Como afirma o Catecismo da Igreja Católica, estes quatro atributos, inseparavelmente ligados entre si, indicam traços essenciais da Igreja e da sua missão na história<sup>245</sup>. São atributos que a Igreja não confere a si mesma, mas são conferidos por Cristo, pelo Espírito Santo, à sua Igreja como dons, não para a sua glória terrena, mas para que, neste mundo, ela seja sacramento de salvação, sinal e instrumento da comunhão de Deus e dos homens. Daí que a Igreja seja o lugar do nosso conhecimento do Espírito Santo, em que o Espírito Santo se manifesta e atua<sup>246</sup>.

Assim, nesta secção, S. João Paulo II procura demonstrar numa primeira parte como o Espírito Santo, «alma» da Igreja, é a fonte e o princípio da unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade da Igreja e garante da sua Sagrada Tradição e da sua vida sacramental, carismática e ministerial<sup>247</sup>. Em seguida, numa segunda parte, o Papa eslavu procura demonstrar sob o ponto espiritual, como tinha deixado anunciado na audiência geral de 13 de março de 1991, a importância da doutrina sobre a Pessoa do Espírito Santo na vida

---

<sup>241</sup>I. P. LAMELAS, *Sim, cremos-O Credo comentado pelos Padres da Igreja* (Lisboa: Universidade Católica Editora 2013) 269.

<sup>242</sup>A teologia medieval, baseando-se num texto atribuído a Santo Agostinho, Sermão do *Symbolo*, sintetizou a complexidade do ato de fé em torno de três dimensões: *credere Deo*, *credere Deum*, *credere in Deum*. Nestas três fórmulas explicam-se os três aspectos do ato da fé e não três modos de crer: Com a fórmula *Credere Deo* expressa-se o objeto material da fé no sentido de que cada um de nós aceita o testemunho que Deus dá de si mesmo e que se funda sobre a sua autoridade, porque é o próprio Deus que se revela e garante a verdade que revela. Com a expressão *Credere Deum* faz-se referência ao conteúdo da fé, àquilo que é acreditado, no sentido de que a verdade primeira a que o homem dá assentimento e adere deve ser o Mistério de Deus. Finalmente, com a fórmula *Credere in Deum* pretende-se explicar a finalidade da própria fé como relação interpessoal que existe entre Deus e o crente, ou seja, pretende-se definir o valor dinâmico da fé e da sua dimensão interpessoal que move a vontade a crer numa pessoa, o que comporta o desejo de querer conhecê-la cada vez mais e de entrar numa relação de amor. (Cf. S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, II - II, q. 2, a. 2).

<sup>243</sup>Cf. S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, II - II, q. 1, a. 9.

<sup>244</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 750.

<sup>245</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 811.

<sup>246</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 688.

<sup>247</sup>Cf. B. MCCARTHY, *The Holy Spirit in the writings of Pope John Paul II*, 72.

da alma<sup>248</sup>. Como é que o Espírito Santo, pela inabitação divina, se torna «hóspede da alma», princípio, raiz e luz interior da vida nova. De igual modo, de que maneira o Espírito Santo é princípio vital da fé, do amor e da oração da vida cristã. É doador dos dons, frutos, penhor e esperança da vida eterna<sup>249</sup>.

Em suma, a misteriosa identidade do Espírito Santo velada no Antigo Testamento faz-se clara e explícita no Novo Testamento. Graças ao Mistério da Encarnação do Verbo de Deus, o assombroso amor de Deus é revelado e a sua personificação mais elevada é o Espírito Santo. Pois é o amor de Deus em pessoa, a *Pessoa-Amor*<sup>250</sup>. Além disso, como afirmou o Papa na Carta Apóstolica *Tertio Millennio Adveniente*:

Realmente o Espírito actualiza na Igreja de todos os tempos e lugares a única Revelação trazida por Cristo aos homens, tornando-a viva e eficaz no coração de cada um: «O Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito» (Jo 14, 26)<sup>251</sup>.

---

<sup>248</sup> Além das 82 catequeses pronunciadas durante as Audiências gerais de quarta feira (26 de Abril de 1989-3 de Julho de 1991) é necessário acrescentar as 22 catequeses pronunciada durante o Ano dedicado a Pessoa do Espírito Santo (1 de Julho de 1998-9 de Dezembro de 1998). Estas catequeses constituem um eco da Encíclica *Domini et vivificantem* (18 de Maio de 1986) e facilitam não só uma aproximação da encíclica como também uma síntese pneumatológica mais completa do magistério petrino do Papa João Paulo II.

<sup>249</sup> Esta última temática, a escatológica, será mais tarde desenvolvida pelo próprio Papa dentro do seu comentário sobre a Vida Eterna como conclusão do seu programa sistemático de reflexão sobre o Credo durante a preparação imediata do Grande Jubileu do Ano 2000.

<sup>250</sup> Cf. JUAN PABLO II, *Creo en la vida eterna – Catequesis sobre el Credo*, V (Madrid: Ediciones Palabra, 2003) 76.

<sup>251</sup> JOÃO PAULO II, Carta Apóstolica *Tertio Millennio Adveniente*, 44.

# III CAPÍTULO

## PREPARANDO O ANO JUBILAR

Na aproximação do final do segundo milénio, S. João Paulo II propôs à Igreja na sua Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* que, o ano de 1998 – segundo ano do triénio preparatório do Grande Jubileu do Ano 2000 – fosse de modo particular dedicado à redescoberta e a contemplação da presença e da ação da Pessoa do Espírito Santo<sup>252</sup>. Para o Papa eslavu a preparação e a celebração do Grande Jubileu não se tratavam de recordar simplesmente um facto do passado nem se limitava a comemorar um acontecimento intraeclesial; tratava-se, antes de mais, uma grande ocasião para ultrapassar as divisões e a indiferença<sup>253</sup> e robustecer a fé e o testemunho dos cristãos no mundo de hoje<sup>254</sup>. Assim, na audiência geral de 13 de Maio de 1998, S. João Paulo II começa com um novo conjunto de catequeses pneumatológicas dentro do itinerário do Homem para a eternidade com as seguintes palavras:

Na preparação para o Grande Jubileu do Ano 2000, o corrente ano é dedicado de modo particular ao Espírito Santo. Procedendo no caminho iniciado para a Igreja inteira, depois de ter concluído a temática cristológica, hoje começamos uma reflexão sistemática sobre Aquele «que é Senhor e dá a vida». Em múltiplas ocasiões falei amplamente a respeito da terceira pessoa da Santíssima Trindade. Recordo, em particular, a Encíclica *Dominum et vivificantem* e a catequese sobre o Credo. A perspectiva do iminente Jubileu oferece-me a ocasião para voltar de novo à contemplação do Espírito Santo, a fim de perscrutar com espírito adorante a ação que Ele realiza no fluxo do tempo e da história<sup>255</sup>.

E na sua continuação explicita:

---

<sup>252</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 33.

<sup>253</sup>Cf. F. ARIENZE, *Ano Santo: Um estímulo para ultrapassar as divisões e a indiferença*, in *Comentário Teológico Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II – Tertio Millennio Adveniente* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado-Editora Rei dos Livros 1996) 307-320.

<sup>254</sup>Cf. C. RUINI, *O Terceiro Milénio: Um desafio aos crentes para robustecerem a fé e o testemunho* in *Comentário Teológico Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II – Tertio Millennio Adveniente* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado-Editora Rei dos Livros 1996) 321-335.

<sup>255</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 13 de Maio de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXI, 1 (1998) 887.

Na realidade esta contemplação não seria fácil, se o próprio Espírito não viesse em ajuda da nossa debilidade (cf. Rm 8, 26). Como discernir, com efeito, a presença do Espírito de Deus na história? Só podemos dar uma resposta a esta pergunta recorrendo às Sagradas Escrituras que, inspiradas pelo Paráclito, nos revelam progressivamente a Sua acção e a Sua identidade. Elas manifestam-nos, de certo modo, a «linguagem» do Espírito, o Seu «estilo», a Sua «lógica». A realidade em que Ele atua, é possível lê-la também com olhos que penetram para além duma simples observação exterior, captando atrás das coisas e dos eventos os traços da Sua presença. A própria Escritura, desde o Antigo Testamento, ajuda-nos a compreender que nada de quanto é bom, verdadeiro e santo no mundo, se pode explicar independentemente do Espírito de Deus<sup>256</sup>.

### 3.1. A ação do Espírito Santo no Mundo e na História da Humanidade

Antes de mais, S. João Paulo II começa por recordar de que já na perspectiva do Grande Jubileu do Ano 2000, desde a Encíclica *Dominum et vivificantem* (1986), tinha convidado de que era preciso alargar os nossos horizontes a respeito da ação do Espírito Santo, conscientes de que em todos os lugares e em todos os tempos «o vento sopra onde quer» (Cf. Jo 3, 8)<sup>257</sup>. De resto, o próprio Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica nos oferecem essa grande amplitude de perspectiva ao afirmar que a ação do Espírito Santo não pode limitar-se ao âmbito institucional da Igreja, mas deve ser reconhecida para além das fronteiras visíveis do Corpo eclesial<sup>258</sup>, pois embora Ele age no âmbito eclesial de maneira particular e plena, a Sua esfera de ação como Espírito Criador se estende, como vimos, à própria Criação. Juntamente com a Palavra de Deus está na origem do ser e da vida de todas as criaturas<sup>259</sup>. Por conseguinte, o facto de não poder haver nenhum aspeto da Criação, ou momento da História, onde o Espírito tenha deixado de desempenhar Sua ação permite pensar que tudo o que há-de bom, de verdade, de sabedoria, de bondade ou de belo, ou sempre que se adunem esforços por uma sociedade mais humana e mais justa conforme os desígnios de Deus, aí se abrem novos horizontes de Salvação<sup>260</sup>. Como declara o Papa eslavo na audiência geral de 12 de Agosto de 1998:

---

<sup>256</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 13 de Maio de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXI, 1 (1998) 887-888.

<sup>257</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 53.

<sup>258</sup>Cf. Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, 16.

<sup>259</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 12 de Agosto de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 133-134.

<sup>260</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 12 de Agosto de 1998*, 134-135.

Com mais razão, quando se verifica uma expectativa sincera da Revelação de Deus e uma esperança aberta ao Mistério que salva, é possível alcançar a obra escondida e eficaz do Espírito de Deus, que estimula o homem ao encontro com Cristo «caminho, verdade e vida» (Jo 14, 6). Quando folheamos certas maravilhosas páginas de literatura e de filosofia, ou olhamos admirados para determinadas obras de arte, ou ouvimos sublimes trechos de música, é espontâneo reconhecer nestas manifestações do gênio humano um determinado reflexo luminoso do Espírito de Deus<sup>261</sup>.

Deste modo, a contemplação da ação do Espírito no âmbito da História da humanidade ajuda a compreender também a relação profunda que une a Igreja e o Mundo e a olhar a realidade da História da Salvação não como uma História “separada” da História global do Mundo, mas antes a olhá-la, em relação à História humana, como sinal e instrumento da única grande oferta de Salvação que chegou à Humanidade através da Encarnação do Verbo e da efusão do Espírito<sup>262</sup>. Nesta ótica, compreendem-se bem algumas páginas maravilhosas do Concílio Vaticano II sobre a solidariedade vigente entre a Igreja e a Humanidade. Ao mesmo tempo, a dimensão pneumatológica dos documentos conciliares, nomeadamente, o proêmio da Constituição Pastoral da *Gaudium et Spes*<sup>263</sup>, cuja releitura em chave pneumatológica feita pelo Papa eslavo permite ver com clareza que a missão da Igreja no Mundo é de transmitir a toda a Humanidade a plenitude do Espírito recebida no dia de Pentecostes<sup>264</sup>.

Porém, essa plenitude do Espírito operante no tempo e no espaço é, desde já, provisória e aguarda por uma consumação futura para a qual o todo o ser humano e a Criação inteira estão a caminho. Precisamente porque «a nossa peregrinação espiritual consiste, em definitivo, em alcançar em plenitude a filiação divina»<sup>265</sup>. Por esta razão, o apóstolo S. Paulo, no oitavo capítulo da Carta aos Romanos, afirma que a Criação inteira «geme e sofre as dores de parto» e «espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus» (Rm 8, 19-23). O mesmo Espírito envolve o Cosmos e dirige a História da Humanidade para a sua meta definitiva, animando e fazendo brotar dentro da existência humana e do Cosmos, habitação e teatro da liberdade humana, o dom da filiação divina<sup>266</sup>. Para que este desígnio divino se realize, cada ser humano é chamado a aceitar responsabilmente o dom

---

<sup>261</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 12 de Agosto de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 135.

<sup>262</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 12 de Agosto de 1998*, 135-136.

<sup>263</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição pastoral Gaudium et Spes*, 1.

<sup>264</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 12 de Agosto de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 135-136.

<sup>265</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Celebração da Palavra no Santuário de Montserrat* (7 de Novembro de 1982), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, V, 3 (1982) 1191.

<sup>266</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 19 de Agosto de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 156-157.

da filiação divina em Cristo e a ser “senhor” da Criação, isto é, a fazer uso da sua liberdade, conformando-a com a vontade de Deus, a “dominar” e fazer crescer o resto da criação na justiça e na santidade<sup>267</sup>. No fundo, a ser colaborador de Deus e um administrador e guardião do dom fundamental e original iginal<sup>268</sup> e, conseqüentemente, vencer a desordem introduzida pelo pecado na sua vida e no Mundo. Pois «se o homem se fecha egoisticamente em si mesmo, por uma falsa concepção da liberdade, fatalmente envolve nesta perversão a própria Criação»<sup>269</sup>. Todavia, este dúplici empreendimento não pode acontecer sem o dom do Espírito Santo (Cf. Ez 36, 26-28). Trata-se de uma renovação pessoal e comunitária que, iniciada por Cristo morto e ressuscitado e por meio do Espírito, redime e santifica o coração dos homens e as relações sociais. Assim, «graças ao dom do Espírito Santo, o mundo dos homens torna-se *spatium verae fraternitatis*, espaço de uma verdadeira fraternidade»<sup>270</sup> e a Criação, vivificada pela presença do Espírito criador, é chamada a tornar-se «morada de paz» (Is 32,18), para toda a família humana<sup>271</sup>. Nesse sentido, o Espírito Santo é a verdadeira esperança do Mundo, pois não só opera no coração dos homens, mas eleva e aperfeiçoa as atividades humanas no universo<sup>272</sup>.

Como já vimos anteriormente, «a História da Salvação é a progressiva autocomunicação de Deus à Humanidade, que alcança o seu vértice em Jesus Cristo»<sup>273</sup>. N'Ele Deus-Pai busca o Homem para torná-lo, pelo Espírito Santo, vínculo de amor entre a eternidade e o tempo, entre a Trindade e a História, participante da Sua mesma vida e da Sua glória<sup>274</sup>. Por isso, o sentido mais profundo do Mistério e da vocação do Homem, que só se esclarece verdadeiramente no Mistério do Verbo Encarnado e que o Espírito Santo oferece a todos sem exceção<sup>275</sup>, consiste na sua doação a Deus, com todo o seu ser. Deus espera do homem, criado à imago *Dei*<sup>276</sup> e *capax Dei*<sup>277</sup>, não obstante as grandes

---

<sup>267</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 34.

<sup>268</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 37.

<sup>269</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 19 de Agosto de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 158.

<sup>270</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 19 de Agosto de 1998*, 157.

<sup>271</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 19 de Agosto de 1998*, 158.

<sup>272</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 19 de Agosto de 1998*, 158-159.

<sup>273</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 26 de Agosto de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 183.

<sup>274</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 34.

<sup>275</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 22.

<sup>276</sup>Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: A Pessoa humana criada à imagem de Deus* (6 de Novembro de 2004), in *Civiltà Cattolica*, IV, 254-286.

<sup>277</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, título do cap. 1º, secção 1ª, 1ª parte; cf. também CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 12; JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium vitae*, in AAS 87 (1995) 440.

contradições e os tempos em que vive de intensa «socialização»<sup>278</sup>, «o dom sincero de si»<sup>279</sup>, que aumente a união com os demais homens, de distintas raças e culturas<sup>280</sup>. Daí a necessidade da ação do Espírito Santo para todo este processo, a fim de não só superar os obstáculos e os perigos que ameaçam este caminho da Humanidade, mas também, sob a Sua ação, se realize no Mundo um processo de verdadeiro amadurecimento na Humanidade, na vida individual e na vida comunitária<sup>281</sup>.

De facto, o Espírito Santo, que «penetra até às profundezas de Deus» (1 Cor 2,10), é, ao mesmo tempo, a luz que ilumina a consciência do homem e a fonte da sua verdadeira liberdade<sup>282</sup>. Eis por que «onde o Espírito do Senhor está, aí há liberdade» (2 Cor 3, 17). Com o dom do Espírito Santo, a pessoa humana é capaz de contemplar o Mistério do plano divino<sup>283</sup>, compreender a ordem das coisas, estabelecidas pelo Criador<sup>284</sup> e conhecer no santuário da sua consciência não somente a lei do amor<sup>285</sup>, mas aderir ao plano de Deus sobre o homem revelado em Jesus Cristo<sup>286</sup>. Para isso, Deus deixou ao próprio homem a decisão de buscar e aderir ou não ao Seu plano divino<sup>287</sup>. No entanto, aderir ao plano de Deus e realizá-lo na própria existência significa descobrir a autêntica vocação da liberdade humana (Jo 8,31-32)<sup>288</sup>. Precisamente porque a Lei do Espírito impressa nos corações dos homens pelo dom do Espírito é uma lei que liberta o homem da escravidão do pecado e abre a todos os homens o caminho da Redenção definitiva (Cf. Rm 8, 2; Gl 5, 1.13). Pela ação da graça de Cristo, sem fazer concorrência de modo nenhum à liberdade do Homem, o Espírito Santo faz com que os homens possam viver a Nova Lei do Amor rumo à plenitude da liberdade, personificada em Jesus Cristo e expressada, de modo sublime, na fé de Maria, Mãe de Cristo<sup>289</sup>. E, por sua vez, os homens se tornem colaboradores livres da obra redentora de Cristo e construtores do Reino de Deus no curso da História<sup>290</sup>.

---

<sup>278</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 6.

<sup>279</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 24.

<sup>280</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 26 de Agosto de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 184-185.

<sup>281</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 26 de Agosto de 1998*, 185.

<sup>282</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 36.

<sup>283</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 15.

<sup>284</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1704.

<sup>285</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 16.

<sup>286</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, 19, in *AAS* 85 (1993) 1142.

<sup>287</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 17; *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1730.

<sup>288</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 2 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 205.

<sup>289</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 51.

<sup>290</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 2 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 205-206.

### 3.1.1. O Espírito Santo e as «sementes de verdade» presentes nas religiões não-cristãs e no pensamento humano

Assim, neste amplo panorama da ação universal do Espírito Santo no Mundo, S. João Paulo II retoma o ensinamento conciliar da Declaração *Nostra aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. Esta declaração conciliar ensina que, embora as religiões não-cristãs se afastem em muitos pontos daqueles que a própria Igreja Católica segue e propõe, «a Igreja Católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo»<sup>291</sup>. Na verdade, muitas vezes nas diversas religiões e tradições religiosas encontramos presentes e operantes a existência de «sementes de verdade»<sup>292</sup> do único Verbo de Deus, a partir das quais opera, precisamente, o Espírito da Verdade para além dos confins visíveis do Corpo Místico de Cristo<sup>293</sup>. Estas «sementes de verdade» reflectem não raramente um raio daquela Verdade e Sabedoria divina que ilumina todos os homens e constituem quase como que «uma comum raiz soteriológica de todas as religiões»<sup>294</sup>. Como o próprio Papa eslavo diz na audiência geral de 9 de Setembro de 1998:

Retomando o ensinamento conciliar, desde a primeira Carta Encíclica do meu pontificado, eu quis evocar a antiga doutrina formulada pelos Padres da Igreja, segundo a qual é necessário reconhecer as «sementes do Verbo», presentes e operantes nas diversas religiões (cf. *Ad gentes*, 11; *Lumen Gentium*, 17). Essa doutrina impele-nos a afirmar que, embora por caminhos diferentes, «está contudo voltada para uma mesma direção a mais profunda aspiração do espírito humano, tal como ela se exprime na busca de Deus; e conjuntamente na busca, mediante a tensão no sentido de Deus, da plena dimensão da humanidade, ou seja, do sentido pleno da vida humana» (*Redemptor hominis*, 11)<sup>295</sup>.

Consciente desta doutrina da antiga tradição, S. João Paulo II salienta que a preparação e a celebração do Grande Jubileu do Ano 2000 é uma grande ocasião para toda a Igreja responder aos «apelos do Espírito»<sup>296</sup>. Concretamente, é uma oportunidade para

---

<sup>291</sup>CONCÍLIO VATICANO II, Declaração *Nostra Aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs (28 de Outubro de 1965) 2, in AAS 58 (1966) 741.

<sup>292</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 9 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 250.

<sup>293</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, 13; JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptor hominis* (4 de Março de 1979) 6, in AAS 71 (1979), 267.

<sup>294</sup>JOÃO PAULO II, *Atravessar o Limiar da Esperança* (Lisboa: Edições Temas da Actualidade S.A. 1994) 79.

<sup>295</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 9 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 249.

<sup>296</sup>CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 92.

refletir e aprofundar o diálogo inter-religioso. Uma manifestação eloquente disso é, precisamente, o Dia Mundial de Oração pela Paz, celebrado em Assis, a 27 de Outubro de 1986, por iniciativa de S. João Paulo II. Esta iniciativa e outras ocasiões semelhantes de grande intensidade espiritual manifestam claramente a unidade fundamental do gênero humano, na sua origem e no seu destino, e, ao mesmo tempo, o papel da Igreja como sinal efetivo desta unidade e do seu dever de anunciar Jesus Cristo ao Mundo<sup>297</sup>. Em última análise, manifestam o Mistério da unicidade e da universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja<sup>298</sup>, mediante a ação e a comunhão do Espírito da verdade, no coração dos homens e na história dos povos, nas culturas e religiões<sup>299</sup>. Por isso, o Papa não só reconhece explicitamente a presença operante do Espírito Santo na vida dos membros das outras tradições religiosas, mas também reconhece que nos valores positivos e nos elementos de bem, dentro das diversas religiões, a que eles pertencem, dispõem e preparam misteriosamente os corações para acolherem a Revelação plena de Deus em Cristo<sup>300</sup>. Daí que no final da audiência geral de 9 de Setembro de 1998 diga o seguinte:

Pelos motivos aqui recordados, a atitude da Igreja e de cada um dos cristãos para com as outras religiões é marcada por respeito sincero, simpatia profunda e também, quando for possível e oportuno, por colaboração cordial. Isto não significa esquecer que Jesus Cristo é o único Mediador e Salvador do género humano. Nem sequer significa atenuar a tensão missionária, à qual estamos obrigados em obediência ao mandato do Senhor ressuscitado: «Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (*Mt* 28, 19). Antes, a atitude de respeito e diálogo constitui um imperioso reconhecimento das «sementes do Verbo» e dos «gemidos do Espírito». Neste sentido, longe de se opor ao anúncio do Evangelho, ela prepara-o, à espera dos tempos dispostos pela misericórdia do Senhor. «Através do diálogo, façamos com que Deus esteja presente no meio de nós: pois enquanto nos abrimos uns aos outros, abrimo-nos também a Deus» (*Discurso aos membros das outras religiões*, Madras, 5 de Fevereiro de 1986, n. 4, em *Insegnamenti IX/1*, [1986], pp. 322 s.)<sup>301</sup>.

É certo que o modo de agir do Espírito no âmbito da Criação é qualitativamente diferente daquele que Ele age no âmbito da Igreja. Porém, o Espírito Santo enche todo o universo (Cf. *Sb* 1, 7) e está presente em ação no coração de cada homem e na evolução da

---

<sup>297</sup>Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO – CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, Instrução *Diálogo e Anúncio* (19 de Maio de 1991), in *AAS* 84 (1992) 416.

<sup>298</sup>Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Declaração sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja *Dominus Iesus* (6 de Agosto de 2000), in *AAS* 92 (2000), 742-765.

<sup>299</sup>Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Declaração sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja *Dominus Iesus* (6 de Agosto de 2000) 12, in *AAS* 92 (2000) 753.

<sup>300</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 9 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 251.

<sup>301</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 9 de Setembro de 1998*, 251.

ordem social<sup>302</sup>. Esta profunda consciência da presença da ação do Espírito Santo que iluminou desde sempre a consciência da Igreja encontramos-la já presente no mais importante dos Padres apologistas do segundo século, o filósofo e mártir S. Justino<sup>303</sup>. Este apologista reconhece que tudo o que foi expresso de positivo e descobriu o pensamento filosófico foi realizado por aqueles que fazem filosofia através da contemplação de uma parte do Verbo<sup>304</sup>. Por isso, a abertura da pessoa à Verdade e ao Bem se realiza sempre no horizonte daquela «Luz verdadeira que ilumina todo o homem» (Jo 1,9), isto é, Jesus Cristo. Só Ele é a plenitude da verdade para qual o «Espírito da verdade» (Cf. Jo 14, 17; 15, 26; 16, 13) guia incessantemente, de modo misterioso, todos os homens que sinceramente buscam a verdade e se esforçam por viver retamente<sup>305</sup>. Como diz S. Tomás de Aquino, na esteira dos Padres da Igreja, é a Jesus Cristo e ao modo de agir do Espírito Santo no âmbito da Criação a que se fica a dever toda e qualquer parcela da verdade conhecida pelo homem<sup>306</sup>.

Por este motivo, a Igreja não só é amiga de toda a autêntica pesquisa do pensamento humano e estima sinceramente o património de sabedoria, elaborado e transmitido pelas diversas culturas, mas, inclusive, solicita a sabedoria e as filosofias, expressas e elaboradas pelas culturas, a abrirem-se e a encontrarem o próprio cumprimento na Revelação de Deus em Jesus Cristo. Esta certeza da presença e da ação do Espírito Santo no seio também da cultura do nosso tempo, marcada pela rutura entre o Evangelho e a Cultura<sup>307</sup> e pelo drama da separação da fé e da razão, pode constituir, na aurora do Terceiro Milénio, a premissa para um novo encontro entre a verdade de Cristo e o pensamento humano<sup>308</sup>. Para remediar esta rutura, que incide com graves consequências sobre as consciências e os comportamentos do género humano, S. João Paulo II diz que é necessário despertar nos cristãos um olhar de fé capaz de descobrir as “sementes de verdade” difundidas pelo Espírito Santo nos seus contemporâneos. Ao mesmo tempo, todos os cristãos são convidados também a contribuir e a promover a sua purificação e maturação através da arte

---

<sup>302</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 26.

<sup>303</sup>Cf. BENTO XVI, *Os Padres da Igreja. De Clemente de Roma a Santo Agostinho* (Braga: Editorial Franciscana 2008) 23-26.

<sup>304</sup>Cf. S. JUSTINO, *II Apol.*, 10, 1-3.

<sup>305</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, 16.

<sup>306</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 16 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 469.

<sup>307</sup>Cf. PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dezembro de 1975), 20, in *AAS* 58 (1976) 18-19.

<sup>308</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 16 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 469-470.

do diálogo. Tendo sempre bem presente, em particular, o grande princípio de que a questão do Homem não se pode destacar da questão de Deus, isto é, de que o antropocentrismo é simultaneamente cristocentrismo e vice-versa<sup>309</sup>. Só assim, a apresentação do rosto de Cristo com todo o Seu esplendor será fecundo não só para a filosofia e a cultura humanista, mas também para os setores da investigação científica e da arte<sup>310</sup>.

### 3.1.2. O Espírito Santo e os Sinais dos Tempos

Na Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, S. João Paulo II referindo-se ao ano dedicado de modo particular ao Espírito Santo exorta a Igreja inteira a redescobrir o Espírito como Aquele que constrói, prepara e faz germinar dentro da existência humana e da História do Mundo os gérmens da Salvação definitiva do Advento do Reino de Deus<sup>311</sup>. Nesta perspectiva escatológica, movidos pela fé em Jesus Cristo, «chave, centro e o fim de toda a História humana»<sup>312</sup> e sustentados pelo dom do Espírito (Cf. 1 Cor 2, 11-12), os cristãos são chamados a perscrutar incessantemente os «sinais dos tempos»<sup>313</sup> e a valorizar os sinais de esperança da presença e da ação do Espírito de Deus na História, concretamente, no campo civil e eclesial<sup>314</sup>.

O convite para o discernimento dos sinais da Sua presença na História corresponde à novidade introduzida pela vinda do Verbo Encarnado (Cf. Jo 1, 14). Para discernir esses sinais do Espírito, os cristãos necessitam, antes de tudo, de se libertarem de toda a pretensão mundana. Precisam vencer em si mesmos a «tentação» diabólica de se servirem de meios mundanos para realizar a vinda do Reino de Deus e, ao mesmo tempo, precisam aprender acolher o Espírito que «tudo penetra, até às profundezas de Deus» (1 Cor 2, 10)<sup>315</sup>. Como refere o Papa eslavo na audiência geral de 23 de Setembro de 1998:

Se nos perguntássemos quando se cumprirá a realização do Reino de Deus, Jesus responder-nos-ia como fez com os Apóstolos, que não nos compete «conhecer os tempos (*chrónoi*) e os momentos (*kairói*) que o Pai dispôs com a Sua autoridade (*exousía*)». Jesus pede

---

<sup>309</sup>Cf. JOSEPH RATZINGER – BENTO XVI, *João Paulo II o meu venerado predecessor* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2008) 41-42.

<sup>310</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 9 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 470-471.

<sup>311</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 45.

<sup>312</sup>CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 10.

<sup>313</sup>CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 4.

<sup>314</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 46.

<sup>315</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 23 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 530-531

também a nós que acolhamos a força do Espírito, para sermos Suas testemunhas «em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo» (At 1, 7-8). Antes a disposição providencial dos sinais dos tempos estava escondida no segredo do desígnio do Pai (cf. Rm 16, 25; Ef 3, 9), irrompeu na História e nela prosseguiu, no sinal paradoxal do Filho crucificado e ressuscitado (cf. 1 Pe 1, 19-21). Ela é acolhida e interpretada pelos discípulos de Cristo na luz e no poder do Espírito, à espera vigilante e operosa do advento definitivo que levará a cabo a história para além de si mesma, no seio do Pai<sup>316</sup>.

Deste modo, em Jesus Cristo, Verbo Encarnado, o tempo torna-se uma dimensão de Deus. Efetivamente, «o tempo se converte em condição de possibilidade salvífica para a humanidade e para o cosmos»<sup>317</sup>.

### 3.2. O Espírito Santo e a Vida Eterna

Na História da Salvação, a vida aparece sempre unida ao Espírito de Deus, sobretudo nos acontecimentos da Encarnação (Cf. Mt 1, 18; cf. Lc 1, 35) e da Ressurreição de Cristo, donde o Espírito desenvolve o Seu poder vivificante (Cf. Rm 8, 2). Ele é o protagonista do *Evangelium vitae*<sup>318</sup>, da mensagem que a Igreja recebeu e guarda da Revelação feita por Cristo, Verbo da vida (Cf. 1 Jo 1, 1-3), relativamente sobre a dignidade da vida e da pessoa humana, e do anúncio deste «Evangelho da vida»<sup>319</sup> que a Igreja com solicitude maternal, principalmente, diante das atuais ameaças da cultura da morte, não se cansa nem cessa de anunciar e de testemunhar ao Mundo<sup>320</sup>.

Com o dom do Seu Espírito, Jesus Cristo dá conteúdo e pleno sentido à vida humana, introduzindo os homens na plena comunhão com Deus e mantendo-os na relação vital de verdadeiros filhos de Deus (Cf. Jo 4, 10.13-14; 7, 37-39). Com o Seu sacrifício da própria vida, Cristo cumpre a missão recebida do Pai de trazer «a vida em abundância» (Jo 10, 10), isto é, a vida divina e eterna para o qual estão orientados e chamados todos os homens que vivem neste Mundo<sup>321</sup>. O próprio Espírito, por sua vez, torna-Se para aqueles

---

<sup>316</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 23 de Setembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 531.

<sup>317</sup>A. AMATO, *Jesus Cristo, Centro da História da Salvação e da vida da Igreja*, in *Comentário Teológico Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II – Tertio Millennio Adveniente* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado – Editora Rei dos Livros 1996) 171.

<sup>318</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Encíclica *Evangelium vitae*, 76: «A presente Encíclica, fruto da colaboração do Episcopado de cada país do mundo, quer ser uma *reafirmação precisa e firme do valor da vida humana e da sua inviolabilidade*, e, conjuntamente, um ardente apelo dirigido em nome de Deus a todos e cada um: *respeita, defende, ama e serve a vida, cada vida humana!*».

<sup>319</sup>Cf. PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 29.

<sup>320</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Outubro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 779-780.

<sup>321</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Outubro de 1998*, 780-781.

que O recebem a Lei nova (Cf. Ez 36, 25-27; Jr 31, 31-34), a lei do amor, cuja fonte e modelo é o próprio amor de Jesus Cristo (Cf. 1 Jo 3, 16). Animados e guiados por esta Lei Nova, os cristãos recebem do Espírito a força e apelo para viverem não para si mesmos, mas segundo as exigências e as dimensões do amor de Cristo. Assim, os cristãos podem «compreender e realizar o sentido mais verdadeiro e profundo da vida: ser um dom que se consuma no dar-se»<sup>322</sup>. É esta a Lei do Espírito que dá vida em Cristo (Cf. Rm 8, 2) que cria entre os homens uma nova fraternidade e solidariedade e estimula os cristãos a estreitar relações de caridade com todos os homens<sup>323</sup>. De facto, como explica o Papa Emérito Bento XVI na sua encíclica *Deus caritas est*, o Espírito é aquela força interior que harmoniza o coração dos crentes com o coração de Cristo e os leva a amar os irmãos como Ele os amou<sup>324</sup>.

A vida cristã é uma «vida no Espírito» (Cf. Gl 5, 25). É uma vida em que «o Espírito coloca-nos no mesmo ritmo da vida divina, que é vida de amor, fazendo-nos participar pessoalmente nas relações que existem entre o Pai e o Filho»<sup>325</sup>. Porém, é uma vida em que é preciso, pois, deixar-se guiar com docilidade pelo Espírito de Deus, para se tornar de maneira cada vez mais plena aqueles que já são por graça: filhos de Deus em Cristo (Cf. Rm 8, 14-16).

Sobre este princípio se baseia a espiritualidade cristã, que consiste exatamente em acolher toda a vida que o Espírito nos dá em Cristo, que mais não é senão a vida de Cristo, aquela vida que brota do Mistério Pascal. Esta conceção da espiritualidade, desde já, põe-nos ao abrigo dos equívocos que às vezes ofuscam o perfil genuíno da espiritualidade e da oração cristã<sup>326</sup>, principalmente hoje, em que o problema não é tanto a discussão da natureza divina do Espírito Santo, mas sim a tendência de identificar o Espírito de Deus com a dimensão espiritual da realidade do próprio espírito humano e do universo, tornando propício para um panteísmo do tipo *New Age*<sup>327</sup>. Como explica S. João Paulo II na audiência geral de 21 Outubro de 1998:

---

<sup>322</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Outubro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 781.

<sup>323</sup>Cf. JOSEPH RATZINGER – BENTO XVI, *Paulo: O Apóstolo dos gentios* (Lisboa: Editora Paulus 2008<sup>2</sup>) 29.

<sup>324</sup>Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est* (24 de Dezembro de 2005) 19, in *AAS* 98 (2006) 233.

<sup>325</sup>JOSEPH RATZINGER – BENTO XVI, *Paulo: O Apóstolo dos gentios*, 29.

<sup>326</sup>Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos bispos da Igreja Católica acerca de alguns aspectos da meditação cristã* (15 de Outubro de 1989), in *AAS* 82 (1990) 362-379.

<sup>327</sup>Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Viver o Ano da Fé* (Lisboa: Editora Paulus 2012) 61; cf. também CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA –

A espiritualidade cristã não consiste num esforço de *auto-aperfeiçoamento*, como se o homem com as suas forças pudesse promover o crescimento integral da sua pessoa e conseguir a salvação. O coração do homem, ferido pelo pecado, só é curado pela graça do Espírito Santo e somente pode viver como verdadeiro filho de Deus, se for sustentado por esta graça.

A espiritualidade nem sequer consiste em tornar-nos como que «imateriais», desencarnados, privados de empenho responsável na história. A presença do Espírito Santo em nós, de facto, longe de nos impelir para uma «evasão» alienante, penetra e mobiliza todo o nosso ser: inteligência, vontade, afetividade, corporeidade, para que o nosso «homem novo» (Ef 4, 24) impregne o espaço e o tempo da novidade evangélica<sup>328</sup>.

É por este motivo que, no limiar do Terceiro Milénio, a Igreja se prepara para acolher de uma maneira nova do Espírito, que brota do lado trespassado de Cristo, a missão de anunciar a surpreendente novidade do Evangelho da vida (Cf. 1 Jo 1, 3) e testemunhar um Deus vivo e solidário, que nos chama a uma profunda comunhão Consigo e nos abre à esperança segura da vida eterna<sup>329</sup>. Aquela Vida Eterna que brota do Pai e nos é transmitida em plenitude por Cristo na Sua Páscoa através do dom do Espírito Santo. Esse Dom que nos dá acesso, por graça, à inefável comunhão do amor trinitário (Cf. Jo 17, 3) e que, ao recebê-Lo, faz-nos participantes na vitória definitiva de Cristo sobre a Morte<sup>330</sup>. N'Ele, com efeito, graças ao Mistério da Sua Morte e Ressurreição, se cumpre a divina promessa do dom da Vida Eterna que, desde a origem do Mundo, tinha sido inscrita pelo Pai na Criação do homem (Cf. Gn 1, 26), e que implica uma plena vitória sobre a Morte (Cf. Jo 5, 28-29; 6, 40). Aquela promessa que evoca o caminho de fé que Israel realizou lentamente até intuir a verdade da «Ressurreição da carne»<sup>331</sup>. Mas que, portanto, se realizará plenamente e misteriosamente no fim dos tempos pelo Espírito (Cf. Ef 1, 14; 2 Cor 1, 21-22), quando Cristo retornar glorioso «para julgar os vivos e os mortos» (2 Mt 4, 1; Cf. At 10, 42; 1 Pe 4, 5)<sup>332</sup>.

---

CONSELHO PONTÍFICIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Jesus Cristo portador da água viva. Uma reflexão cristã sobre a "New Age"* (Lisboa: Editora Paulinas, 2003<sup>2</sup>).

<sup>328</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Outubro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 781-782.

<sup>329</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 21 de Outubro de 1998*, 782.

<sup>330</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 28 de Outubro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 854.

<sup>331</sup>«1. As duas fórmulas “ressurreição dos mortos” e “ressurreição da carne” são expressões diversas e complementares da mesma tradição primitiva da Igreja, e, portanto, uma preponderância exclusiva ou total da fórmula “ressurreição dos mortos” constituiria um empobrecimento doutrinal. É verdade que também esta última contém implicitamente a afirmação da ressurreição corporal, mas a fórmula “ressurreição da carne”, como expressão, é mais explícita em afirmar o aspeto particular da ressurreição, como demonstra sua própria origem» (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Tradução do artigo «Carnis Resurrectionem» do Símbolo dos Apostólico* (14 de Dezembro de 1983), in *Documenta* 55, 249-251).

<sup>332</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 28 de Outubro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 855-856.

Contudo, a vida para além da morte não só começa na Ressurreição final. Esta, de facto, é precedida pela condição especial em que se encontra todo ser humano desde o momento da morte física. Após a morte, na fase intermédia, a alma continua a ser o elemento espiritual do homem<sup>333</sup>. Para os crentes a sua relação vivificante com Cristo não é destruída pela morte, mas permanece noutra vida (Cf. Jo 11, 25). Por isso, a Igreja sempre professou está fé e, desde os primeiros tempos, sempre honrou a memória dos defuntos e inculcou respeito pelos restos mortais de todo o ser humano, quer pela dignidade da pessoa a que pertencem, quer pela honra daqueles que, com o Batismo, se tornaram templos vivos do Espírito Santo (Cf. 1 Cor 3, 16; 2 Cor 6, 16). Testemunho específico disso é a celebração do rito sagrado das Exéquias e a veneração das relíquias dos Santos<sup>334</sup>. Como afirma o preliminar do ritual romano das celebrações das exéquias:

«Nas Exéquias – afirma o preliminar do ritual romano das celebrações das exéquias – a Igreja pede que os seus filhos, incorporados pelo Baptismo em Cristo morto e ressuscitado, com Ele passem da morte à vida e, devidamente purificados na alma, sejam associados aos santos e eleitos no Céu, enquanto o corpo aguarda a bem-aventurada esperança da vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos»<sup>335</sup>.

Deste modo, o Espírito Santo aparece-nos assim como o Espírito da vida, como Aquele que nos acompanha não só em todas as fases de nossa existência na terra, mas de igual modo na expectativa da nossa “passagem” final ao Pai, quando o mesmo Espírito revestirá da glória de Cristo os nossos corpos mortais (Cf. Rm 8, 11; Fl 3, 20-21). Porém, como S. Paulo diante do Areópago de Atenas (Cf. At 17, 32), a fé cristã na Ressurreição da carne encontrou, desde o início, incompreensões e oposições. Essa dificuldade está também presente de novo no nosso tempo. Com efeito, mesmo quando se crê, diante da crise contemporânea da fé, em qualquer forma de sobrevivência para além da morte, reage-se com ceticismo à verdade da fé cristã da Ressurreição. Para não falar daqueles que para quem o fascínio de uma crença como a da Ressurreição, da imortalidade, está radicado no *húmus* religioso de algumas culturas orientais como, por exemplo, na crença da

---

<sup>333</sup>Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta referente a algumas questões de Escatologia* (17 de Maio de 1979), in AAS 71 (1979) 939-943.

<sup>334</sup>Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, *Decretum de invocatione, veneratione et reliquiis Sanctorum et sacris imaginibus* (3 de Dezembro de 1563), in DENZ.-SCHÖNM, *Enchiridion Symbolorum*, 1821-1825; cf. também CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a liturgia. Princípios e orientações* (Lisboa: Editora Paulinas 2003) 236-237.

<sup>335</sup>CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Ritual Romano-Celebração das Exéquias* (Braga: Editorial A.O., 2005) Preliminares 1.

reencarnação<sup>336</sup>. Porém, como explica o Papa na audiência geral de 4 de Novembro de 1998:

A revelação cristã não se contenta com um vago sentimento de sobrevivência, embora aprecie a intuição de imortalidade que é expressa na doutrina de alguns grandes pesquisadores de Deus. Podemos, além disso, admitir que a ideia de uma reencarnação é suscitada pelo intenso desejo de imortalidade e pela percepção da existência humana como «prova» em vista de um fim último, bem como da necessidade de uma purificação plena para chegar à comunhão com Deus. A reencarnação, contudo, não garante a identidade única e singular de toda a criatura humana como objecto do pessoal amor de Deus, nem a integridade do ser humano como «espírito encarnado»<sup>337</sup>.

Nesse sentido, o Cristianismo não só exclui a reencarnação, mas inclusive sublinha com base o testemunho do Novo Testamento o realismo da Ressurreição corporal de Jesus nas suas aparições aos seus Apóstolos depois da Páscoa (Cf. Jo 20, 24-29; 21,13; At 10, 40-41). O realismo das aparições testemunha que Jesus ressuscitou com um corpo glorioso. Ao mesmo tempo, manifesta aquela fase escatológica à qual, precedida pela Assunção da Virgem Maria, são chamados a chegar e, através da efusão do Espírito Santo, é participada de modo misterioso, mas real, por todos aqueles crêem em Cristo. Assim como Jesus ressuscitou com o seu próprio Corpo, mas não voltou a uma vida terrena, também «todos ressuscitarão com os corpos de que agora estão revestidos»<sup>338</sup> serão transfigurados em corpos gloriosos revestidos de «incurruptibilidade» e de «imortalidade» (Cf. 1 Cor 15, 36-37.42-44.52). E esta transformação, esta transfiguração do corpo é preparada nesta vida pela relação com Jesus Cristo, nos Sacramentos, especialmente, na participação da Eucaristia que, vivificada pelo Espírito Santo, nos abre o futuro de Deus e nos dá o antegozo da transfiguração do nosso corpo por Cristo<sup>339</sup>.

### 3.3. A virtude teologal da Esperança

Nesta perspectiva escatológica, os cristãos são chamados não só a redescobrir a virtude teologal da esperança, mas também são chamados a ser no mundo testemunhas da esperança; a dar razão da sua esperança (Cf. 1 Pe 3, 15). Na verdade, o apóstolo São Paulo sublinha que existe um vínculo íntimo e profundo entre o dom do Espírito Santo e a virtude

---

<sup>336</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 4 de Novembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 911-912.

<sup>337</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 4 de Novembro de 1998*, 912.

<sup>338</sup>CONCÍLIO LATERANENSE IV, in DENZ.-SCHÖNM, *Enchiridion Symbolorum*, 801.

<sup>339</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1000: JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 4 de Novembro de 1998*, 912-914.

da esperança (Cf. Rm 5, 5; 8, 39). Pelo dom do Espírito derramado em abundância tornamo-nos, em Jesus Cristo, filhos adotivos de Deus Pai (cf. Gl 4, 6). E, por Seu mérito, transbordarmos de esperança (Cf. Rm 15, 13) na certeza que nada poderá separar-nos do amor de Deus (Cf. Rm 8, 39). Como explica o Papa eslavo na audiência geral de 11 de Novembro de 1998:

A existência cristã cresce e amadurece até à sua plenitude, a partir daquele «já» da salvação que é a vida como filhos de Deus em Cristo, participada a nós pelo Espírito Santo. Da experiência deste dom, ela aspira com esperança confiante ao «ainda não» e ao «ainda mais», que Deus nos prometeu e nos dará no fim dos tempos. Como de facto argumenta São Paulo, se alguém é realmente filho, então ele é também herdeiro de tudo aquilo que pertence ao Pai com Cristo, o «Primogénito de muitos irmãos» (Rm 8, 29). «Tudo quanto o Pai tem é Meu», afirma Jesus (Jo 16, 15). Por este motivo, Ele, ao comunicar-nos o seu Espírito, torna-nos partícipes da herança do Pai e dá-nos desde agora o penhor e as primícias. Essa realidade divina é a inexaurível fonte da esperança cristã<sup>340</sup>.

Diante dos muitos perigos que ameaçam o futuro da Humanidade na sua dimensão comunitária e social, face à ilusão e o mito de uma capacidade infinita de autoredenção e realização de si e diante a crise do sentido do existir e o enigma do sofrimento e da morte<sup>341</sup>, a mensagem cristã da esperança vem iluminar o horizonte denso de incertezas, pessimismos e desilusões que muitos homens se debatem no quotidiano da vida terrena<sup>342</sup>. Pelo dom do Espírito Santo oferecido a cada homem, que na fé se abre a Cristo, é sustentada e protegida a fidedigna esperança que abraça e supera todas as menores e maiores esperanças do ser humano e para qual a Humanidade inteira no seu íntimo deseja e espera de Deus: a bem-aventurança da vida eterna<sup>343</sup>. Porém, esta grande esperança, que tem fundamento e encontramos-la na relação com Deus, fonte da vida. É uma esperança ativa. É uma esperança que sustenta e protege o cristão no bom combate da fé (Cf. Rm 12, 12) e, na sua dimensão comunitária e social, o torna ministro da esperança para os outros (Cf. Ef 4, 4). É uma esperança que necessita ser alimentada por uma intensa vida de oração, primeiro e essencial lugar de aprendizagem da esperança<sup>344</sup>, de modo muito particular no Pai-Nosso, «resumo de tudo o que a esperança nos faz desejar»<sup>345</sup>, a fim de manter o Mundo aberto a Deus. Pois, na verdade, «hoje – como afirma o Papa eslavo – não basta

---

<sup>340</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 11 de Novembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 975.

<sup>341</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 3 de Julho de 1991*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XVI, 1 (1991) 27.

<sup>342</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 11 de Novembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 976.

<sup>343</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1817 e 1843.

<sup>344</sup>Cf. BENTO XVI, Encíclica *Spe Salvi* (30 de Novembro de 2007) 32, in *AAS* 99 (2007), 1011.

<sup>345</sup>*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1820.

despertar a esperança na interioridade da consciência de cada um; é preciso «*cruzar junto o limiar da esperança*»<sup>346</sup>.

Como teve oportunidade S. João Paulo II de escrever na Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, no marco da preparação para o grande Jubileu do Ano 2000, é necessário valorizar «os sinais de esperança presentes neste epílogo de século»<sup>347</sup>, não obstante as sombras que frequentemente se escondem aos nossos olhos. As sementes de verdade, amor e vida que o Espírito de Deus espalha no coração dos homens produzem frutos de progresso, de humanização e civilização<sup>348</sup>. O progresso da ciência e da técnica e, sobretudo, da medicina ao serviço da vida e da autêntica e integral promoção humana; o desenvolvimento dos meios de comunicação; a atitude de maior responsabilidade face ao ecossistema, a crise na relação Homem-Ambiente (Cf. Gn 1, 28) e, de modo especial, os esforços da comunidade internacional por restabelecer a paz e a justiça pelo caminho do diálogo e da reconciliação na solução dos conflitos, bem como a consciência do valor e o respeito dos direitos humanos, constituem hoje autênticos sinais de esperança no caminho da Humanidade para a civilização do amor<sup>349</sup>. Num mundo contemporâneo em que é estruturado de acordo com um sistema de interdependência cultural, político, económico, é necessário adquirir uma consciência que seja verdadeiramente universal. Para isso, os cristãos são chamados a serem no Mundo testemunhas da Ressurreição de Cristo e, ao mesmo tempo, construtores da «civilização do amor» a fim de que reine na família humana e inspire os mais nobres sentimentos de fraternidade universal<sup>350</sup>.

Na missão eclesial, também encontramos vários sinais de esperança, ligados intimamente com aquele «Novo Pentecostes»<sup>351</sup> que S. João XXIII pediu e que a Igreja experimentou na preparação, celebração e aplicação do Concílio Vaticano II. A descoberta

---

<sup>346</sup> JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 11 de Novembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 976.

<sup>347</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 46.

<sup>348</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 18 de Novembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 1029.

<sup>349</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 18 de Novembro de 1998*, 1029-1031.

<sup>350</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 18 de Novembro de 1998*, 1031-1032.

<sup>351</sup> «Repita-se deste modo, na família cristã, o espetáculo dos apóstolos em Jerusalém, depois da ascensão de Jesus aos céus, quando a Igreja nascente se viu toda unida em comunhão de pensamento e de preces com Pedro e ao redor de Pedro, pastor dos cordeiros e das ovelhas. E digno-se o divino Espírito ouvir da maneira mais consoladora a oração que todos os dias sobe de todos os recantos da terra: "Renova em nossa época os prodígios, como em novo Pentecostes; e concede que a Igreja santa, reunida em unânime e instante oração junto a Maria, Mãe de Jesus, e guiada por Pedro, difunda o reino do divino Salvador, que é reino da verdade, de justiça, de amor e de paz. Assim seja" (cf. AAS 51 [1959] 832)» (JOÃO XXII, Constituição Apostólica *Humanae salutis* (25 de Dezembro de 1961) 23, in AAS 54 [1962] 13).

e a valorização dos carismas, a promoção do laicado<sup>352</sup>, a promoção efetiva da dignidade e da vocação da mulher e a riqueza e o contributo do «génio feminino»<sup>353</sup> na vida eclesial e social; bem como o florescimento dos movimentos eclesiais e do «movimento ecuménico»<sup>354</sup> são alguns desses sinais que constituem hoje um compromisso prioritário para o qual a Igreja Católica e o próprio S. João Paulo II incita a todos os cristãos a um sério exame de consciência na preparação do segundo Milénio<sup>355</sup>.

À luz destes “sinais de esperança” presentes no nosso tempo, compreende-se que a esperança cristã é um tempo de espera e de preparação do Reino de Deus. O que impele o cristão, antes de mais, a esperar contra toda a esperança (Cf. Rm 4, 18), a não perder nunca de vista a meta e o sentido último de toda a sua existência, que é conhecer, amar e servir a Deus. E, por outro lado, oferece-lhe motivações sólidas e profundas para o empenhamento quotidiano, no contexto cultural, social, económico e político, onde está inserido, na transformação do Mundo à Luz do Evangelho<sup>356</sup>. Sendo a Eucaristia, sinal sacramental desta novidade radical, antecipação e atualização do Reino de Deus que plasma não só a existência pessoal do cristão, mas também a vida da comunidade eclesial e, de algum modo, da sociedade inteira. Deste modo, Igreja tornar-se “pão partido” para o Mundo e a celebração eucarística a fonte das obras de caridade e a força para a sua atividade missionária<sup>357</sup>.

### 3.4. Maria e o Espírito Santo

Como coroamento da reflexão sobre o Espírito Santo, S. João Paulo II termina convidando a olhar para a Virgem Maria como mulher que viveu numa constante docilidade às inspirações do Espírito Santo na realização da sua missão materna (Cf. Lc 1, 38), que sem se opôr em concorrência com o papel do Espírito Santo, é chamada pelo mesmo Espírito a cooperar com Ele, de modo materno, a continuar a exercer na Igreja a

---

<sup>352</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles laici* (30 de Dezembro de 1988), in AAS 81 (1989) 393-521.

<sup>353</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta apost. *Mulieris dignitatem* (15 de Agosto de 1988), in AAS 80 (1988) 1653-1729; cf. também JOÃO PAULO II, *Carta às mulheres* (29 de Junho de 1995), in AAS 87 (1995) 803-812.

<sup>354</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Unitatis Redintegrati*, 1 e 8.

<sup>355</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 25 de Novembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 1085.

<sup>356</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 46.

<sup>357</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 2 de Dezembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 1172-1174.

maternidade que lhe foi confiada por Cristo na Cruz (Cf. Jo 19, 26-28). Daí que, «todo o aprofundamento do vínculo com Maria permite ao Espírito uma ação mais fecunda para a vida da Igreja»<sup>358</sup>.

---

<sup>358</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 9 de Dezembro de 1998*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXII, 2 (1998) 1249.

# IV CAPÍTULO

## OS CONTRIBUTOS DE S. JOÃO PAULO II PARA A PNEUMATOLOGIA

### 4.1. A redescoberta da Pneumatologia no século XX

Até há bem pouco tempo, havia uma percepção da carência de se explicitar a Pessoa do Espírito Santo na teologia e na pastoral católica ocidental. Na verdade, a Pneumatologia ocupava apenas um lugar modesto na teologia, na espiritualidade e na pastoral católica do Ocidente, ao contrário do outro «pulmão»<sup>359</sup> da Igreja Católica – o Oriente – que conservou uma maior consciência e uma prática muito mais viva de quem é a Terceira Pessoa divina da Santíssima Trindade na Igreja<sup>360</sup>.

Durante bastantes séculos, a consciência que se tinha da importância do Espírito Santo manteve-se debilitada. Isso não significa que Ele não continuasse a ser a alma e o dinamizador invisível da Igreja, mas os excessos e os exageros do milenarismo, de Joaquim de Fiore e dos movimentos e seitas espiritualistas e pentecostais, que tendiam a contrapor a obra carismática do Espírito às instituições da Igreja, levou a uma espécie de posição defensiva subconsciente, sobretudo, no Ocidente, em relação ao papel decisivo do Espírito Santo a tal ponto de, pelo menos na reflexão teológica e no ensino doutrinal do Magistério, poder designar-se o Espírito Santo como a Pessoa esquecida da Trindade.

---

<sup>359</sup>A Igreja de Cristo recebe seu oxigénio de dois pulmões: oriental e ocidental. Duas tradições, dois modos complementares de viver o único evangelho. Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Mater* (25 de março de 1987) 34, in AAS 79 (1987), 406; Cf. também JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Euntes in Mundum* por ocasião do Milénio do Baptismo da Rus' de Kiev (25 de Janeiro de 1988) 12, in AAS 80 (1988), 952-953; JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ut Unum Sint* (25 de maio de 1995) 54, in AAS 87 (1995) 953; JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (6 de Janeiro de 2001) 48, in AAS 93 (2001), 301.

<sup>360</sup>Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Viver o Ano da Fé*, 58.

Esta situação de carência veio alterar-se só nos finais do século XIX, quando o Magistério da Igreja, num esforço de combater a ignorância ou desconhecimento dos cristãos acerca do Espírito Santo, voltou a pronunciar-se alguma coisa sobre a pneumatologia. Tudo graças à insistência da Beata Madre Elena Guerra<sup>361</sup>, fundadora do Instituto das Oblatas do Espírito Santo que, no início do século XX, pediu insistentemente ao Papa Leão XIII que consagrasse o Mundo ao Espírito Santo<sup>362</sup>. Consequentemente, isto estimulou a publicação de vários documentos do Magistério eclesial importantes para o desenvolvimento do tema “Espírito Santo”, nomeadamente, a primeira Encíclica *Divinum illud munus* (9 de Maio de 1897) do Papa Leão XIII<sup>363</sup> sobre a presença e a virtude admirável do Espírito Santo. Esta Encíclica, constituída por uma primeira parte expositivo-doutrinal e uma segunda parte dispositivo-pastoral, expõe os pontos fundamentais da doutrina Católica sobre o Espírito Santo, baseados na Sagrada Escritura, na práxis litúrgica da Igreja e na doutrina dos Santos Padres, na visão tomista e no pensamento escolástico. A sua reflexão parte do Mistério da Santíssima Trindade para, em seguida, apresentar o Espírito Santo na Sua relação com o Verbo Encarnado; depois, como a alma da Igreja; a Sua inabitação na alma; concluindo com recomendações e exortações ao culto ao Espírito Santo, principalmente, por meio de uma novena pública, preparando-se para uma vivência de Pentecostes e para a passagem de um século para outro<sup>364</sup>.

De igual modo, as pesquisas de teólogos como J.A. Möhler (1796 – 1838)<sup>365</sup> e, sobretudo, M. J. Scheeben (1835-1888)<sup>366</sup> nos finais do século XIX, a efervescência do

---

<sup>361</sup>Nasceu em 23 de Junho de 1835, em Lucca-Itália. Em Outubro de 1897, Madre Elena Guerra é recebida em audiência por Leão XIII, que a encoraja com toda a sua congregação religiosa a prosseguir o apostolado pela causa do Espírito Santo. Morreu em 11 de abril de 1914. Em 6 de abril de 1959, Madre Elena Guerra foi beatificada por João XXIII e proclamada apóstola do Espírito Santo. Uma análise da contribuição de Elena Guerra para a História da Igreja (cf. I. NARCISI, *La beata Elena Guerra apostola dello Spirito Santo*, in J. SARAIVA MARTINS (org.), *Credo in Spiritum Sanctum: Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia in occasione del 1600° anniversario del I Concilio di Costantinopla e del 1550° anniversario del Concilio di Efeso (Roma, 22-26 Marzo 1982)*, vol. 2 (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana 1983) 1169-1175.

<sup>362</sup>Cf. A. SODANO, *Mensagem do Cardeal Angelo Sodano ao Congresso sobre «Os sinais do Espírito no século XX. Uma releitura histórica: a narração das testemunhas»* (Lucca 30 de Setembro-2 de Outubro de 2005), in [http://www.va/roman\\_curia/secretarit\\_state/2005/documents/rc\\_segst\\_20050928\\_soda-no-lucca\\_po.html](http://www.va/roman_curia/secretarit_state/2005/documents/rc_segst_20050928_soda-no-lucca_po.html). Página consultada no dia 15 de Maio de 2014 às 17h. 19m.

<sup>363</sup>Cf. LEÃO XIII, Encíclica *Divinum illud munus* (9 de maio de 1897), in *Acta Leonis* 17 (1898), 125-148.

<sup>364</sup>Cf. A. HUERGA, *La encíclica de Leon XIII sobre el Espiritu Santo*, in J. SARAIVA MARTINS (org.), *Credo in Spiritum Sanctum: Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia in occasione del 1600° anniversario del I Concilio di Costantinopla e del 1550° anniversario del Concilio di Efeso (Roma, 22-26 Marzo 1982)*, vol. 1 (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana 1983) 507-516.

<sup>365</sup> «A obra em que se manifesta o seu génio é *Die Einheit in der Kirche, oder das Prinzip des Katholizismus* (1825: A unidade na Igreja). A Igreja não é definida, segundo era habitual no século XVIII, como sociedade ou corpo ou povo, senão desde uma perspectiva pneumatológica: a Igreja é vida no Espírito. O Espírito é o princípio interior e invisível que faz possível a unidade da pluralidade e das diferenças. Deste

século XX e a censura dos orientais aos latinos a respeito do «esquecimento» do Espírito e da defesa de um certo cristomonismo<sup>367</sup>, provocou no período pré-conciliar uma maior atenção e estudo sobre a Pessoa e a missão do Espírito Santo. Dessa atenção resultou no período conciliar, uma alteração e uma recuperação da situação e das insuficiências da reflexão pneumatológica do contexto histórico-teológico e eclesiológico da tradição ocidental.

Com a consciência renovada do Concílio Vaticano II, que condensa o esforço da renovação espiritual, bíblica, patrística, litúrgica e ecuménica do século XX, iniciou-se a recuperação do papel do Espírito Santo na vida e na missão eclesial. A acentuação da dimensão pneumatológica dos seus documentos<sup>368</sup> contribui largamente para o regresso ao primeiro plano da reflexão teológica sobre a Terceira Pessoa, não só no âmbito dos tratados clássicos da teologia dogmática trinitária, mas também no espaço e no «tempo da Igreja» e no modo de olhar o Homem, o Mundo, a História e a evolução da Humanidade numa visão pneumática<sup>369</sup>.

Contudo, embora a Pneumatologia do Vaticano II seja um ponto de chegada para um esboço da Pneumatologia, isso não significou uma pausa na reflexão. Pelo contrário, foi um importante ponto de partida para o desenvolvimento da reflexão teológica, a qual o magistério de S. João Paulo II desenvolveu e ampliou posteriormente em várias ocasiões, especialmente nas suas encíclicas *Dominum et vivificantem* (1986) e *Redemptoris Missio* (1990), nas suas numerosas catequese sobre o Credo, sobre a Pessoa e Missão do Espírito

---

modo a vida e a história são integradas na eclesiologia com pleno direito. As categorias abstratas dão espaço às vitais e históricas. A fé cristã e eclesial não é vista como aceitação de conteúdos doutrinários senão como a comunicação da vida de Deus no Espírito, vida que é Amor». (E. BUENO DE LA FUENTE, *100 momentos-clave de la Teología Cristiana* [Burgos: Editorial Monte Carmelo 2010] 180).

<sup>366</sup>«M. J. Sheeben (1835-1888), discípulo em Roma dos expoentes do renascimento tomista e professor em Colónia, representa um tomismo aberto que concilia a tradição romana com o génio especulativo alemão (Natur und Gnade, Die Mysterien des Christentums)» (E. BUENO DE LA FUENTE, *100 momentos-clave de la Teología Cristiana*, 194).

<sup>367</sup>Cf. Y. CONGAR, *Actualité de la Pneumatologie* in J. SARAIVA MARTINS (org.), *Credo in Spiritum Sanctum: Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia in occasione del 1600° anniversario del I Concilio di Costantinopla e del 1550° anniversario del Concilio di Efeso* (Roma, 22-26 Marzo 1982), vol. 1 (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana 1983) 25; cf. também J. BORGES PINHO, *Trinta anos de reflexão eclesiológica. Caminhos, questões e tarefas na recepção do Concílio*, in *Humanística e teologia*, 31 (2010) 55-89.

<sup>368</sup>Cf. N. SILANES, *El Espíritu Santo y la Iglesia en el Concilio Vaticano II*, in J. SARAIVA MARTINS (org.), *Credo in Spiritum Sanctum: Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia in occasione del 1600° anniversario del I Concilio di Costantinopla e del 1550° anniversario del Concilio di Efeso* (Roma, 22-26 Marzo 1982), vol. 2 (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana 1983) 1017-1018.

<sup>369</sup>Cf. J. BURGGRAF, *La pneumatología contemporánea: desarrollo y dimensiones*, in J. ALVIAR (ed. lit.), *El tiempo del Espíritu: Hacia una teología pneumatológica* (Pamplona: EUNSA 2006) 17-42.

Santo (1989 – 1991) e no segundo ano do triénio (ano 1998) de preparação para o Grande Jubileu do Ano 2000.

## 4.2. A Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II

Numa visão geral, o itinerário intelectual de S. João Paulo II segue o esquema seguido em muitos dos livros publicados sobre a Pneumatologia<sup>370</sup>. O seu objetivo não é tanto o de apresentar uma doutrina completa sobre o Espírito Santo, mas principalmente o de oferecer um percurso de reflexão e de aprofundamento a partir do inescrutável Mistério trinitário de Deus, conseqüentemente, do Mistério da Criação e Redenção, em ligação ao contexto eclesiológico da obra de renovação do Concílio do Vaticano II e na dinâmica de recordar o passado, celebrar o presente e preparar o futuro para cruzar o limiar do Terceiro Milénio. Na continuação dos seus predecessores, S. João XXIII e Paulo VI, para S. João Paulo II a obediência ao Espírito Santo se expressa na autêntica interpretação e justa aplicação das diretrizes indicadas pelo Concílio Vaticano II<sup>371</sup>.

Segundo Thomas Labarrière, a fé constitui de maneira explícita o clima e o método da Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II<sup>372</sup>. Toda a sua Pneumatologia é marcada e acompanhada pelo ato da fé na Pessoa divina do Espírito Santo. Para o Papa eslavo, na profissão do Credo, não se trata apenas de recordar uma fórmula de fé professada e vivida na Igreja ao longo de séculos, mas trata-se, sobretudo, de compreender como o ensino, o Símbolo da Fé do I Concílio de Constantinopla em 381, que ilustrou o Mistério do Espírito, «continua a ser ainda hoje a expressão da única fé comum da Igreja e de todo o Cristianismo»<sup>373</sup>. Por essa razão, recorre frequentemente à Sagrada Escritura, à doutrina

---

<sup>370</sup>Cf. L. MATEO-SECO, *Juan Pablo II: Una lección de Pneumatología*, in *Scripta theologica*, 36 (2004) 185; Y. CONGAR, *El Espíritu Santo* (Barcelona: Editorial Herder 2009<sup>2</sup>); F. LAMBIASI – D. VITALI, *Lo Spirito Santo: Mistero e presenza. Per una sintesi di pneumatologia* (Bologna: EDB 2005<sup>2</sup>); C. SCHÜTZ, *Introducción a la Pneumatología* (Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario 1991); B. J. HILBERATH, *Pneumatologia* (Brescia: Editrice Queriniana 1996).

<sup>371</sup>Cf. T. LABARRIÈRE, «*Creo en el Espíritu Santo, Señor y Dador de Vida*». *El Credo y el testimonio del Papa Juan Pablo II*, in *Teología y catequesis*, 97-98 (2006) 61. Cf. também BENTO XVI, *Mensagem aos participantes do Congresso Internacional sobre o tema «O Concílio Vaticano II no pontificado de João Paulo II»* (28 de Outubro de 2008), in [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/messages/pont-messages/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20081028\\_tasca\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/pont-messages/2008/documents/hf_ben-xvi_mes_20081028_tasca_po.html); M. CLEMENTE, *O legado do pensamento de João Paulo II. Atualização do Concílio = actualidade de Cristo*, in *Ciclo de estudos sobre O Legado do Pensamento de João Paulo II* (Coimbra: Editora Gráfica de Coimbra 2006) 31-43.

<sup>372</sup>Cf. T. LABARRIÈRE, «*Creo en el Espíritu Santo, Señor y Dador de Vida*». *El Credo y el testimonio del Papa Juan Pablo II*, 62.

<sup>373</sup>JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *A Concílio Constantinopolitano I* (25 de março de 1981) 1: AAS 73 (1981), 514.

conciliar e à Tradição viva de toda a Igreja na linha da Constituição *Dei Verbum*, que tem uma orientação marcadamente trinitária<sup>374</sup>, destacando a presença do Espírito da Verdade na Revelação Divina, na compreensão e na transmissão do Mistério revelado<sup>375</sup>. Tanto na Encíclica *Dominum et vivificantem* (1986) como nas catequeses pneumatológicas, o ponto de partida de S. João Paulo II «está precisamente na união indissolúvel e na mútua interrelação entre a Escritura e o Símbolo Constantopolitano»<sup>376</sup>. De facto, «lógica e historicamente a Revelação precede a fé»<sup>377</sup>. Ela está condicionada pela Revelação Divina, visto que crer de modo cristão significa precisamente aceitar ser introduzido e conduzido pelo Espírito Santo à plenitude da verdade da Revelação Divina de modo consciente e voluntário<sup>378</sup>. Daí que, para o Papa eslavo, o problema da catequese dos últimos tempos é, antes de mais, um problema de fé<sup>379</sup>. Nesta ótica, a redescoberta da originalidade da fé cristã no Espírito Santo e o itinerário evangélico, patrístico e litúrgico, proposto pelo próprio S. João Paulo II nas suas catequeses sobre o Credo e na sua Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, são a consciência de que, por um lado, é indispensável repensar os motivos da credibilidade da fé cristã<sup>380</sup>. E, por outro lado, de que «o Espírito Santo é a chave, que abre a porta que é Cristo, a qual dá entrada para a casa que é o Pai»<sup>381</sup>.

A Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II é uma Pneumatologia que pode resumir-se em três eixos estreitamente ligados entre si: «o Espírito Santo nas profundidades de Deus, na Economia da Salvação e no tempo da Igreja»<sup>382</sup>.

---

<sup>374</sup>Cf. N. SILANES, *El Espíritu Santo y la Iglesia en el Concilio Vaticano II*, 1017.

<sup>375</sup>Cf. A. BLANCO, *Presencia del Espíritu Santo en la transmisión de la Palabra revelada*, in J. SARAIVA MARTINS (org.), *Credo in Spiritum Sanctum: Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia in occasione del 1600° anniversario del I Concilio di Costantinopla e del 1550° anniversario del Concilio di Efeso (Roma, 22-26 Marzo 1982)*, vol. 2 (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana 1983) 1281-1292).

<sup>376</sup>L. MATEO-SECO, *Juan Pablo II: Una lección de Pneumatología*, 187.

<sup>377</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 13 de Março de 1985*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, VIII, 1 (1985) 5, 640.

<sup>378</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 24 de Abril de 1985*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, VIII, 1 (1985) 7, 1106.

<sup>379</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 9 de Janeiro de 1985*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, VIII, 1 (1985) 4, 39.

<sup>380</sup>Cf. M. GUILARTE, *Hitos catequéticos del pontificado de Juan Pablo II*, in *Teología y catequesis*, 97-98 (2006), 9 – 25.

<sup>381</sup>CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral O Espírito Santo, Senhor que dá a Vida* (Fátima: Ed. Secretariado Geral do Episcopado 1997<sup>2</sup>) 7.

<sup>382</sup>T. LABARRIÈRE, «*Creo en el Espíritu Santo, Señor y Dador de Vida*». *El Credo y el testimonio del Papa Juan Pablo II*, 64.

## 4.2.1. O Espírito Santo nas profundidades de Deus

Antes de mais, em S. João Paulo II, a visão de Deus é uma visão que não pretende ser ontológica, mas sempre relacional, comunicacional<sup>383</sup>. Na verdade, a Revelação cristã nunca fala de um Deus impessoal, mas desvenda-O como um Mistério de comunhão de três Pessoas. Ora, a Sagrada Escritura, especialmente, em referência ao conteúdo da mensagem neotestamentária, ao falar do Espírito Santo, não se refere ao Ser em Si mesmo de Deus, mas diz-nos quem é o Espírito Santo em relação particular com o Pai e o Filho.

Nesta perspectiva, compreende-se porque é que, na base do pensamento da Pneumatologia do seu magistério, está o texto joanino do discurso de despedida da Última Ceia com o qual se atinge – na visão do Papa eslavo – o ápice da Revelação trinitária<sup>384</sup>. É precisamente a evocação do centro da História da Salvação, isto é, a luz da promessa e da Revelação de Jesus durante a Ceia Pascal que permite ao Papa descobrir, por um lado, quem é Deus em Si mesmo e a característica da identidade pessoal do Espírito Santo e, por outro, segundo a Revelação, oferecer uma visão teo-ontológica do Homem<sup>385</sup>. Em síntese:

Na sua vida íntima, Deus «é Amor», amor essencial, comum às três Pessoas divinas: amor pessoal é o Espírito Santo, como Espírito do Pai e do Filho. Por isso, ele «perscruta as profundezas de Deus», como Amor-Dom incriado. Pode dizer-se que, no Espírito Santo, a vida íntima de Deus uno e trino se torna totalmente dom, permuta de amor recíproco entre as Pessoas divinas; e, ainda, que no Espírito Santo Deus «existe» à maneira de Dom. O Espírito Santo é a expressão pessoal desse doar-se, desse ser-amor. É Pessoa-Amor. É Pessoa-Dom. Temos aqui uma riqueza insondável da realidade e um aprofundamento inefável do conceito de pessoa em Deus, que só a Revelação divina nos dá a conhecer. Ao mesmo tempo, o Espírito Santo, enquanto consubstancial ao Pai e ao Filho na divindade, é Amor e Dom (incriado) do qual deriva como de uma fonte (fons vivus) toda a dádiva em relação às criaturas (dom criado): a doação da existência a todas as coisas, mediante a criação; e a doação da graça aos homens, mediante toda a economia da salvação<sup>386</sup>.

Deste modo, «a Revelação fala-nos do Mistério de Deus em Si e na Sua manifestação histórica, essencialmente como um Mistério trinitário»<sup>387</sup>. Consequentemente,

---

<sup>383</sup>Cf. C. NEVES, *Visão do Homem e do Mundo em João Paulo II*, in *Estudos teológicos*, 16 (2012) 76.

<sup>384</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 9.

<sup>385</sup>Cf. C. NEVES, *Visão do Homem e do Mundo em João Paulo II*, 76.

<sup>386</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 10. Fazemos novamente esta citação devido à sua grande importância na definição da Pessoa divina do Espírito Santo e no pensamento de S. João Paulo II. É a partir dela que o Papa eslavo desenvolve toda a sua reflexão trinitária.

<sup>387</sup>Y. SPITERIS, *O Espírito Santo, agente principal da Nova Evangelização* in *Comentário Teológico Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II – Tertio Millennio Adveniente* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado – Editora Rei dos Livros, 1996) 245.

numa síntese agostiniana e tomista, a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II sublinha o dar-se salvífico de Deus no Espírito Santo. Isto é fundamental para a compreensão da *Oikonomia da Salvação*.

## 4.2.2. O Espírito Santo na *Oikonomia da Salvação*

Desde logo, observamos que toda a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II sublinha a ligação íntima entre os três momentos misteriosos da História salvífica: a Criação, a Encarnação e a Redenção<sup>388</sup>.

### 4.2.2.1. Mistério da Criação

Numa leitura histórico-salvífica da ação criadora, o Papa apresenta o significado salvífico da Criação no Espírito<sup>389</sup>. Deus Pai cria, pelo Verbo, no poder do Seu Espírito o cosmos e as criaturas, de modo especial, o homem, que criado à imagem e semelhança de Deus é chamado a estabelecer uma Aliança com o próprio Deus. Como vínculo eterno de comunhão entre o Pai e o Filho na vida intratrinitária, analogamente, em relação à Criação, a missão do Espírito Santo é perscrutar as profundezas do Pai e do Verbo-Filho no Mistério da Criação<sup>390</sup>. Por isso, o testemunho das origens, do livro do Génesis, permite ao Papa olhar toda a realidade criada como “boa” em virtude da dádiva que o eterno Dom Incrariado faz a toda a Criação e que, no caso do homem, é “muito boa”, por ser a única criatura chamada por Deus, desde o princípio, a participar na vida intradivina. Desta ótica da Aliança com Deus, da união e participação na vida intradivina, resulta a grandeza e a dignidade do Homem e a profundidade da antropologia teocêntrica e cristocêntrica de S. João Paulo II<sup>391</sup>. Isto permite ver na obra da Criação do Homem, criado à imagem e semelhança de Deus, o princípio originário do dom salvífico de Deus concedido ao Homem.

Um princípio em que se interpôs dramaticamente o pecado, porque o Homem recusa os seus limites intransponíveis de criatura, o que não só ofusca e deturpa a imagem e a semelhança de Deus no ser humano, a identidade do seu ser e da sua liberdade, como

---

<sup>388</sup>Cf. C. NEVES, *Visão do Homem e do Mundo em João Paulo II*, 81.

<sup>389</sup>Cf. COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Do Teu Espírito, Senhor, está cheio a terra*, 31.

<sup>390</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 34.

<sup>391</sup>Cf. J. ILLANES, *Antropocentrismo e teocentrismo en la enseñanza de Juan Pablo II*, in *Scripta Theologica*, 20 (1988) 643-635.

inclusive a pretensão de “ser como Deus” põe constantemente em perigo a própria Criação<sup>392</sup>. E, portanto, na raiz do pecado está à mentira, «antiverdade» de quem é o Homem e a verdade sobre quem é Deus. O Homem, curvado em si mesmo, deixa-se transviar pelo pai da mentira a ponto de olhar para Deus como uma limitação para si próprio e fecha-se à ação salvífica oferecida por Deus ao Homem no Espírito, quando, na realidade, a profunda verdade do Homem consiste em estar aberto à relação consigo mesmo, com os outros e com Deus-Trindade<sup>393</sup>.

#### 4.2.2.2. Mistério da Encarnação

Nessa “lógica” divina do Mistério próprio da Criação, desde o “princípio”, dá-se a manifestação progressiva da pedagogia da Revelação do Verbo através do Espírito Santo ao longo de toda a História da Salvação até ao ápice da dádiva suprema da autocomunicação de Deus no Espírito<sup>394</sup>. De facto, o génio perverso da suspeita e o sofrimento do homem pecador, da rutura do homem com Deus, não têm a última palavra na História e no Mundo. Embora «a visão do homem, em João Paulo II, comporte sempre, explícita ou implicitamente, a presença do pecado»<sup>395</sup>, o Papa polaco não fica parado perante o diagnóstico do ser humano em perigo, mas exprime-o para abrir o caminho da cura<sup>396</sup>, pois a lógica de Deus é sempre superior à lógica do pecado<sup>397</sup>.

Em Jesus Cristo, Deus procura o homem para libertá-lo do mal, da não verdade e restaurar a imagem e a semelhança de Deus desfigurada pelo pecado. Deus vem ao encontro do homem no momento decisivo do Mistério da Encarnação. Efetivamente, «a Encarnação constitui o cume inultrapassável e a realização da História da Salvação»<sup>398</sup>. Neste Mistério, a obra do Espírito atinge o seu vértice e introduz no espaço, no tempo e na história a possibilidade salvífica para a humanidade e para o cosmos<sup>399</sup>. Deste modo, S.

---

<sup>392</sup>Cf. COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Do Teu Espírito, Senhor, está cheio a terra* (Lisboa: Editora Paulinas, 1997) 36.

<sup>393</sup>Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, 10, in *Civiltà Cattolica*, IV (6 de Novembro de 2004) 254-286.

<sup>394</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 50.

<sup>395</sup>C. NEVES, *Visão do Homem e do Mundo em João Paulo II*, 79.

<sup>396</sup>JOSEPH RATZINGER – BENTO XVI, *João Paulo II – O meu venerado predecessor*, 44.

<sup>397</sup>Cf. M. GELBERT BALLESTER, *El Señor que da la vida. Consideraciones teológicas a propósito de la Dominum et vivificantem*, in *Estudios trinitarios*, 22 (1988) 126.

<sup>398</sup>COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Jesus Cristo Salvador do Mundo* (Lisboa: Editora Paulinas, 1996) 18.

<sup>399</sup>Cf. A. AMATO, *Jesus Cristo, Centro da História da Salvação e da vida da Igreja*, 171.

João Paulo II oferece-nos claramente uma visão cristocêntrica da História<sup>400</sup>. Uma visão que não é mais do que o sublinhar, sem cair em fantasias milenaristas, que *o cristianismo é religião entranhada na História*<sup>401</sup>, que o tempo é o meio de que Deus Se serve para encarnar e para revelar e dar a Sua graça. Por isso, no limiar do Terceiro Milénio, os homens têm razão para esperar e acreditar que o tempo está «cheio de Deus»<sup>402</sup>. Precisamente porque, através da Encarnação, Deus Se entranhou na História dos homens e, o próprio Verbo de Deus Se uniu de certo modo a cada homem, dá à História humana sentido, significado e valor salvífico<sup>403</sup>, já que nas trevas da História da Humanidade, Deus fez brilhar o Seu rosto de Amor, que tem uma forma e um nome: Jesus Cristo<sup>404</sup>. Ele é concebido e nasce virginalmente no seio da Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo. Por isso, «a Encarnação é a novidade do Cristianismo»<sup>405</sup>. Eis a grande notícia cristã, eis a explicação da inspiração cristocêntrico-trinitária do Jubileu do Ano 2000 e porque o cristocentrismo, uma das chaves interpretativas mais eficazes do Vaticano II, é o tema musical, a temática central de todo o seu Magistério, de onde parte e para onde volta continuamente o seu ensino<sup>406</sup>. No Mistério da Encarnação, Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, revela a participação do Homem e do Cosmos e da Igreja na vida intratrinitária. Assim, como proclamou S. João Paulo II na Bula *Incarnationis Mysterium*:

O nascimento de Jesus em Belém não é um facto que se possa relegar para o passado. Diante d'Ele, com efeito, está a história humana inteira: o nosso tempo atual e o futuro do mundo são iluminados pela sua presença. Ele é «o Vivente» (Ap. 1, 18), «Aquele que é, que era e que há-de vir» (Ap. 1, 4). Diante d'Ele deve dobrar-se todo o joelho no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua há de proclamar que Ele é o Senhor (cf. Fil 2, 10-11). Cada homem, ao encontrar Cristo, descobre o mistério da sua própria vida (Cf. G 22). Jesus é verdadeiramente a realidade nova que supera tudo quanto a humanidade pudesse esperar, e tal permanecerá para sempre ao longo das épocas sucessivas da história. Deste modo, a encarnação do Filho de Deus e a salvação que realizou com a sua morte e ressurreição são o

---

<sup>400</sup>Cf. J. POLICARPO, *João Paulo II e a Nova Evangelização*, in *Ciclo de estudos sobre O Legado do Pensamento de João Paulo II* (Coimbra: Editora Gráfica de Coimbra 2006) 16.

<sup>401</sup>JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 5.

<sup>402</sup>Cf. A. COMASTRI, *Tu és Trindade* (Lisboa: Editora Paulinas, 2000) 9-16.

<sup>403</sup>Cf. COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBLILEU DO ANO 2000, *Jesus Cristo Salvador do Mundo* (Lisboa: Editora Paulinas, 1996) 24.

<sup>404</sup>Cf. A. COMASTRI, *Tu és Trindade*, 75-83.

<sup>405</sup>COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBLILEU DO ANO 2000, *Jesus Cristo Salvador do Mundo*, 21.

<sup>406</sup>Cf. D. FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, *Cristocentrismo de Juan Pablo II: El "mistério del Verbo encarnado" (GS 22) en las Encíclicas Redemptoris hominis (1979), Dives in misericordia (1980) y Dominum et vivificantem (1986)*, (Toledo: Estudio Teológico de San Ildefonso, 2003) 35.

verdadeiro critério para avaliar a realidade temporal e qualquer projeto que procure tornar a vida do homem cada vez mais humana<sup>407</sup>.

#### 4.2.2.3. Mistério da Redenção

No entanto, o pecado contradiz e impede a verdadeira dignidade do Homem e a sua relação com o Criador e as criaturas. Desde o princípio da História e da Humanidade, o pecado colocou-se entre Deus e o Homem dificultando a comunicação salvífica, o que tornou necessário um “novo início” da comunicação salvífica de Deus no Espírito. Precisamente para isso se fez Homem o Filho de Deus para reatar de novo o vínculo que tinha sido quebrado pelo Homem-Adão.

O Filho de Deus vem ao Mundo por obra do Espírito e pelo poder do Espírito anuncia o Reino, revela o Mistério trinitário, liberta o Homem-Adão e a Humanidade de Satanás, da escravidão da mentira e da alienação do pecado para a liberdade na verdade; e, com o fogo do Amor operante no mais profundo do Mistério Pascal, cumpre cabalmente a Sua missão messiânica através da doação total de Si no sacrifício da Cruz. Assim, em virtude do sacrifício redentor de Cristo, o Homem-Adão não só é reconciliado com Deus, mas também é recriado e é-lhe oferecido em Cristo, apesar dos obstáculos e das resistências que levanta ao Amor de Deus, o Dom da vida nova e eterna para que possa participar novamente na vida intratrinitária e praticar o bem. Daí que «a Religião da Encarnação é a religião da Redenção pelo sacrifício de Cristo, que compreende a vitória sobre o mal, sobre o pecado e sobre a própria morte»<sup>408</sup>.

Com a Sua Morte e Ressurreição, Jesus Cristo torna-Se modelo e causa de Salvação. Ele como “portador” do Espírito revela e envia o Espírito Santo e, no dia do Pentecostes, por meio do mesmo Espírito que atuou na Criação, na Encarnação e na Ressurreição, dá de maneira nova aos Apóstolos e à Igreja e, por intermédio deles, à Humanidade e ao Mundo inteiro a vida nova e realiza a definitiva Aliança, entre Deus e os homens<sup>409</sup>.

A insistência temática da Pneumatologia de S. João Paulo II sobre a unidade entre a Criação e a Redenção demonstra que ambas as obras estão ligadas entre si como etapas de uma única vicissitude de Salvação. Ao sublinhar o carácter pessoal do Espírito Santo na *oikonomia* como um “agir próprio”, a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II

---

<sup>407</sup>JOÃO PAULO II, Bula *Incarnationis Misterium* (29 de Novembro de 1998), 1, in AAS 91 (1999) 129-130.

<sup>408</sup>JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 7.

<sup>409</sup>Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Algumas questões sobre a Teologia da Redenção*, nº 39, in *Gregorianum* 78 (1997) 421 – 476.

demonstra a estrutura essencialmente trinitária e unitária da obra da Criação e da Redenção<sup>410</sup>, a “lógica” divina do dar-se salvífico de Deus no Espírito Santo da Criação à Redenção e a coerência interna da unidade do seu pensamento, em que se reflete bem o axioma fundamental ranheriano de que «a Trindade económica é a Trindade imanente e vice-versa»<sup>411</sup>, ou seja, de que «a Trindade que se manifesta na Economia da Salvação é a Trindade imanente, e vice-versa»<sup>412</sup>.

Por isso, nesta perspetiva, a sua reflexão passa facilmente de uma Pneumatologia económica divina a uma *theologia* trinitária, das intervenções do Espírito Santo na História Salvífica à Revelação do Espírito Santo como Pessoa Divina da Santíssima Trindade, da iniciativa de Deus no caminho dos homens para o inescrutável Mistério de Deus Uno e Trino, de um Deus que Se revela, dialoga e Se dá para o carácter trinitário da fé eclesial na Santíssima Trindade. Isto contribui para compreender que o ápice da Revelação é plenamente manifestado na unidade do Mistério Pascal (Paixão – Morte – Ressurreição – Ascensão – Pentecostes) de que S. João Paulo II fala em ressonância com o discurso de despedida de Jesus após a Última Ceia e as promessas do envio do Espírito Santo<sup>413</sup>. A particular insistência da sua Pneumatologia magisterial no modo explícito de sublinhar a conexão causal dos dois aspetos inseparáveis do único acontecimento Redentor na Revelação, entre o Mistério Pascal e o Mistério do Pentecostes, de que não existe envio do Espírito Santo no Pentecostes sem a Cruz e a Ressurreição de Cristo, contribuem para olhar a unidade indissolúvel da “lógica” de Deus, os dois mistérios inextrincáveis, como duas faces de uma única moeda, do Mistério da Criação e o Mistério da Redenção<sup>414</sup>, que se resume no seguinte: «Deus é Amor, só amor e não pode senão amar»<sup>415</sup>. Com isto se explica a dimensão do Mistério de Deus, sendo o Espírito Santo a expressão pessoal do doar-se, do Ser-Amor da Trindade, que revela, sobretudo, o Amor que é maior do que o pecado e do que a morte e que se reflete na Criação, na História da Salvação e, principalmente, na Redenção como autor da Nova Criação, da criação espiritual em Cristo, na medida em que Ela recria aquilo que criara, pois «o Deus da Criação revela-se como

---

<sup>410</sup>Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 279 – 374.

<sup>411</sup>K. RANHER, *Advertencias sobre el tratado dogmático «De Trinitate»*, in *Escritos de Teología*, IV (Madrid: Taurus 1961) 105-136.

<sup>412</sup>Y. CONGAR, *El Espíritu Santo*, 455.

<sup>413</sup>Cf. T. LABARRIÈRE, «*Creo en el Espíritu Santo, Señor y Dador de Vida*». *El Credo y el testimonio del Papa Juan Pablo II*, 71.

<sup>414</sup>Cf. C. NEVES, *Visão do Homem e do Mundo em João Paulo II*, 77.

<sup>415</sup>Cf. M. GELBERT BALLESTER, *El Señor que da la vida. Consideraciones teológicas a propósito de la Dominum et vivificantem*, 125.

Deus da Redenção, como Deus fiel a si mesmo, fiel ao Seu amor para com o homem e para com o mundo, que já se revelara no dia da criação»<sup>416</sup>.

### 4.3. A relação do Espírito Santo com Cristo

A novidade que caracteriza a concepção neotestamentária do Espírito Santo é exatamente a original e única relação entre Cristo e o Espírito Santo<sup>417</sup>. Neste âmbito, a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II tem o mérito notável de ter apresentado a relação da Cristologia e da Pneumatologia numa perspectiva integradora, descartando toda a unilateralidade do cristomonismo católico e do pneumacentrismo ortodoxo<sup>418</sup>. De facto, o seu predecessor Paulo VI tinha feito notar que a Cristologia e, sobretudo, a Eclesiologia do Concílio deveriam ser acompanhadas por um novo estudo da Pneumatologia<sup>419</sup>. A elaboração da Cristologia pneumatológica do Papa eslavo permite harmonizar os dois modelos das Igrejas cristãs e compreender que as dimensões cristológicas e pneumatológicas são inseparáveis. Só o Espírito Santo pode revelar a verdadeira identidade de Jesus como o Messias, como Aquele que vem no poder do Espírito, como Aquele que possui em si a plenitude e, ao mesmo tempo, é portador do Espírito para toda a Humanidade<sup>420</sup>.

Por sua vez, os traços do rosto do Messias revelam-nos a grande obra da missão oculta do Espírito Santo durante o tempo das promessas e, na plenitude do tempo, revelam-nos a intervenção de Deus na História e o assombroso amor de Deus, cuja personificação é o Espírito Santo<sup>421</sup>. Isto demonstra que o Espírito e o Cristo-Verbo se condicionam mutuamente, de que o Espírito é referido ao Verbo, não anula as suas exigências. Pelo contrário, abre a elas, de tal maneira que o Cristo-Verbo se faz presente, interior,

---

<sup>416</sup>JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptoris hominis*, 9.

<sup>417</sup>Cf. COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Do Teu Espírito, Senhor; está cheio a terra*, 50.

<sup>418</sup>Cf. J. ARTURO DOMÍNGUEZ, *La teología del Espíritu Santo*, in *Scripta theologica*, 20 (1988) 601.

<sup>419</sup>Cf. PAULO VI, Audiência Geral de 6 de Junho de 1973, in *Insegnamenti di Paolo VI*, XI (1973), 477. Cf. também PAULO VI, Exortação Apostólica *Marialis cultus* (2 de Fevereiro de 1974), 27: AAS 66 (1974), 139.

<sup>420</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Creo en Jesucristo – Catequesis sobre el Credo* (Madrid: Ediciones Palabra 1998<sup>5</sup>) 117-126.

<sup>421</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Creo en la vida eterna – Catequesis sobre el Credo* (Madrid: Ediciones Palabra 2003<sup>2</sup>) 76.

dinamicamente ativo pelo Espírito<sup>422</sup>. Na verdade, a Encarnação foi um dos momentos culminantes da ação do Espírito na História da Salvação em que manifestou a relação íntima, a grande reciprocidade, entre o Espírito Santo e o Mistério de Cristo. E, portanto, a Cristologia pneumatológica<sup>423</sup> permite não só olhar a intervenção do Espírito no Mistério de Cristo e a inseparabilidade das duas mãos do Pai, entre Cristo, Revelador e plenitude da Revelação, e o Espírito, Mestre da Revelação e “intérprete” de Cristo<sup>424</sup>, mas também o seguinte:

Do exame dos textos evangélicos emerge uma verdade essencial: não se pode compreender o que foi Cristo e o que Ele é para nós, independentemente do Espírito Santo. Isto significa que não só a luz do Espírito Santo é necessária para penetrar no Mistério de Cristo, mas que também se deve ter em conta a influência do Espírito Santo na Encarnação do Verbo e em toda a vida de Cristo para explicar o Jesus do Evangelho. O Espírito Santo deixou a marca da sua personalidade divina no rosto de Cristo. Por isso, qualquer aprofundamento do conhecimento de Cristo exige também um aprofundamento do conhecimento do Espírito Santo. «Saber quem é Cristo» e «saber quem é o Espírito» são «duas exigências indissolúvelmente ligadas, que se implicam mutuamente»<sup>425</sup>.

#### 4.4. A relação do Espírito Santo com Maria

De forma análoga se diz a Aliança que se estabeleceu entre o Espírito Santo e a Virgem Maria e se concretizou no Mistério da Encarnação, modelo da união nupcial do Amor de Deus com a Humanidade<sup>426</sup>. Mais ainda, é fonte e fundamento da Maternidade universal de Maria<sup>427</sup>, da relação indissolúvel, primeiro, de Maria com Cristo no momento da Encarnação e, segundo, do permanente vínculo materno que se estabeleceu entre Maria e a Igreja no momento do nascimento da Igreja no Cenáculo de Jerusalém<sup>428</sup>.

---

<sup>422</sup>Cf. Y. CONGAR, *El Espíritu Santo*, 415.

<sup>423</sup>Esta cristologia em nada contradiz à cristologia clássica do dogma de Calcedónia e se baseia em duas premissas: 1º não podemos separar a cristologia da soteriologia e 2º a obra de Deus é histórica, acontece no tempo. Cf. Y. CONGAR, *El Espíritu Santo*, 598-607; COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Cuestiones selectas de Cristología*, in *Documenta (1969-1985)*, 254 – 306; A. ARANDA, *Estudios de pneumatología*.

<sup>424</sup>Cf. C. IZQUIERDO, *El Espíritu Santo en la Historia. Dimensiones de la teología fundamental*, in J. JOSÉ ALVIAR (ed. lit.), *El tiempo del Espíritu: hacia una teología pneumatológica* (Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra 2006) 73.

<sup>425</sup>JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 28 de março de 1990*, 778.

<sup>426</sup>Cf. L. MATEO-SECO, *Juan Pablo II: Una lección de Pneumatología*, 202.

<sup>427</sup>Cf. I. VARANDA, *Legado mariano de João Paulo II. A maternidade universal de Maria*, in *Ciclo de estudos sobre O Legado do Pensamento de João Paulo II* (Coimbra: Editora Gráfica de Coimbra 2006) 199-220.

<sup>428</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica A Concílio Constantinopolitano I* (25 de março de 1981) 8, in *AAS* 73 (1981) 523.

Com esta visão de fé da Maternidade de Maria e da Epifania de Deus, com esta estrutura e coerência interna entre a consideração do Espírito Santo em Si e da Sua ação na História salvífica, a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II ilustra bem não só os dois Mistérios altamente significativos e intimamente ligados por obra do Espírito Santo<sup>429</sup>. Além disso, oferece-nos uma visão personalista e trinitária da Revelação e impulsiona-nos a olhar e compreender, por um lado, o Mistério da Encarnação como o encontro entre o Céu e Terra, a Aliança entre o Amor divino e o amor humano, segundo a qual se dá a “troca admirável” entre o Criador e a criatura, o prelúdio da divinização do homem e da mulher<sup>430</sup>. Por outro, impulsiona-nos a olhar e a não restringir, reduzir a Maternidade de Maria somente ao Mistério da Encarnação, ao contexto dogmático, mas a alargá-la ao próprio horizonte do Mistério da Redenção, pois, de outra forma, por mais sublime que seja a dignidade da maternidade divina de Maria como Mãe de Deus (*Theotókos*), a relação puramente pessoal e particular de Maria com Cristo, essa relação nada teria a ver connosco<sup>431</sup>. Aliás, a união íntima do Espírito Santo com Maria, ajuda-nos a compreender que a Maternidade humana de Maria na Encarnação se prolonga em Maternidade espiritual na Redenção, o que significa Maternidade no Espírito Santo, visto que no sim da Encarnação, Maria, Mãe de Deus, dá Cristo ao Mundo e no sim da Paixão, no Calvário, Cristo dá à Igreja e ao Mundo Maria como Mãe. Com efeito, esta Aliança «Espírito Santo / Maria» ajuda-nos a compreender que «nunca devemos separar aquilo que Deus uniu: «Maria e o Espírito Santo»<sup>432</sup>. Pois acolher Maria significa abrimo-nos ao Espírito Santo, reconhecer que cabe-nos a nós abrir, na fé, o nosso coração ao divino artífice da Encarnação. É necessário dar mais espaço e uma expressão mais digna ao culto do Espírito Santo a fim de construir a civilização do amor, superando divisões e tendências, as tentações de vingança e ódio e o fascínio perverso da violência.

A Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II não conduz de modo nenhum à rejeição do culto, da religiosidade popular e da espiritualidade mariana. Mas, pelo contrário, esclarece a sua natureza e apresenta a experiência mariana da Igreja precisamente como um dos meios privilegiados através dos quais o Espírito Santo pode guiar os corações ao encontro de Cristo. De facto, só o Espírito Santo pode revelar, estimular, e conduzir o Povo de Deus, sob a orientação de seus pastores, a conhecer, a amar e a entrar na «escola

---

<sup>429</sup>Cf. I. VARANDA, *Legado mariano de João Paulo II. A maternidade universal de Maria*, 206-212.

<sup>430</sup>Cf. L. J. SUENENS, *O cristão no limiar dos novos tempos* (Lisboa: Editora Paulinas 1998) 64-73.

<sup>431</sup>Cf. I. VARANDA, *Legado mariano de João Paulo II. A maternidade universal de Maria*, 212.

<sup>432</sup>L. J. SUENENS, *O cristão no limiar dos novos tempos*, 65.

de Maria»<sup>433</sup>, a aprender a ler os sinais de Deus na História e a adquirir a sabedoria que faz que cada homem e cada mulher sejam construtores da nova humanidade<sup>434</sup>. Deste modo, a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II não só está muito atenta à teologia ortodoxa, para a qual a constante referência à pessoa e à função de Maria na Obra da Salvação é fulcral, mas também às vozes dos protestantes que questionam se não se estará a usurpar o lugar do Espírito Santo na vida cristã, a substituir o Espírito por Maria na Igreja Católica<sup>435</sup>, como inclusive, ao diálogo ecuménico, abrindo uma porta por donde podem entrar todos os cristãos<sup>436</sup>. As catequeses pneumatológicas ajudam-nos a situar corretamente a Mãe de Deus no plano histórico-salvífico da Santíssima Trindade. Consequentemente ajuda-nos a conhecer a eleição-vocação de todo cristão à santidade, a conservar o carácter central do Mistério de Cristo, a descobrir a figura e o rosto feminino e materno da ação eclesial e do papel da mulher na sociedade e na Igreja, bem como contemplar a amplitude, a profundidade e a fecundidade da mediação e da cooperação da Maternidade espiritual e universal de Maria na peregrinação da fé em ordem ao novo nascimento de Cristo no Mundo<sup>437</sup>.

## **4.5. A relação do Espírito Santo com o tempo da Igreja**

A Morte e a Ressurreição de Cristo tornam possível o envio do Espírito Santo e o início do tempo da Igreja, a qual vive, opera e cresce por obra do mesmo Espírito. A Pneumatologia magisterial demonstra que a Soteriologia cristã é Soteriologia do Amor Divino, da plenitude de vida, que se exprime na vida sacramental da Igreja a favor da Humanidade e do Mundo. Em virtude do Espírito Santo, a Encarnação alcança a sua eficácia redentora e a Redenção abarca todos os homens e, de certo modo, toda a Criação. Nesta mesma dimensão universal da Salvação, «o Espírito Santo continua no Mundo, através da Igreja, a Obra da Redenção de Cristo; inspira o anúncio do Evangelho e se

---

<sup>433</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (16 de Outubro de 2002) 1, in AAS 95 (2003) 5.

<sup>434</sup>Cf. JUAN PABLO II, *La Virgen María. Catequesis sobre el Credo* (Madrid: Ediciones Palabra 2001<sup>2</sup>) 37.

<sup>435</sup>Cf. M. PONCE CUELLAR, *La enseñanza sobre la Virgen de Juan Pablo II*, in *Teología y catequesis*, 97-98 (2006) 142.

<sup>436</sup>Cf. M. PONCE CUELLAR, *La enseñanza sobre la Virgen de Juan Pablo II*, 155.

<sup>437</sup>Cf. J. RATZINGER – H. von BALTHASAR, *Maria, primeira Igreja* (Coimbra: Editora Gráfica de Coimbra 2004).

comporta de tal modo que na Igreja perdure a mesma verdade que os Apóstolos escutaram de Cristo»<sup>438</sup>.

O Espírito Santo pede somente aos homens que reconheçam os seus pecados, para abrir-se à Redenção. Ele continua a obra de denúncia do pecado do Mundo e suscita na intimidade das consciências humanas o arrependimento necessário para receber a remissão dos pecados sem violar o seu sacrário, no qual foi introduzido pela eficácia salvífica penetrante do Sangue de Cristo. É Ele que demonstra ao homem que o pecado é uma transgressão cometida contra a Lei do Amor. É uma recusa da verdade de Deus e do próprio Homem. Só o Espírito Santo produz no íntimo da consciência do homem a conversão do seu coração. Ele faz descobrir as raízes profundas do pecado e dá a força para combatê-lo para que o homem não esteja sujeito ao seu domínio de modo fatalista. Esse fazer reconhecer e denunciar o pecado não tem outra finalidade senão oferecer ao próprio homem «o dom da verdade da consciência e dom da certeza da redenção»<sup>439</sup>. Esta missão do Espírito Santo estende-se a toda a História humana e a cada pecado cometido pela Humanidade através da História, inclusive os pecados do Mundo atual.

No entanto, esta dupla ação de convencimento em relação ao pecado depende, de forma decisiva, do modo como cada homem acolhe ou rejeita a Salvação que Deus lhe oferece mediante o Seu Espírito. A resistência e a oposição ao Espírito Santo levam ao desaparecimento no horizonte da consciência do sentido de pecado e de Deus, que se traduz na livre decisão e reivindicação do homem ao “direito” de perseverar no mal e na pretensão de se tornar fonte e juiz do bem e o mal. Esta pretensão não é só de indivíduos, mas também das várias épocas da História e, especialmente, da época contemporânea, que assume e converte em ideologia e programa de ação e de formação das consciências e dos comportamentos humanos. Como explica F. Giardini na seguinte passagem:

A «blasfêmia contra o Espírito Santo» é uma recusa total da vontade humana livre de colaborar com o Espírito Santo na sua conversão; isso torna absolutamente impossível, da nossa parte, receber a remissão dos pecados e a redenção que Deus, com infinita misericórdia, predispôs para nós desde toda a eternidade em Jesus Cristo. Em suma, a redenção cristã não é imposta ao homem pela força, porque Deus, que criou os seres humanos livres (tão livres que podem até desobedecer-Lhe com o pecado), não pode, agora, contradizer-se a ponto de obrigá-los a arrependem-se, contra a sua vontade, dos seus

---

<sup>438</sup>T. STENICO, *Las Encíclicas de Juan Pablo II* (Madrid: Editorial ANAYA 2005<sup>1</sup>) 85.

<sup>439</sup>JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, 31.

pecados e a nunca mais pecarem. Donde, a impossibilidade absoluta de a «blasfêmia contra o Espírito Santo» ser perdoada por Deus, nesta ou na outra vida!<sup>440</sup>.

O Espírito Santo é doado à Igreja, para pregar a Verdade, perdoar e oferecer a todos os homens a vida nova da graça. Esta vida nova consiste no dom do Espírito Santo que habita na pessoa e a conforma, pouco a pouco, com a colaboração da própria pessoa, num “outro Cristo”. «É um processo de cristificação no Espírito que tem um início, uma finalidade e meios que conduzem à sua maturação, à sua defesa e, eventualmente, à sua salvação»<sup>441</sup>. Assim se compreende a razão por que «o homem é transformado, antes de mais, pelo Espírito (pneumatização), o que tem como efeito a inserção em Cristo (cristificação); desde que se torna «filho no Filho», o homem é levado aos abismos do Pai (divinização)»<sup>442</sup>. Não se trata, portanto, de algo extrínseco, que deve ser aplicado ao homem como do exterior; trata-se, sim, de uma transformação real, pela qual o Espírito Santo torna o ser e o agir humanos partícipes dos atos salvíficos de Cristo, o Novo Adão. Deste modo, na Redenção realizada por meio de Cristo com o poder do Seu Espírito de Verdade, que tem uma dimensão pessoal, que diz respeito a cada homem, e, ao mesmo tempo, uma dimensão comunitária e universal, o Homem-Adão não só reencontra a grandeza, a dignidade e o valor da consciência da sua humanidade como Nova Criação em Cristo, como inclusive as suas ações ficam «pneumatizadas», espiritualizadas, santificadas, e são santificadoras<sup>443</sup>, mediante o dom da graça, que vem do Espírito, fruto do Mistério Pascal, que dispõe o homem a acolher a vida divina, através da fé, o dom da Redenção como condição para viver e respirar do Espírito, a relação filial, a vocação à santidade e a excelência da liberdade dos filhos de Deus. Eis o significado do Mistério da Redenção de Cristo como reconciliação com Deus e como divinização que não dispensa a colaboração do homem, mas, ao contrário, requer, por parte do homem, uma constante abertura do coração e docilidade à escuta da voz do Espírito e um constante discernimento, interpretação dos sinais do Espírito e um deixar-se guiar pela ação suave e poderosa do Espírito de Cristo Ressuscitado.

---

<sup>440</sup>F. GIARDINI, *A blasfêmia contra o Espírito Santo*, in *Dia a dia com o Espírito Santo – Preparando o Jubileu* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 1997) 94-95.

<sup>441</sup>COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Do Teu Espírito, Senhor, está cheio a terra*, 120.

<sup>442</sup>Y. SPITERIS, *O Espírito Santo, agente principal da Nova Evangelização* in *Comentário Teológico Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II – Tertio Millennio Adveniente* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado – Editora Rei dos Livros, 1996) 248.

<sup>443</sup>Cf. Y. SPITERIS, *O Espírito Santo, agente principal da Nova Evangelização*, 250.

Neste âmbito, a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II contribui para compreender que «na raiz da crise da esperança está à *tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo*»<sup>444</sup>. No âmago de uma cultura de morte de Deus, de um humanismo fechado à transcendência, onde o homem vive desorientado e se observa uma mentalidade cristofóbica, secularizante e laicista, enfim uma civilização contemporânea doente que, sob diversos pontos de vista, mergulha no caos do pecado e nas sombras do desespero e da morte, exige repensar uma antropologia aberta ao encontro com o Mistério da Trindade<sup>445</sup>. A intransparência e a obscuridade da pessoa tornam mais evidente à necessidade de uma Nova Antropologia. O conceito teo-antropológico do Paráclito e a visão do Homem à luz da vivência plena da vida humana de Cristo e da ação do Espírito Santo contribuem para descobrir a grandeza da dignidade da pessoa humana e o horizonte soteriológico-trinitário do Mistério do Homem<sup>446</sup>. Somente partindo do Homem perfeito, Jesus Cristo, se pode compreender o que é o homem e se pode entrever a partir da via traçada pelo próprio Mistério da Encarnação e da Redenção o programa da ação pastoral da Igreja. O facto de o homem não poder viver sem amor demonstra que precisamos de uma nova abertura e de uma antropologia pneumatológica capaz de levar o Homem a passar do amor-próprio ao amor de Deus e ao próximo<sup>447</sup>. Como refere o pregador da Casa Pontifícia Raniero Cantalamessa:

A nossa civilização, dominada pela técnica, precisa de um coração com que o homem possa nela sobreviver sem se desumanizar totalmente. Não são apenas as pessoas religiosas, mas também as agnósticas e não crentes, que estão convencidas da necessidade de dar mais espaço às «razões do coração», se queremos evitar que a humanidade volte a mergulhar numa era glacial<sup>448</sup>.

#### **4.5.1. *Ad intra ecclesiam***

Na perspectiva de reacender os corações com o fogo do Amor de Deus, a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II contribui para desenvolver e realçar fortemente o papel do Espírito Santo no conjunto da missão pastoral e missionária da Igreja.

---

<sup>444</sup>JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* (28 de Junho de 2003) 9, in AAS 95 (2003) 655.

<sup>445</sup>Cf. J. FARIAS, *Pneumatologia e antropologia*, in *Didaskalia* XXV, Fasc. 1 e 2 (1995) 472.

<sup>446</sup>Cf. J. FARIAS, *Pneumatologia e antropologia*, 484.

<sup>447</sup>Cf. R. CANTALAMESSA, *Vem, Espírito Criador!*, 343-360.

<sup>448</sup>R. CANTALAMESSA, *Vem, Espírito Criador!*, 360.

A Igreja em nome da Ressurreição de Cristo anuncia e coopera com o Espírito vivificante a fim de dar testemunho da verdade e da vitória da Redenção. Ele é a alma do anúncio do Evangelho e da dilatação do Reino de Deus na História. Ele é a grande força matriz da Palavra que manifesta e torna visível, em extensão, até aos últimos confins da terra e, em profundidade, até ao mais íntimo dos corações a presença redentora de Cristo Ressuscitado. Ele dá a coragem aos Apóstolos de anunciar a verdade de Cristo e denunciar todas as forças que conspiram para eliminá-la no meio dos homens, da cultura e da civilização. Agente principal da evangelização e protagonista da missão eclesial, as técnicas da evangelização não podem substituir a Sua ação. E, por isso, a missão de evangelizar e humanizar o Mundo requer, no limiar dos novos tempos, uma Nova Evangelização a partir da graça pentecostal, uma Igreja em estado de missão, «evangelizadores com espírito, quer dizer, evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo»<sup>449</sup>.

A missão da Igreja, como obra salvífica do Mundo e da História, nunca poderá prescindir da ação poderosa do Espírito Santo. Ela precisa urgentemente de um novo Pentecostes, de uma nova efusão do Espírito para reavivar a consciência de que é o Espírito quem a move. Esta urgência da atividade missionária exprime-se, antes de mais, por uma espiritualidade missionária sob a orientação do Espírito, para deixar-se enraizar em Deus, para deixar-se enviar por Deus<sup>450</sup>, por uma vida de espiritualização progressiva<sup>451</sup> em que o cristão, testemunha de Cristo, se torna *pneumatóforo* e irradia-O para os outros<sup>452</sup>. Como refere o popular taumaturgo russo, Serafim de Sarov:

É na aquisição do Espírito de Deus que reside o verdadeiro objetivo da vida cristã. A oração, o jejum, as vigílias, a caridade e todas as outras práticas feitas em nome de Cristo, apenas são meios para adquirir o Espírito de Deus<sup>453</sup>.

Por isso, só o apóstolo “espiritualizado” pode evangelizar com eficácia. A vivência consciente e livre de cada aspeto da vida cristã – *koikonia, leiturgia, diakonia, martyria*, – encontram a sua autenticidade e fecundidade na Pessoa divina do Espírito Santo, Senhor que dá a vida<sup>454</sup>. Deste modo, a Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II chama-nos a atenção para a continuidade que existe entre Cristo e a Igreja, no Espírito, e convida a

---

<sup>449</sup>PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 259.

<sup>450</sup>Cf. L. J. SUENENS, *O cristão no limiar dos novos tempos*, 91.

<sup>451</sup>Cf. T. ŠPIDLÍK, *La espiritualidad del oriente cristiano* (Burgos: Editorial Monte Carmelo 2004) 59.

<sup>452</sup>Cf. Y. SPITERIS, *O Espírito Santo, agente principal da Nova Evangelização*, 254.

<sup>453</sup>SERAFIM DE SAROV, *O diálogo com Motovilov* (Lisboa: Editora Paulinas, 2004) 23.

<sup>454</sup>Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Viver o Ano da Fé*, 61.

Igreja a abrir-se a um novo período da fé, a um Novo Pentecostes, que se caracteriza fundamentalmente pela consciência de que o Evangelho diz-nos o que devemos fazer, mas é o Espírito Santo que nos dá a graça para realizá-lo<sup>455</sup>. Efetivamente, «nós somos capazes de criar tubagens e canalizações, mas não somos capazes de fazer surgir uma nascente»<sup>456</sup>. Como referiu Mons. Ignatios Hazim, metropolita ortodoxo de Latakia (Síria), no seu discurso à Assembleia Mundial das Igrejas:

Sem o Espírito Santo:  
Deus está longe,  
Cristo fica no passado,  
o Evangelho é letra morta,  
a Igreja não passa de mera organização,  
a autoridade, uma dominação,  
a missão, uma propaganda,  
o culto uma evocação,  
o agir cristão uma moral de escravos.

Mas, com o Espírito Santo:  
o cosmos é elevado e geme as dores de parto do Reino,  
Cristo ressuscitado está presente,  
o Evangelho é força que dá vida,  
a Igreja é sinal de comunhão trinitária,  
a autoridade é serviço libertador,  
a missão é Pentecostes,  
a liturgia é memorial e antecipação,  
o agir humano é deificado<sup>457</sup>.

Assim, a Pneumatologia de S. João Paulo II contribui para uma sã Ecclesologia. Ela demonstra que o dom do Espírito Santo é essencial à vida da Igreja como o foi para o seu nascimento no dia de Pentecostes. Consequentemente convida a olhar «a Igreja como espaço de serviço à fé»<sup>458</sup>, o lugar «onde o Espírito floresce»<sup>459</sup>, onde a graça de Pentecostes se perpetua através dos sacramentos; como sacramento de que o Espírito de Cristo se serve para comunicar a graça da filiação divina e prolongar na História humana a obra da Redenção.

---

<sup>455</sup>Cf. R.CANTALAMESSA, *O Evangelho diz-nos o que devemos fazer, o Espírito Santo dá-nos a graça para realizá-lo*, in M. POLI (Dir), *Dia a dia com o Espírito Santo – Preparando o Jubileu* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 1997) 122.

<sup>456</sup>BISPO FRANCÊS, MONSENHOR MATAGRIN cit. in L. J. SUENENS, *O cristão no limiar dos novos tempos*, 59.

<sup>457</sup>I. HAZIM, *Voici, Je fais toutes les choses nouvelles*, in *Irénikon* 42 (1968) 351-352.

<sup>458</sup>J. RATZINGER – BENTO XVI, *Credo para hoje. Em que acreditam os cristãos* (Braga: Editorial Franciscana 2007) 133.

<sup>459</sup>SANTO HIPÓLITO ROMANO, *Tradição Apostólica*, 35, in Ed. B. Botte (Münster i.W. 1989) 82; cf. também *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 749.

Outro contributo da Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II é o facto de ter presente no seu ensino a Tradição e a Teologia Oriental, que atribui um papel muito particular ao Espírito. A sua reflexão contribui para a dinâmica do encontro e do conhecimento recíproco na caridade entre a Igreja de Roma e as Igrejas Orientais na tarefa e no caminho conjunto da busca da unidade dos cristãos<sup>460</sup>. O que demonstra, em termos ecuménicos propriamente ditos, a prioridade dada ao diálogo teológico católico-ortodoxo e o indiscutível papel de S. João Paulo II na reafirmação inequívoca da irreversibilidade da orientação ecuménica na Igreja Católica<sup>461</sup>. Apesar de poder reconhecer-se limites na sua Pneumatologia em relação à questão do *Filioque*, por ficar aquém dos decretos dos dois concílios unionistas de Lião (1274) e Florença (1439)<sup>462</sup> e da simples afirmação de que a fórmula *Filioque* não constitui um obstáculo essencial para o diálogo ecuménico<sup>463</sup>. De facto, «o Ocidente e o Oriente concordam na fé»<sup>464</sup>. Mas mesmo assim, o caminho para um acordo ecuménico em relação à fórmula está mais próximo de se alcançar, graças ao documento do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos – *As tradições grega e latina a respeito da processão do Espírito Santo* (1995)<sup>465</sup> – solicitado pelo próprio Papa eslavo que foi bem acolhido por representantes da teologia ortodoxa e diz tudo o que, na fase atual, é possível dizer pela parte Católica sobre a questão do *Filioque*. De resto, estão confinadas mais a uma mudança dos corações e das relações gerais entre ambas as Igrejas, do que a mudanças nas ideias e nas fórmulas teológicas<sup>466</sup>.

#### 4.5.2. *Ad extra ecclesiam*

O último contributo da Pneumatologia magisterial de S. João Paulo II, e não menos importante, é o facto de alargar o diálogo ecuménico aos homens que professam religiões não-cristãs ou mesmo vivem sem religião. A Pneumatologia constitui uma boa base teológica para uma aproximação positiva às outras religiões e à prática do diálogo inter-

---

<sup>460</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Orientalis Lumen* (2 de Maio de 1995) 17-27, in AAS 87 (1995) 763-773.

<sup>461</sup>Cf. J. BORGES DE PINHO, *O Pontificado de João Paulo II e o Ecumenismo*, in *Ciclo de estudos sobre O Legado do Pensamento de João Paulo II* (Coimbra: Editora Gráfica de Coimbra 2006) 163-178.

<sup>462</sup>Cf. Y. CONGAR, *El Espíritu Santo*, 619-623.

<sup>463</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 7 de Novembro 1990*, 1027.

<sup>464</sup>Y. CONGAR, *El Espíritu Santo*, 440.

<sup>465</sup>Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, *As tradições grega e latina a respeito da processão do Espírito Santo*, in *L'Osservatore Romano* (ed. Portuguesa) (3 de Agosto de 1996) 4.

<sup>466</sup>Cf. R. CANTALAMESSA, *Vem, Espírito Criador!*, 503-504.

religioso e com a cultura contemporânea<sup>467</sup>. Antes de mais, demonstra que todo o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus e que a presença operante do Espírito Santo não se restringe à Igreja, mas estende-se para lá das suas fronteiras visíveis em todo o tempo e lugar. É certo que o modo de agir do Espírito no âmbito da Criação é qualitativamente diferente daquele com que Ele age no âmbito da Redenção e no da Igreja<sup>468</sup>. Contudo, a ação salvífica de Deus no Espírito não atinge apenas indivíduos, mas também a sociedade e a História, os povos, as culturas e as religiões<sup>469</sup>. Isto explica por que razão, entre os sinais de esperança, a Pneumatologia magisterial identifica como elemento integrante da missão evangelizadora da Igreja o diálogo com as outras religiões e com a cultura contemporânea.

A crença na universalidade e na presença do Espírito em cada História humana leva a descobrir e a esclarecer a relação entre o diálogo e o anúncio<sup>470</sup>, entre o mandato missionário de Cristo e o respeito da consciência e da liberdade religiosa de todos<sup>471</sup>. Por isso, no âmbito do problema religioso, a Pneumatologia magisterial abre horizontes sobre a compreensão da Universalidade da Salvação.

Em primeiro lugar, a Pneumatologia permite reconhecer a real possibilidade dos não cristãos se salvarem por caminhos que só Deus conhece, graças à presença operante do Espírito Santo nas suas vidas. Em segundo lugar, não permite perder a real necessidade da Igreja como instrumento e sinal dessa Salvação<sup>472</sup>.

Embora a relação entre a Igreja e o Reino seja misteriosa e complexa, a Igreja não se identifica com o Reino nem se pode separar do Reino, que é ao mesmo tempo histórico e escatológico, pois ela é uma presença necessária para a verdadeira humanização do Homem e do Mundo. Ela recebeu de Cristo, único Salvador de todos os homens, a missão de anunciar e dilatar na História, neste Mundo em que persiste o Mistério da iniquidade, o Reino de Deus. Portanto, a Igreja constitui, na terra, o germe e o início do Reino<sup>473</sup> e a

---

<sup>467</sup>Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO – CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Instrução Diálogo e Anúncio* (19 de maio de 1991) 15-32, in AAS 84 (1992) 419-425.

<sup>468</sup>Cf. R. CANTALAMESSA, *Vem, Espírito Criador!*, 55.

<sup>469</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, 28-29. Um estudo desta Encíclica a pode encontrar em JOÃO PAULO II, *A missão do Redentor – Texto da Redemptoris Missio comentado por grupo de especialistas Redentoristas* (Porto: Editorial Perpétuo Socorro 1991).

<sup>470</sup>Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Instrução Diálogo e Anúncio*.

<sup>471</sup>Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização* (3 de dezembro de 2007), 3, in AAS 100 (2008) 491.

<sup>472</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, 9.

<sup>473</sup>Cf. CONCILIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, 5.

História converte-se em História da Salvação, à medida que Deus, através dela, se manifesta progressivamente e se comunica à Humanidade. Nesse sentido, como afirma uma nota da Congregação para a doutrina da fé:

Os relativismos e irenismos de hoje em âmbito religioso não são um motivo válido para descurar este trabalhoso, mas fascinante compromisso, que pertence à própria natureza da Igreja e é «sua tarefa primária». «Caritas Christi urget nos – o amor de Cristo nos impele» (2 Cor 5, 14): testemunha-o um grande número de fiéis que, levados pelo amor de Jesus tiveram, ao longo da sua história, iniciativas e obras várias para anunciar o Evangelho, a todas as pessoas e em todos os âmbitos da sociedade, como aviso e convite perene a todas as gerações cristãs a cumprirem com generosidade o mandato de Cristo. Por isso, como recorda o Papa Bento XVI, «o anúncio e o testemunho do Evangelho são o primeiro serviço que os cristãos podem dar às pessoas e à humanidade, chamados a comunicar a todos o amor de Deus, que se manifestou plenamente no único Redentor do mundo, Jesus Cristo»<sup>474</sup>.

O mesmo se diga em relação ao diálogo com a cultura, a Pneumatologia contribui para derrubar as barreiras das divisões e da indiferença entre os povos e nações e criar relações mais fraternas na construção de uma Nova Humanidade assente no respeito da liberdade e da dignidade de cada Pessoa e Povo; e na busca paciente de respostas às interrogações mais profundas de todos os homens<sup>475</sup>. Nesse sentido, a Pneumatologia magisterial desafia os cristãos a participarem generosamente na difusão da sua fé e na solução dos problemas humanos e sociais do nosso tempo. Ela exige atravessar o limiar da esperança contra o medo e contra as soluções mágicas para os grandes desafios socioculturais do nosso tempo e oferece motivações sólidas e profundas na transformação da realidade de acordo com o projeto de Deus<sup>476</sup>. Na dupla fidelidade a Jesus Cristo e ao Homem, a Pneumatologia contribui para que o Homem continue a ser o “caminho” da vida quotidiana da Igreja. O Espírito não só age constantemente na História do Mundo através do coração humano, mas inclusive suscita aspirações e realizações que encarnam valores humanos e, por isso, cristãos; sinais do Espírito que a Igreja no seu serviço ao Mundo, importa ensinar discernir, interpretar e acolher em ordem a ajudar a humanidade a reconhecer a grandeza e o seu dinamismo interno para a plenitude e tornar mais humana a família dos homens e a sua História<sup>477</sup>. Nesse sentido, o conjunto dos escritos pneumatológicos de S. João Paulo II cria o espaço para uma autêntica teologia da

<sup>474</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização* (3 de dezembro de 2007), 13.

<sup>475</sup> Cf. J. ALVES, *Alguns aspectos do legado do Papa João Paulo II*, in *Estudos N. S.*, 4 (2005) 34-35.

<sup>476</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral O Espírito Santo, Senhor que dá a Vida*, 17.

<sup>477</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral O Espírito Santo, Senhor que dá a Vida*, 15.

esperança. Uma reflexão entre a Esperança e o Espírito Santo que demonstra que não é inteligível ver a diferença específica da esperança cristã em relação a qualquer outra ideia de esperança, se a não entendermos em sua íntima conexão com a Pessoa divina do Espírito Santo<sup>478</sup>. O que demonstra, por um lado, que a esperança cristã é indissociável da ação do Espírito Santo na Igreja e no Mundo. Por outro, num contexto de desalento generalizado, face à nostalgia irreprimível da esperança e aos sinais do seu enfraquecimento, a Pneumatologia contribui para responder às necessidades mais profundas do Mundo e preparar a Igreja do futuro na fidelidade às orientações do Concílio Vaticano II e às exigências do nosso tempo, «porque uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente acolhida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida»<sup>479</sup>. Isto pode ajudar a Igreja a sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho, visto que as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens dos discípulos de Cristo<sup>480</sup>.

Num cenário em que os modernos areópagos da cultura e do pensamento humano não cessam de inspirar e difundir uma cultura de morte, em que há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho, a Pneumatologia de S. João Paulo II pode contribuir para refazer em toda a parte o tecido cristão da sociedade humana e revitalizar uma cultura do Pentecostes, uma cultura de Vida que derrota a cultura de morte, que influencie e dê forma a toda a sociedade<sup>481</sup>.

Em suma, como refere Lucas F. Mateo-Seco:

A relação do Espírito com Cristo, Maria e a Igreja é vertebral – poderíamos dizer –, na visão pneumatológica de João Paulo II. Estas três perspectivas são inseparáveis na sua forma de pensar e mutuamente se complementam. É que estas três realidades, cada um à sua maneira, representam a maior doação de Deus aos homens – a doação a Cristo, a doação a Santa Maria, a doação à humanidade –, doação realizada em e através do Espírito. O pensamento de que é mediante a doação do Espírito como a Trindade Beatíssima se doa aos homens constitui um leitmotiv em toda a teologia de João Paulo II, com base na propriedade do Espírito: ser Dom e Amor pessoal<sup>482</sup>.

---

<sup>478</sup>Cf. R. CANTALAMESSA, *Vem, Espírito Criador!*, 289.

<sup>479</sup>JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*, 59.

<sup>480</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 1.

<sup>481</sup>Cf. SERVIÇOS INTERNACIONAIS DO RENOVAMENTO CATÓLICO. COMISSÃO DOUTRINÁRIA, *A efusão do Espírito Santo* (Lisboa: Edições Pneuma 2013) 107-108.

<sup>482</sup>L. MATEO-SECO, *Juan Pablo II: Una lección de Pneumatología*, 196.



Encarnação, da Redenção e do Pentecostes, oferece-nos uma clara visão da sua tentativa de ajudar os cristãos a descobrirem que a fé da Igreja na Pessoa divina do Espírito Santo, proclamada no Símbolo Niceno-Constantinopolitano, que nos recorda a Missão do Espírito Santo na História da Salvação (Ele falou pelos profetas), é fruto de uma lógica amorosa de um Deus cuja essência divina é Amor e cujo Espírito é a personificação, por excelência, de esse doar-se e desse ser Amor. Esta perspectiva, haurida na Escritura, manifestada na relação íntima com o Mistério de Cristo, oferece aos cristãos uma visão personalista e trinitária da Revelação divina<sup>484</sup> e uma lógica e uma coerência interna entre a Revelação do Espírito Santo manifestada na História da Salvação e a Sua origem eterna. Assim, inspirado em Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino, a Pneumatologia magisterial permite não distinguir entre a Trindade económica e a Trindade imanente. Por um lado, torna compreensível aos cristãos a mensagem trinitária do Evangelho no interior do Monoteísmo e, por outro, permite-lhes contemplarem a riqueza da Revelação de Deus como Trindade divina que, graças à Pessoa divina do Espírito Santo, atua fora de Si. Ao mesmo tempo, o seu ensino pneumatológico ensina-nos a obra e a missão conjunta do Filho e do Espírito Santo: A Encarnação redentora do Verbo que introduz os homens no Mistério da Santíssima Trindade e dá ao homem a própria vida de Deus e a ação do Espírito Santo que realiza, personaliza e interioriza em cada pessoa que O acolhe em todos os tempos e lugares a Salvação realizada por Cristo<sup>485</sup>. Deste modo, a Revelação divina da Pessoa do Espírito Santo não é algo abstrato, mas pessoal. Deus deseja autocomunicar-Se pelo Seu Espírito e reconhecer isso, que é uma verdadeira Pessoa que se revela a Si mesmo, significa não só que nós podemos conhecer que Ele existe, mas também que nós podemos conhecer Quem é Ele e como Ele é. Por outras palavras, nós podemos conhecê-IO, podemos criar e manter um relacionamento diário com Ele. Enfim, podemos amá-IO e, principalmente, deixar-nos amar por Ele. Eis aqui o segredo da renovação teológica sobre a questão de Deus na sua Unidade e Trindade e da Criação que, segundo S. João Paulo II, poderá responder aos apelos mais profundos do coração humano e às necessidades espirituais do Mundo, pois o homem não pode viver sem a fonte da verdade e do amor, que é o Espírito Santo<sup>486</sup>.

Quanto ao tema da origem eterna do Espírito Santo, não há dúvida que a doutrina pneumatológica das Igrejas Orientais ocupa um lugar privilegiado no ensinamento deste

---

<sup>484</sup>Cf. R. GAILLARDÉZ – C. CLIFFORD, *As «chaves» do Concílio Vaticano II – À descoberta do Vaticano II* (Lisboa: Editora Paulinas 2012) 70.

<sup>485</sup>Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Viver o Ano da Fé*, 60.

<sup>486</sup>Cf. JOÃO PAULO II, *As reflexões para o Ano 2000* (Lisboa: Edição Livros do Brasil 1994) 25.

papa eslavo. A sua profunda atenção dada à Tradição Oriental corresponde aos seus esforços ecuménicos por superar a controvérsia sobre a questão do *Filioque* com a Igreja Ortodoxa<sup>487</sup>. A sua visão sobre as expressões do Ocidente e do Oriente como duas formas complementares e a sua exposição sobre o tema demonstra-nos bem a impossibilidade da mente humana aprisionar o que há mais misterioso em Deus. Na realidade, o Espírito Santo pode ser objecto de um enunciado que estabelece a sua existência, mas nunca pode ser reconduzido a conceitos rígidos<sup>488</sup>. Isto permite compreender o problema de Deus de que já não se coloca mais tanto na vertente conceptual, mas na vertente funcional e relacional. E, por isso, em relação à questão do *Filioque*, a Pneumatologia de S. João Paulo II proporciona um encontro mais profundo com as Igrejas do Oriente e com a sua teologia. Apesar de os dois «pulmões» continuarem a respirar separadamente e a não celebrarem a Eucaristia em comum, a fé professada no Símbolo Niceno-Constantinopolitano testemunha a unidade original e renova o apelo para a reconstrução da plena unidade, à qual só o Espírito Santo nos pode levar: a unidade da comunhão na legítima diversidade.

Ainda no âmbito eclesiológico, a sua reflexão pneumatológica impulsiona-nos a um alargamento do horizonte teológico e a uma maior consciência da imensidade do dom que Cristo deu à Sua Igreja, que continua a vivificar a Igreja e a impulsioná-la pelos caminhos da santidade e do amor<sup>489</sup>. De facto, o dom do Espírito Santo é essencial à vida da Igreja como o foi para o seu nascimento. No dia de Pentecostes, o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos e sobre Maria reunidos em Cenáculo e tornou-os repletos da Sua força. Hoje, Cristo glorificado à direita do Pai continua a cumprir a sua promessa, derramando sobre a Igreja o Espírito vivificador, que a conduz à Verdade total, unifica-a na comunhão, dotando-a e dirigindo-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos<sup>490</sup>. É o Espírito Santo que ensina a Igreja a recordar e a faz falar das “maravilhas de Deus” aos homens e torna-a sacramento de Cristo e do Espírito, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano<sup>491</sup>. É nesse sentido que a missão da Igreja, como obra salvífica do Mundo e da História da Humanidade, nunca poderá prescindir da ação poderosa do Espírito Santo, pois Ele é o protagonista da missão<sup>492</sup>.

---

<sup>487</sup>Cf. J. BŁASZCZYSZYN, *Insegnamento pneumatologico di Giovanni Paolo II*, 46.

<sup>488</sup>Cf. H. von BALTHASAR, *Credo – Meditações sobre o símbolo dos Apóstolos* (Coimbra: Ed. Gráfica Coimbra 1997) 77.

<sup>489</sup>JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *A Concílio Constantinopolitano I*, 1.

<sup>490</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *A Concílio Constantinopolitano I*, 7.

<sup>491</sup>Cf. CONCILIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, 1.

<sup>492</sup>Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, 21.

Por outro lado, a sua reflexão pneumtológica proporciona uma compreensão mais fecunda da universalidade e da presença do Espírito Santo fora do âmbito eclesial, visto que oferece uma base teológica para uma aproximação positiva às outras tradições religiosas não cristãs.

Quanto à perspectiva do fim do segundo Milénio do Cristianismo e a aproximação do Terceiro Milénio, a Pneumatologia de S. João Paulo II é um valioso instrumento para superar os vários problemas da nossa cultura contemporânea na construção da civilização do amor.

A sua forte insistência para recuperar a herança comum nos primeiros séculos do Cristianismo, para implementá-lo à luz do ensinamento do Concílio Vaticano II, com o objectivo de introduzir os cristãos no Terceiro milénio e desafiá-los a superar, em comunhão fraterna com as demais confissões cristãs, com os seguidores das religiões não cristãs e com homens e mulheres de boa vontade, os vários problemas da cultura contemporânea: o problema da divisão das igrejas cristãs e do direito à liberdade religiosa, o problema da paz e da justiça entre os povos e da dignidade humana, mas também os problemas do mundo da criatividade, ciência e tecnologia<sup>493</sup>. É o Espírito Santo que conduz a História à sua realização, que dá um sentido de esperança. E, por isso, os cristãos são desafiados a dar razões da sua esperança e a discernir os sinais de esperança que o Espírito suscita na Humanidade.

A sua profunda fé em Deus, revelado em Jesus Cristo e nos seus planos de salvação para todo o ser humano, mediante a ação do Espírito Santo, “Senhor que dá vida”, faz entender que é necessário que a pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, se abra a imensidade deste Espírito que é fonte de vida, pois Ele é o dom de Cristo Ressuscitado que abre a mente e o coração do homem à fé em Cristo e o guia para a amizade e a comunhão com Deus.

Em suma, podemos concluir que o seu denso e rico ensinamento pneumatológico ressalta a recuperação da problemática do Espírito Santo na dimensão teológica, ecuménica e pastoral da Igreja e, ao mesmo tempo, da sua importância espiritual para a vida humana, para a Igreja e para o Mundo.

---

<sup>493</sup>Cf. J. BŁASZCZYŹYŃ, *Insegnamento pneumatologico di Giovanni Paolo II*, 49.

# BIBLIOGRAFIA

## 1. Fontes

### 1.1. Catequeses de João Paulo II (de 1989 a 1991)

- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (Gennaio – Giugno), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1989.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 2 (Luglio – Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1989.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XIII, 1 (Gennaio – Giugno), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1990.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XIII, 2 (Luglio – Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1990.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XIV, 1 (Gennaio – Giugno), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1991.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XIV, 2 (Luglio – Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1991.

### 1.2. Catequeses na preparação do Jubileu do ano 2000

- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XXI, 2 (Luglio – Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1998.

### 1.3. Reflexões de João Paulo II no *Regina coeli* de 1989

- «*Angelus Domini*»: *Dalla Risurrezione all'effusione dello Spirito Santo*. Il dono della pietà, radice della nuova comunità umana che si basa sulla civiltà dell'amore (28 Maggio 1989), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (1989) 1376 – 1378
- Al «*Regina Coeli*»: *dalla Risurrezione all'effusione dello Spirito Santo*. La Pascoa prima Pentecoste (2 Aprile 1989), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (1989) 708 – 710)
- Al «*Regina Coeli*»: *dalla Risurrezione all'effusione dello Spirito Santo*. Il dono della sapienza: non solo conoscere le cose di Dio, ma sperimentale e viverle (9 Aprile 1989), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (1989) 774 – 776.
- Al «*Regina Coeli*»: *dalla Risurrezione all'effusione dello Spirito Santo*. Il dono dell'intelletto: la gioiosa percezione del disegno amoroso di Dio Dom do (16 Aprile 1989), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (1989) 832 – 831.
- Al «*Regina Coeli*»: *dalla Risurrezione all'effusione dello Spirito Santo*. Il dono della scienza: scorpire il senso teologico del creato (23 Aprile 1989), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (1989) 906 – 909.
- Al «*Regina Coeli*»: *dalla Risurrezione all'effusione dello Spirito Santo*. Il dono della forza dà vigore alla virtù di chi non scende a compromessi nell'adempimento del proprio dovere (14 Maggio 1989), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (1989) 1257 – 1258.
- Al «*Regina Coeli*»: Il dono del consiglio illumina la coscienza nelle scelte morali Dom do Conselho (7 Maggio 1989), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (1989) 1191 – 1194.
- All'«*Angelus Domini*»: *dalla Risurrezione all'effusione dello Spirito Santo*. Da questo santo e giusto timore dipende tutta la pratica delle virtù cristiane (11 Giugno 1989), in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XII, 1 (1989) 1643 – 1645.

### 1.4. Encíclicas de João Paulo II

- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dominum et vivificantem* (18 de Maio de 1986): AAS 78 (1986) 709 – 900.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium vitae*, in AAS 87 (1995) 401 – 522.

- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Mater* (25 de Março de 1987): AAS 79 (1987) 361 – 433.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (7 de Dezembro de 1978): AAS 83 (1991), 249 – 340.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ut Unum Sint* (25 de Maio de 1995): AAS 87 (1995) 921 – 982.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Veritatis Splendor* (6 de Agosto de 1993): AAS 85 (1993), 921 – 982.
- JOÃO PAULO II, Encíclica *Dives in Misericordia* (30 de Novembro de 1980): AAS 72 (1980), 1177 – 1232.
- JOÃO PAULO II, Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 de Abril de 2003), in AAS 95 (2003) 433 – 475.
- JOÃO PAULO II, Encíclica *Fides et Ratio* (14 de Setembro de 1998): AAS 91 (1999), 5 – 88.
- JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptor Hominis* (4 de Março de 1979) 6, in AAS 71 (1979), 257 – 324.
- JOÃO PAULO II, Encíclica *Slavorum Apostoli* (2 de Junho de 1985): AAS 77 (1985), 779 – 813.

## 1.5. Outros documentos de João Paulo II

- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IX/1, (Gennaio – Giugno), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1986.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IX/2, (Luglio – Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1986.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Vol. IX, 2 (Luglio – Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1986.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Vol. V, 1 (Gennaio – Aprile Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1982.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Vol. V, 3 (Luglio – Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1982.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Vol. VIII, 1 (Gennaio – Giugno), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1985.

- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Vol. X, 3 (Luglio-Dicembre), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1987.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Vol. XIV, 1 (Gennaio – Giugno), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1991.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. XXI, 1 (Gennaio – Giugno), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1998.
- GIOVANNI PAOLO II, *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XVI/1, (Gennaio – Giugno), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1993.
- JOÃO PAULO II, Bula *Incarnationis Mysterium* (29 de Novembro de 1998), in AAS 91 (1999), 129 – 143.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *A Concílio Constantinopolitano I* (25 de Março de 1981), in AAS 73 (1981), 513 – 527.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Dies Domini* (31 de Maio de 1998), in AAS 90 (1998) 713 – 766.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Euntes in Mundum* por ocasião do Milénio do Baptismo da Rus' de Kiev (25 de Janeiro de 1988), in AAS 80 (1988), 935 – 956.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Mane Nobiscum Domine* (7 de Outubro de 2004), in AAS 97 (2005), 337 – 352.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Mulieris dignitatem* (15 de Agosto de 1988), in AAS 80 (1988) 1653 – 1729.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte* (6 de Janeiro de 2001), in AAS 93 (2001), 266 – 309.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Orientalis Lumen* (2 de Maio de 1995), in AAS 87 (1995) 745 – 774.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (16 de Outubro de 2002), in AAS 95 (2003), 5 – 36.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (10 de Novembro de 1994), in AAS 87 (1995), 5 – 41.
- JOÃO PAULO II, *Carta às mulheres* (29 de Junho de 1995), in AAS 87 (1995) 803 – 812.
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de Outubro de 1979), in AAS 71 (1979), 1277 – 1366.

- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles Laici* (30 de Dezembro de 1988), in AAS 81 (1989), vol 1., 393 – 521.
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Ecclesia in Europa* (25 de Junho de 2003), in AAS 95 (2003), vol 2., 649 – 719.
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Familiaris Consortio* (22 de Novembro de 1981), in AAS 74 (1982), 81 – 191.
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis* (25 de Março de 1992), in AAS 84 (1992), vol 2., 637 – 804.
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Pastores Gregis* (16 de Outubro de 2003), in AAS 96 (2004), vol 2., 825 – 924.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* (28 de Junho de 2003), in AAS 95 (2003) 649 – 719.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* (25 de Março de 1996), in AAS 88 (1996), 377 – 486.
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Reconciliatio et Paenitentia* (2 de Dezembro de 1984), in AAS 77 (1985), vol 1., 185 – 275.
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Redemptionis Donum* (25 de Março de 1984), in AAS 76 (1984), 513 – 346.
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Vita Consecrata* (25 de Março de 1996), in AAS 88 (1996), 377 – 486.

## 1.6. Outros documentos do Magistério

- BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est* (24 de Dezembro de 2005) 19, in AAS 98 (2006) 217 – 252.
- BENTO XVI, Encíclica *Spe Salvi* (30 de Novembro de 2007), in AAS 99 (2007), 985 – 1027.
- BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (22 de Fevereiro de 2007), in AAS 99 (2007) 105 – 180.
- BENTO XVI, *Mensagem aos participantes do Congresso Internacional sobre o tema «O Concílio Vaticano II no pontificado de João Paulo II»* (28 de Outubro de 2008), in
- BENTO XVI, *Os Padres da Igreja. De Clemente de Roma a Santo Agostinho*, Editorial Franciscana, Braga, 2008.

- FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Editora Paulinas, Lisboa, 2013.
- JOÃO XXII, Constituição Apostólica *Humanae salutis* (25 de Dezembro de 1961), in AAS 54 (1962) 5 –13.
- LEÃO XIII, Encíclica *Divinum illud munus* (9 de Maio de 1897), in *Acta Leonis* 17 (1898), 125 – 148.
- PAOLO VI, *Insegnamenti di Paolo VI*, Vol. XI, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1973 .
- PAULO VI, Constituição Apostólica *Divinae consortium naturae* (15 de Agosto de 1971): AAS 63 (1971) 657 – 664.
- PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dezembro de 1975), in AAS 58 (1976) 5 – 76.
- PAULO VI, Exortação Apostólica *Marialis cultus* (2 de Fevereiro de 1974), in AAS 66 (1974), 113 – 168.
- PIO XII, Encíclica *Mystici Corporis Christi* (29 de Junho de 1943), in AAS 35 (1953) 193 – 248.

## 2. Bibliografia auxiliar

- BÍBLIA SAGRADA, Editora Difusora Bíblica, Fátima, 2001.
- BŁASZCZYSZYN, J., *Insegnamento pneumatologico di Giovanni Paolo II in Kairós* – Revista Acadêmica da Prainha Ano IV/1, Jan/Jun 2007, 44 – 96.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Editora Gráfica de Coimbra, 2ª Ed., Coimbra, 1999.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Documentos do Concílio Vaticano II – Constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares*, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002.
- CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005.
- DENZINGER, H.; SCHÖNMETZER, A., *El Magisterio de la Iglesia: Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Editorial Herder, Editio 34 emendata, Barcelona, 1967.

- FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, D., *Cristocentrismo de Juan Pablo II: El “mistério del Verbo encarnado” (GS 22) en las Encíclicas Redemptoris hominis(1979), Dives in misericordia (1980) y Dominum et vivificantem (1986)*, Estudio Teológico de San Ildefonso, Toledo, 2003.
- JOÃO PAULO II, *A missão do Redentor – Texto da Redemptoris Missio comentado por grupo de especialistas Redentoristas*, Editorial Perpétuo Socorro, Coleção: Comunidade Viva, nº 11, Porto, 1991.
- JOÃO PAULO II, *A resposta está no vento (Mensagens do Papa par o século XXI)*, Ed. Livro Brasil, Colecção Vida e Cultura Lisboa, São Paulo,1998.
- JOÃO PAULO II, *As reflexões para o Ano 2000*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1994.
- JOÃO PAULO II, *Atravessar o Limiar da Esperança*, Edições Temas da Actualidade S.A. Lisboa, 1994.
- JOÃO PAULO II, *Creo en Jesucristo – Catequesis sobre el Credo*, Ediciones Palabra, 5ª Ed., Madrid, 1998.
- JOÃO PAULO II, *Creo en la vida eterna – Catequesis sobre el Credo*, Ediciones Palabra, 2ª Ed., Madrid, 2003.
- JOÃO PAULO II, *Dom e Mistério nas minhas Bodas de Ouro Sacerdotais*, Ed. Paulinas Secretariado. Geral do Episcopado, 2ª Ed., Lisboa, 1996.
- JOÃO PAULO II, *Levantai-vos! Vamos! – autografia*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2004.
- JOÃO PAULO II, *Memória e Identidade – colóquios na transição do Milénio*, Bertrand Editora, 2ª Ed. Chiado, 2005.
- JUAN PABLO II, *Alabanza a la Trinidad – el hombre y su encuentro*, Ediciones Palabra, Madrid, 2002.
- JUAN PABLO II, *Creo en el Espíritu Santo – catequesis sobre el Credo (III)*, Editora Palabra, 6º Ed., Prólogo: Card. Ricardo Marí Carles, Colección: Libros Palabra, Madrid, 2003.
- JUAN PABLO II, *Creo en Jesucristo – Catequesis sobre el Credo (II)*, Ediciones Palabra, Volume II, 5ª Ed., Madrid, 1998.
- JUAN PABLO II, *La Virgen María. Catequesis sobre el Credo*, Ediciones Palabra, 2ª Ed., Madrid, 2001.
- LASANTA, P. J. *Diccionario de Teología y Espiritualidad de Juan Pablo II*, Editorial Edibesa, Madrid, 1997.

- LECOMTE, B., *João Paulo II*, Editora Ambar, 3ª Ed., Porto, 2004.
- MCCARTHY, B., *The Holy Spirit in the writings of Pope John Paul II*, St. Andrew's Productions, USA, 2001.
- MIGNE, Jacques Paul, *Patrologiae Cursus completus*, Series Latina, Parisiis, 1844 ss.
- MIGNE, Jacques Paul, *Patrologiae Cursus completus*, Series Latina, Parisiis, 1857 ss.
- SARAIVA MARTINS, J. (org.), *Credo in Spiritum Sanctum: Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia in occasione del 1600º anniversario del I Concilio di Costantinopla e del 1550º anniversario del Concilio di Efeso (Roma, 22-26 Marzo 1982)*, Libreria Editrice Vaticana, vol. 1 e 2 , Vaticano, 1983. ~
- VV.AA., *Ciclo de estudos sobre O Legado do Pensamento de João Paulo II*, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2006.
- WEIGEL, G., *Testemunho de Esperança – a biografia do papa João Paulo II*, Bertrand Editora, Lisboa, 2000.

### 3. Bibliografia complementar

- ALLEGRI, R., *O papa de Fátima – a vida de Karol Wojtyla*, Editora Presença, Lisboa, 2007.
- ALVES, Herculano, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblica, Fátima, 2001.
- ALVES, J. *Alguns aspectos do legado do Papa João Paulo II*, in *Estudos N. S.*, 4 (2005) 29 – 37.
- ALVIAR, J. (ed. lit.), *El tiempo del Espíritu: Hacia una teología pneumatológica*, EUNSA, Pamplona, 2006.
- AMATO, A. (dir.), *Comentário Teológico Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II – Tertio Millennio Adveniente*, Ed Secretariado Geral do Episcopado. Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1996.
- ARANDA, A., *Estudios de pneumatología*, EUNSA, Pamplona, 1985.
- ARTURO DOMÍNGUEZ, J., *La teología del Espíritu Santo*, in *Scripta theologica*, 20 (1988) 587 – 626.
- BALTHASAR, H. von, *Credo – Meditações sobre o símbolo dos Apóstolos*, Ed. Gráfica Coimbra, Coimbra, 1997.
- BALTHASAR, H. von, *Pneuma e institución*, Ed. Encuentro, Colección: Ensayos teológicos nº 4, Madrid, 2008.

- BASTERO DE ELEIZALDE, J. L., *El Espíritu Santo y María – reflexión histórico-teológica*, EUNSA, Colección Teológica 122, Pamplona, 2010.
- BLÁSQUEZ, Ricardo; ALEIXANDRE, Dolores (co-autor); ALCAIN, José António (co-autor), *La vida cristiana bajo el impulso del Espíritu*, Universidad de Deusto, Cuadernos de teología nº 17, Bilbao, 1998.
- BOBRINSKOY, B., *El Misterio de la Trinidad – curso de teología ortodoxa*, Editora Secretariado Trinitario, Salamanca, 2008.
- BORGES DE PINHO, J., *O Pontificado de João Paulo II e o Ecumenismo*, in *Ciclo de estudos sobre O Legado do Pensamento de João Paulo II* (Coimbra: Editora Gráfica de Coimbra 2006) 163 – 178.
- BORGES PINHO, J., *Trinta anos de reflexão eclesiológica. Caminhos, questões e tarefas na recepção do Concílio*, in *Humanística e teologia*, 31 (2010) 55 – 89.
- BRITO, Joaquim dos Reis, *Concílio Vaticano II, Espírito Santo e Eucaristia: contributo do Papa João Paulo II*, orient. Abel Canavarro, Ed. Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2008.
- BUENO DE LA FUENTE, E., *100 momentos-clave de la Teología Cristiana*, Editorial Monte Carmelo, Burgos, 2010.
- CAMISASCA, M.; *Il programma di un pontificato. Riflessioni sulla Redemptoris Hominis*, di Massimo Camisasca in *Communio, Giovanni Paolo II – 25 anni di pontificato*, numero 190-191, Luglio-Ottobre 2003, 28 – 34.
- CANTALAMESSA, R., *Vem, Espírito Criador! Meditações sobre o Veni creator*, Editora. A. O., Braga, 2009.
- CARBONELL, A. B., *La trilogía trinitaria de Juan Pablo II: claves para su lectura e interpretación* in *Anales Valentinus*, Vol. 26, Nº 52, 2000, 201 – 230.
- CARRILHO, A., *Mensagem de Evocação da Visita do Papa João Paulo II*, in <http://www.diocesedofunchal.pt/bispo-do-funchal/mensagens/evocacao-da:178>. Página consultada no dia 20 de Abril de 2014 às 13h. 12m
- CARRILHO, A., *Nota de apresentação do programa dos 500 anos da Diocese* [Conferência de imprensa no dia 17 de Maio de 2014], in <http://www.diocesedofunchal.pt/500-anos/nota-de-apresentacao-do-programa-dos-500-anos-da-diocese:626>). Página consultada no dia 20 de Abril de 2014 às 13h.10m.
- CARRILLO ALDAY, S., *O Espírito Santo em nossa vida*, Editora Paulus, 4ª Ed., São Paulo, 1992.

- Cf. GUILARTE, M., *Hitos catequéticos del pontificado de Juan Pablo II*, in *Teología y catequesis*, 97-98 (2006), 9 – 25.
- CODINA, V., «*No extingáis el Espíritu*» (1 Ts 5, 19): *una iniciación a la pneumatología*, Ed. Sal Terrae, Santander, 2008.
- CODINA, V., *Creo en el Espíritu Santo: pneumatología narrativa*, Ed. Sal Terrae, Colección: Presencia Teológica nº 78, Santander, 1994.
- COMASTRI, A., *Tu és Trindade*, Editora Paulinas, Lisboa, 2000.
- COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Cuestiones selectas de Cristología*, in *Documenta (1969-1985)*, 254 – 306.
- COMISSÃO NACIONAL DO JUBILEU DO ANO 2000, *O Espírito Santo e a Igreja Hoje – Jornadas de estudo na preparação do Grande Jubileu*, Santuário de Fátima, Ed. Paulinas, Lisboa, 1997.
- COMISSÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *O Espírito que é Senhor e dá vida-Subsídio. Pastoral e Missionário para o Ano de 1998*, Editora Paulinas, 2ª Ed., Lisboa, 1998.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Algumas questões sobre a Teologia da Redenção*, in *Gregorianum* 78 (1997) 421 – 476.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, 10, in *Civiltà Cattolica*, IV (6 de Novembro de 2004) 254 – 286.
- COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Do Teu Espírito, Senhor, está cheia a terra*, Editora Paulinas, Lisboa, 1997.
- COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Jesus Cristo Salvador do Mundo*, Editora Paulinas, Lisboa, 1996.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral O Espírito Santo, Senhor que dá a Vida*, Ed. Secretariado Geral do Episcopado, 2ª Ed., Fátima, 1997.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Ritual Romano-Celebração das Exéquias*, Editorial A.O., Braga, 2005.
- CONGAR, Y.; *El Espírito Santo*, Editorial Herder, 2ª Ed., Barcelona, 2009.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos bispos da Igreja Católica acerca de alguns aspectos da meditação cristã* (15 de Outubro de 1989), in *AAS* 82 (1990) 362 – 379.

- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta referente a algumas questões de Escatologia* (17 de Maio de 1979), in AAS 71 (1979) 939 – 943.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Declaração sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja *Dominus Iesus* (6 de Agosto de 2000), in AAS 92 (2000), 742 – 765.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização* (3 de Dezembro de 2007), in AAS 100 (2008) 489 – 504.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Tradução do artigo «Carnis Resurrectionem» do Símbolo dos Apostólico* (14 de Dezembro de 1983), in *Documenta* 55, 249 – 251.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a liturgia. Princípios e orientações*, Editora Paulinas, Lisboa, 2003.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA – CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Jesus Cristo portador da água viva. Uma reflexão cristã sobre a "New Age"*, 2ª Ed., Lisboa, Editora Paulinas, 2003.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Viver o Ano da Fé*, Editora Paulus, Lisboa, 2012.
- CORDOVILLA, Á., *Trinidad, persona y sociedad. Sobre el magisterio de Juan Pablo II*, in *Sal Terrae* 93 (2005), 487 – 500.
- DÍAZ, C.; *Creer en el Espíritu* in *Estudios triniátrios* 19 (1985), 79 – 90.
- DOMÍNGUEZ ANSENSIO, J. A., *La teología del Espíritu Santo* in *Scripta Theologica*, 20 (1988/2-3) 587 – 626.
- FARIA, Teodoro de, *João Paulo II – Pastor Universal na Madeira*, Edição da Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), Funchal, 2011.
- FARIAS, J., *O Espírito e a História: o pneuma divino no recente debate sobre as pessoas da Trindade*, Ed. Pontificia Universitas Gregoriana, Facultas Theologiae, Roma, 1989.
- FARIAS, J., *O Espírito Santo na teologia contemporânea*, in *Communio*, Ano XV, nº 2, Março/Abril 1998, 123 – 142.
- FARIAS, J., *Pneumatologia e antropologia*, in *Didaskalia* XXV, Fasc. 1 e 2 (1995) 469 – 503.

- FERNÁNDEZ RAMOS, F., *El otro Paráclito. Transfondo bíblico de la encíclica «Dominum et Vivificantem»* in *Estudios trinitários* 22 (1988), 65 – 114.
- FORTE, B., *Introdução aos Sacramentos*, Editora Gráfica Coimbra, Coimbra, 1997.
- GAILLARDETZ, R.; CLIFFORD, C.; *As «chaves» do Concílio Vaticano II – À descoberta do Vaticano II*, Editora Paulinas, Lisboa, 2012.
- GELBERT BALLESTER, M., *El Señor que da la vida. Consideraciones teológicas a propósito de la Dominum et vivificantem*, in *Estudios trinitários*, 22 (1988) 115 – 144.
- GROUP DES DOMBES, *Maria no projecto de Deus e a comunhão dos santos*, Ed. Gráfica Coimbra, Coimbra, 1998.
- HAZIM, I., *Voici, Je fais toutes les choses nouvelles*, in *Irénikon* 42 (1968) 344 – 359.
- HILBERATH, B. J., *Pneumatologia*, Editrice Queriniana, Brescia, 1996.
- ILLANES, J., *Antropocentrismo e teocentrismo en la enseñanza de Juan Pablo II*, in *Scripta Theologica*, 20 (1988) 643 – 666.
- J. RATZINGER – BENTO XVI, *Credo para hoje. Em que acreditam os cristãos*, Editorial Franciscana, Braga, 2007.
- JOSEPH RATZINGER – BENTO XVI, *João Paulo II o meu venerado predecessor*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008.
- JOSEPH RATZINGER – BENTO XVI, *Paulo: O Apóstolo dos gentios*, Editora Paulus, 2ª Ed., Lisboa, 2008.
- KASPER, W., *Directório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo-Guia para uma espiritualidade ecuménica*, Editora Paulinas, Prior Velho, 2009.
- LABARRIÈRE, T., «*Creo en el Espíritu Santo, Señor y Dador de Vida*». *El Credo y el testimonio del Papa Juan Pablo II*, in *Teología y catequesis*, 97-98 (2006) 57 – 85.
- LAMBIASI, F; VITALI, D., *Lo Spirito Santo: Mistero e presenza. Per una sintesi di pneumatologia*, EDB, 2ª Ed., Bologna, 2005.
- LAMELAS, I. P., *Sim, cremos – O Credo comentado pelos Padres da Igreja*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013.
- MADONIA, N., *Cristo siempre vivo en el Espíritu: fundamentos de cristología pneumática*, Editora Secretariado Trinitario, Colección: Ágape n. 43, Salamanca, 2006.
- MARTINELLI, P., *Lo Spirito Santo in Dio e nel mondo* in *Communio, Lo Spirito Santo converte e rinnova il cuore*, numero 158, Marzo-Aprile 1998, 9 – 29.

- MATEO-SECO, L. F., *Juan Pablo II: Una lección de Pneumatología*, in *Scripta Theologica* 36 (2004) 185 – 202.
- MOLTMANN, J., *El Espíritu de la vida: una pneumatología integral*, Ed. Sígueme, Colección: Verdad e imagem, 142, Salamanca, 1998.
- MORALES, J., *El Espíritu Santo “Creador” en la Encíclica “Dominum et vivificantem”* in *Scripta Theologica* 20 (1988/2-3), 627 – 642.
- MÜEHLEN, H., *El Espíritu Santo en la Iglesia*, Editorial Secretariado Trinitário, Coleção: Koikonia nº 1, Salamanca, 1974.
- MÜLLER, G. L., *Dogmática-Teoria y práctica de la teología*, Editora Herder, Barcelona, 1998.
- NEVES, C., *Visão do Homem e do Mundo em João Paulo II*, in *Estudos teológicos*, 16 (2012) 75 – 95.
- PAPA FRANCISCO, *O Espírito Santo é quem nos recorda as coisas de Deus*, in <http://www.news.va/pt/news/papa-francisco-o-espírito-santo-e-quem-nos-recorda>.Página consulta no dia 20 de Abril de 2013 às 13h.20m.
- PHILIPPE, J., *En la escuela del Espíritu Santo*, Ediciones Rialp, S.A., 9ª Ed., Madrid, 2012.
- PIKAZA, X., *El Espíritu Santo y Jesús* in *Estudios trinitários* 16 (1982), 3 – 79.
- POLI, Mario (dir.), *Dia a dia com o Espírito Santo – Preparando o Jubileu*, Editora Gráfica Coimbra, Coimbra, 1997.
- PONCE CUELLAR, M., *La enseñanza sobre la Virgen de Juan Pablo II*, in *Teología y catequesis*, 97-98 (2006) 123 – 156.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, *As tradições grega e latina a respeito da processão do Espírito Santo*, in *L'Osservatore Romano* (ed. Portuguesa), 3 de Agosto de 1996, 4.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO – CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Instrução Diálogo e Anúncio* (19 de Maio de 1991), in *AAS* 84 (1992) 414 – 446.
- RADCLIFFE, T., *Ir à Igreja porquê?-O drama da Eucaristia*, Editora Paulinas, Prior Velho, 2010.
- RANHER, K., *Advertencias sobre el tratado dogmático «De Trinitate»*, in *Escritos de Teología*, IV (Madrid: Taurus 1961) 105-136.

- RATZINGER, J.; BALTHASAR, H. von, *Maria, primeira Igreja*, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2004.
- RIAUD, A., *A acção do Espírito Santo nas almas*, Editora Rei dos Livros, Coleção: Éfeso, nº 83, Lisboa, 1995.
- ROSA, José Maria Silva, “Introdução” e “Notas” à trad. port. e edição bilingue da obra de Santo Agostinho, *De Trinitate*, Santuário de Fátima - Paulinas, Lisboa, 2007.
- RUINI, C., *O Terceiro Milénio: Um desafio aos crentes para robustecerem a fé e o testemunho* in *Comentário Teológico Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II – Tertio Millennio Adveniente* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado-Editora Rei dos Livros 1996) 321 – 335.
- S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, Ed. bilíngue latim - português. São Paulo: Loyola, 9 Volumes, 2001 – 2006.
- SANTO HIPÓLITO ROMANO Hipólito, Santo; Botte, B. (ed. lit.), *La Tradition Apostolique de Saint Hippolyte: Essai de Reconstitution / Par B. Botte*, Münster, 1989.
- SANTO. AGOSTINHO, *Trindade De Trindade*, Edição Bilingue, Co-edição: Santuário de Fátima – Paulinas, Lisboa, 2007.
- SANTOS, C., *El Espíritu Santo desde sus símbolos-Retiro com el Espíritu*, Editorial Desclée de Brouwer, Bilbao, 2004.
- SCHEFFCZYK, L., *La Encíclica sobre el Espíritu Santo. Balance realista y mensaje de esperanza para el signo que comienza* in *Scripta Theologica* 20 (1988/2-3) 569 – 586.
- SCHÖNBORN, C., *Es el Señor y la vida* in *Scripta Theologica* 20 (1988/2-3), 551 – 568.
- SCHÜTZ, C., *Introducción a la Pneumatología*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1991.
- SERAFIM DE SAROV, *O diálogo com Motovilov*, Editora Paulina, Lisboa, 2004.
- SERVIÇOS INTERNACIONAIS DO RENOVAMENTO CATÓLICO. COMISSÃO DOUTRINÁRIA, *A efusão do Espírito Santo*, Edições Pneuma, Lisboa, 2013.
- SESBOÛE, B., SJ (dir.), *Pensar e viver a fé no terceiro milenio – convite aos homens e as mulheres do nosso tempo*, Editora Gráfica Coimbra, Vol. 1, Coimbra, 2001.
- SESBOÛE, B., SJ (dir.); WOLINSKI, J., *História dos Dogmas – O Deus da Salvação (Séculos I – VIII)*, tomo 1, 2ª Ed., Loyola, São Paulo, 2005.
- SESBOÛE, B., SJ; THEOBALD, C., *História dos Dogmas – A Palavra da Salvação (Séculos XVI – XX)*, tomo 4, 2ª Ed., Loyola, São Paulo, 2005.

- SESBOÛE, B.; BOURGEOIS, H.; TIHON, P., *História dos dogmas- Os sinais da Salvação (século XII-XX)*, tomo 3, Loyola, São Paulo, 2005.
- ŠPIDLÍK, T., *La espiritualidad del oriente cristiano*, Editorial Monte Carmelo, Burgos, 2004.
- STENICO, T., *Las Encíclicas de Juan Pablo II* (Editorial ANAYA, 1ª Ed., Madrid, 2005.
- SODANO, A., *Mensagem do Cardeal Angelo Sodano ao Congresso sobre «Os sinais do Espírito no século XX. Uma releitura histórica: a narração das testemunhas»* (Lucca 30 de Setembro – 2 de Outubro de 2005), in [http://www.va/roman\\_curia/secretarit\\_state/2005/documents/rc\\_segst\\_20050928\\_sodano-lucca\\_po.html](http://www.va/roman_curia/secretarit_state/2005/documents/rc_segst_20050928_sodano-lucca_po.html). Página consultada no dia 15 de Maio de 2014 às 17h. 19m.
- SUENENS, L. J., *O cristão no limiar dos novos tempos*, Editora Paulinas, Lisboa, 1998.
- WELKER, M., *Lo Spirito di Dio – teologia dello Spirito Santo*, Editrice Queriniana, Biblioteca di teologia contemporanea n° 81, Brescia, 1995.